PLANETA UFOLOGIA

ESPECIAL

Número 130-A

Cr$ 790

HYNEK:
AS 2 FACES DO
FENÔMENO

OS CASOS
MAIS RECENTES

COLONIZAÇÃO
EXTRATERRENA

OVNIS E
ELEMENTAIS

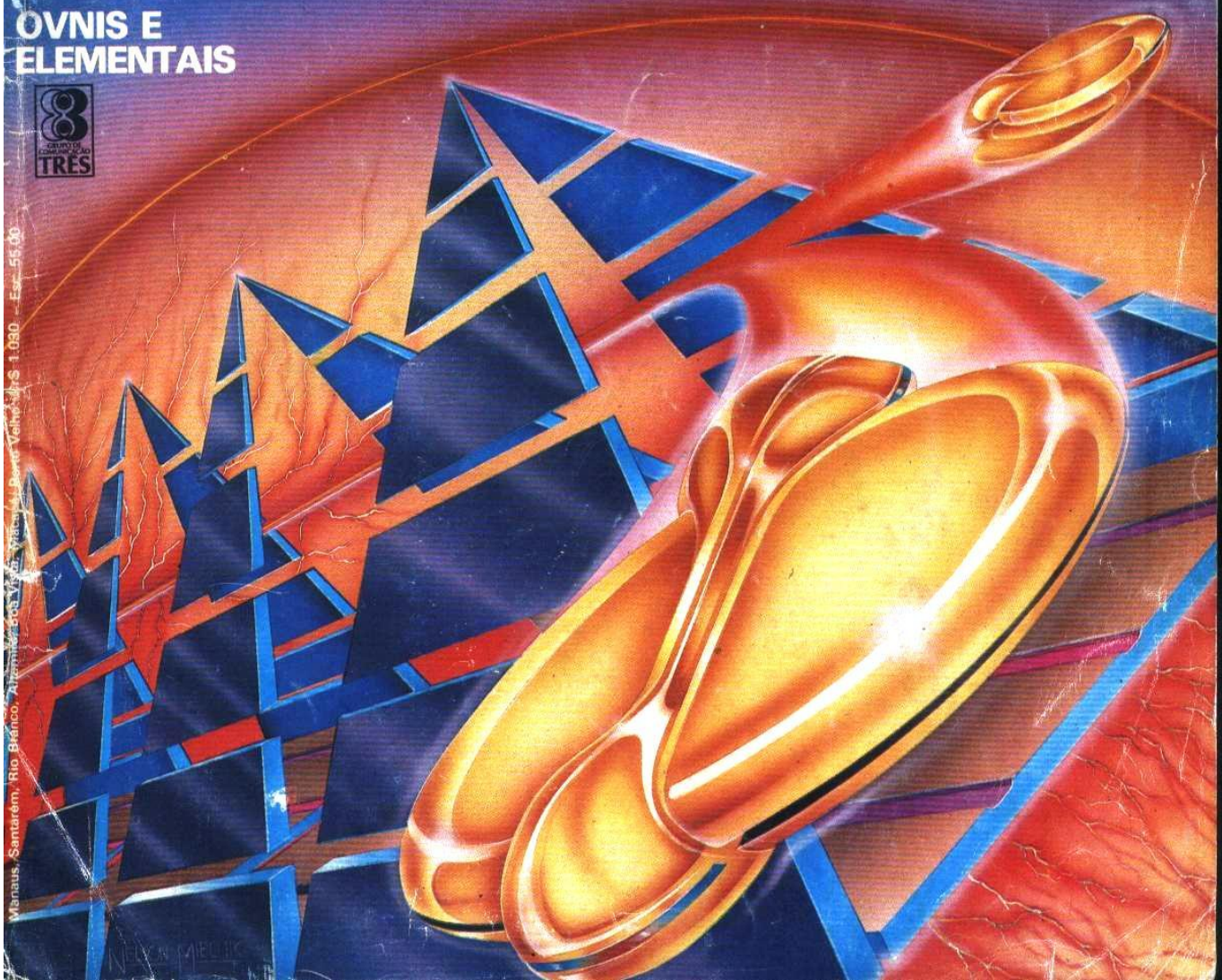
EXCLUSIVO

TUDO SOBRE
O II CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE UFOLOGIA EM
BRASÍLIA

RESPONDENDO
AO ENIGMA

OS PROGRESSOS
NA PESQUISA

A VISÃO
ABRANGENTE
DE HURTAK



Manaus, Santarém, Rio Branco, Ji-Paraná, Porto Velho - R$ 1.030 - Esc. 55,00

GRUPO DE COMUNICAÇÃO TRÊS

EDITORES:
Domingo Alzugaray
Cátia Alzugaray

EDITOR ASSISTENTE
Múcio Borges da Fonseca

PLANETA

EDITOR
Edenilton Lampião

EDITOR ASSISTENTE
Eduardo Araia

DIRETOR DE ARTE
Marcos Antonio Galante

ASSISTENTE DE ARTE
Pedro de Moraes Bento

COLABORADORES

Ari Moraes, Bernado Pellegrini, Carlos Tavares, Carlos Reis, Carlos Roque, Cláudia Hollander, Dagomir Marquezi, Elsie Dubugras, Eugênio Araújo, Jaime Lauda, Jary Cardoso, Luís Pellegrini, Márcio Bontempo, Marco Antônio de Lacerda, Marco Antônio de Menezes, Roberto Pereira, Vani Rezende e Valter Vetillo (textos); Araquém Alcântara (fotos); Marco A. Sismotto, Martinez, Nelson Mielnik e Rogério Borges (ilustrações); Cinthva N. Biruel (secretária).

PUBLICIDADE
Representante em São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Três Ltda., rua William Speers, 1.000, São Paulo – SP, CEP: 05065.

São Paulo
Diretor Comercial: Darcy Reis
Gerente: Carlos Augusto Reis
Fone: 261-0077

Projetos Especiais
Gerente: Perla Nahum

Rio de Janeiro
Diretor: Francisco de Paula Freitas
Representantes: Amazonas – José Joaquim Marinho. Tel.: (092) 232-5565 (Manaus). **Bahia** – Antonio Dias dos Santos. Tel.: (071) 242-9601 (Salvador). **Paraná** – Intermídia. Tel.: (041) 233-6971 (Curitiba). **Pernambuco** – Abérides Nicéias. Tel.: (081) 221-1296, 231-4862 (Recife). **Minas Gerais** – José Maria Cruz Neves. Tel.: (031) 337-8545 (Belo Horizonte). **Rio Grande do Sul** – R. R. Gianoni Com. e Representação Ltda. Tel.: (0512) 33-2043 (P. Alegre).

Coordenadoria de Publicidade
Maria de Fátima da Silva Barros

CIRCULAÇÃO
Ricardo Toríbio

CPG – CENTRO DE PRODUÇÃO GRÁFICA
Diretor de Produção: Alexandre Toríbio
Coordenadora Gráfica: Maria Aparecida Garcia Ricci. **Promoção:** Maria Lenilde Silva (redatora), Francisco José da Silva (chefe de arte). **Revisão:** Vera H. Rodrigues Carneiro (chefe), B. E. dos Santos Neto, C. A. R. Fonseca, C. T. Y. Pinto, E. D. Silva, H. M. Conti, J. A. F. Santos, N. F. de Almeida, O. da R. Diniz Filho, P. R. Lopes, R. Cordeiro. **Paste-up:** José Pereira Godoy (chefe), J. M. de Aguiar, J. R. F. Leite, W. Graciano, U. R. do Amaral, A. B. dos Santos, M. A. Jordão, F. Kapahnke, S. R. S. Pereira, A. Hayashi, N. Gomes. **Composição:** C. T. Uyeda, K. Hanashiro, M. E. C. Tavares, S. N. de Oliveira, C. R. Cardenas, C. C. Teves, E. Corrêa, S. R. P. de Moraes, B. A. Júnior.

ESTÚDIO FOTOGRÁFICO
Fotografia: Arnaldo Bento. **Coordenação de Produção:** Anna Christina Franco. **Assistente de Produção:** Reynaldo Zoéga Filho. **Assistente de Estúdio:** Antonio Rui Monteiro. **Auxiliar:** Marcelo Toríbio. **Secretária:** Sônia Maria Pâal.

ASSINATURAS
Serviço aos assinantes: São Paulo: Sr. Elton Cadasto. Tel.: (011) 260-0533 ramal 40 (São Paulo). **Bahia:** Cedo Distribuidora de Publicações Ltda. Tel.: (071) 243-6599 (Salvador). **Belo Horizonte:** Sebba e Ramalho Ltda. Tel.: 201-2294. **Belém:** C. P. Ribeiro. Tel.: 222-6724. **Brasília:** Ramalho & Duarte Ltda. Tel.: (061) 226-3798 (Brasília). **Campinas:** Silva & Villar Ltda. Tel.: (0192) 32-5067 (Campinas). **Fortaleza:** Júlio Cezar B. Peres. Tel.: 226-9745. **Goiás:** Ramalho & Duarte Ltda. Tel.: (062) 223-1246 (Goiânia). **Macapá:** C. P. Ribeiro. Tel.: 621-4846. **Minas Gerais:** Dijor Ltda. Tel.: (031) 351-9755 (Contagem). **Paraná e Sta. Catarina:** J. Lopes Representações Ltda. Tel.: (041) 232-3245 (Curitiba). **Rio de Janeiro:** J II Crisóstomo Representações Ltda. Tel.: (021) 242-2843 (Rio de Janeiro). **Rio Grande do Sul:** O. J. A. Repres. Comerciais Ltda. Tel.: (0512) 225-7685 (Porto Alegre).

RESPONSÁVEL
Cátia Alzugaray

UFOLOGIA é uma edição especial da revista PLANETA, publicação do Grupo de Comunicação Três Ltda. Redação e Administração: Rua Engenheiro Fox, 135, fone 260-0533, ramal 10 (PBX), Caixa Postal 223, São Paulo, SP, 05069. Endereço telegráfico: Editrês. Escritório no Rio de Janeiro, representante de publicidade: Av. Almirante Barroso, 63, sala 1509, fone 240-2075. Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Assinatura anual: o preço de capa multiplicado por 12 edições, mais o porte registrado de superfície ou aéreo. Assinatura bienal: o preço de capa multiplicado por 24 edições, mais o porte registrado de superfície ou aéreo. Os números atrasados devem ser pedidos diretamente ao Grupo de Comunicação Três Ltda., Caixa Postal 223, São Paulo, SP, CEP 01000. Não publicamos matérias redacionais pagas. PLANETA não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados. Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.: Rua Teodoro da Silva, 907, fone 268-9112, Rio de Janeiro, RJ. A composição e os fotolitos desta obra foram feitos pela Três Livros e Fascículos Ltda., e a impressão pela CLY (rua Cadete, 209, São Paulo, SP). Reg. nº 541, de 31/08/72, no 3º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa. PLANETA foi fundada por Louis Pauwels e Jacques Bergier.

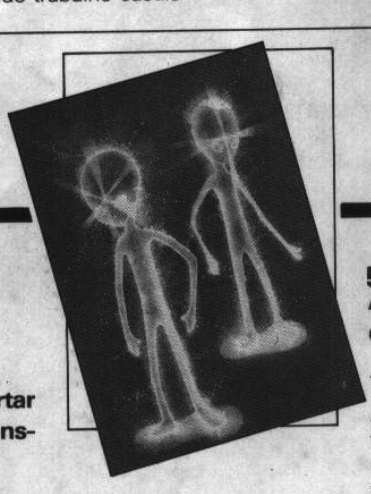
PLANETA
UFOLOGIA

Muitas pessoas se perguntam qual é a utilidade dos congressos de ufologia. Dizem elas que há tempos os ufólogos não produzem nada de novo, e com isso as reuniões ufológicas não passam de *déjà vu*, meras repetições do que se viu em ocasiões passadas.

Não diremos que esses indivíduos estejam completamente errados. De fato, em algumas áreas as pesquisas emperram e os estudiosos ficam caminhando em círculos, sem produzirem nenhuma descoberta ou teoria realmente significativa. No entanto, o II Congresso Internacional de Ufologia (realizado em Brasília, de 17 a 21 de abril deste ano) serviu para desmentir em larga margem os anticongressistas e mostrar, ao menos em parte, a utilidade de eventos deste gênero: ele apresentou um vasto e abrangente painel da ufologia em nossos dias, colocou em contato diversos pesquisadores que dificilmente teriam conhecimento uns dos outros por vias normais (um exemplo: quanto tempo a mais seria necessário para os norte-americanos Allen Hynek, Leo Sprinkle e James Hurtak descobrirem o esplêndido trabalho casuístico do brasileiro A. J. Gevaerd, que tanto os impressionou?), revelou novas áreas que estão sendo estudadas interrelacionadas ao fenômeno UFO e, num testemunho supremo de sua importância, foi a origem de duas associações (uma de nível internacional, e a outra, de caráter nacional) de ufólogos.

A presente edição especial de *Planeta* objetiva levar a seus leitores o que de melhor houve neste II Ciufo. O trabalho efetuado por nosso enviado *Adilson Machado*, com a colaboração de *Iracema Pires* (ambos também responsáveis pelo jornal ufológico *Realidade Fantástica*), percorreu o congresso e seus bastidores (simultaneamente e no mesmo local foi realizado o II Festival Para o Homem do Terceiro Milênio), acompanhando a nova casuística levantada pelos ufólogos, as tendências verificadas no encaminhamento das pesquisas e as diversas teorias propostas para explicar o fenômeno. Um rico e variado panorama da ufologia atual, à disposição de todos nas páginas seguintes.

Eduardo Araia



4
Introdução

6
II Ciufo: o despertar para uma nova consciência

12
A contribuição à casuística

26
Os rumos atuais das pesquisas

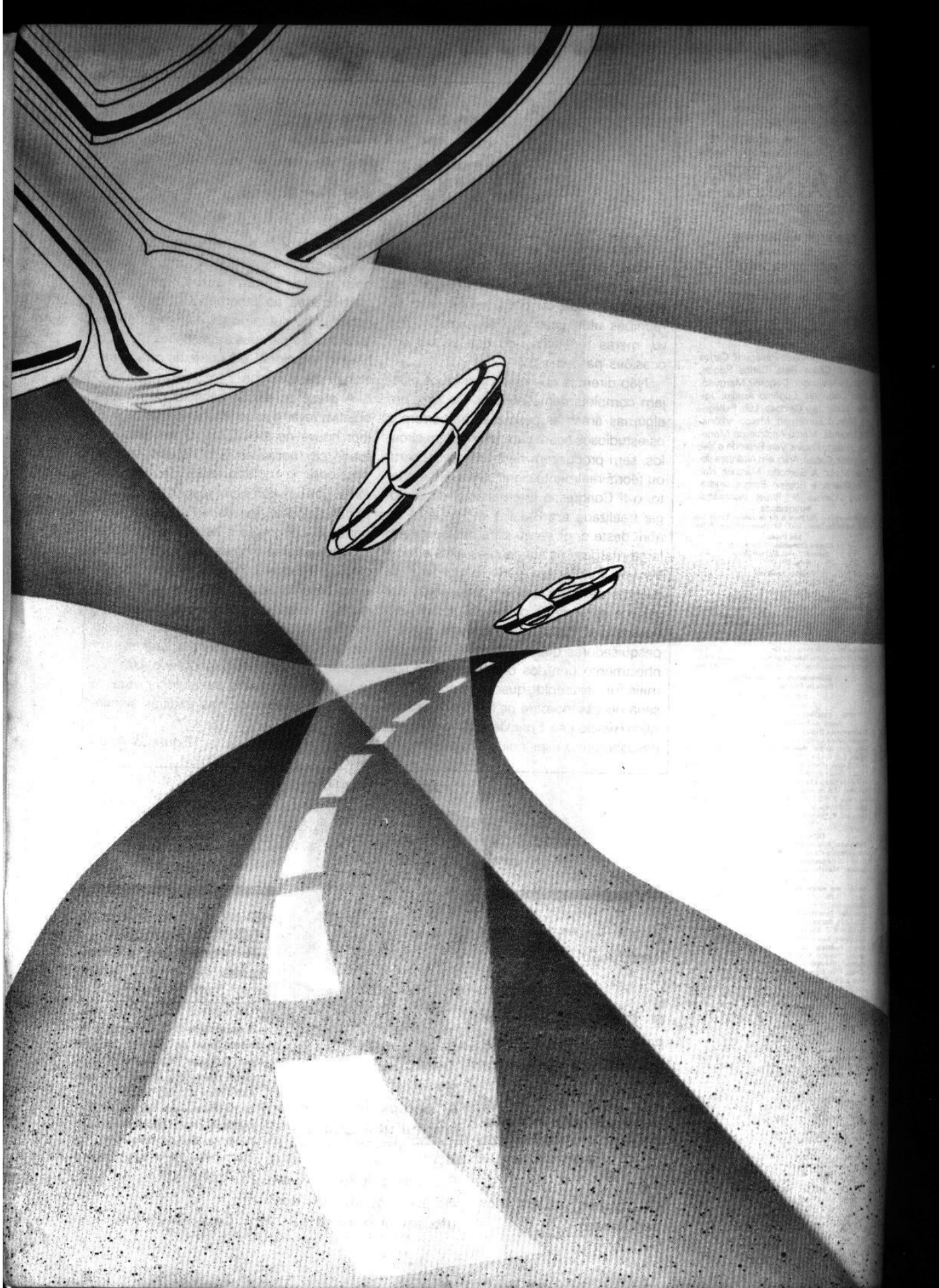
37
A parapsicologia e o enigma ufológico

40
Da colonização ao Apocalipse: o auxílio dos ufonautas à Terra

52
A procura de explicações

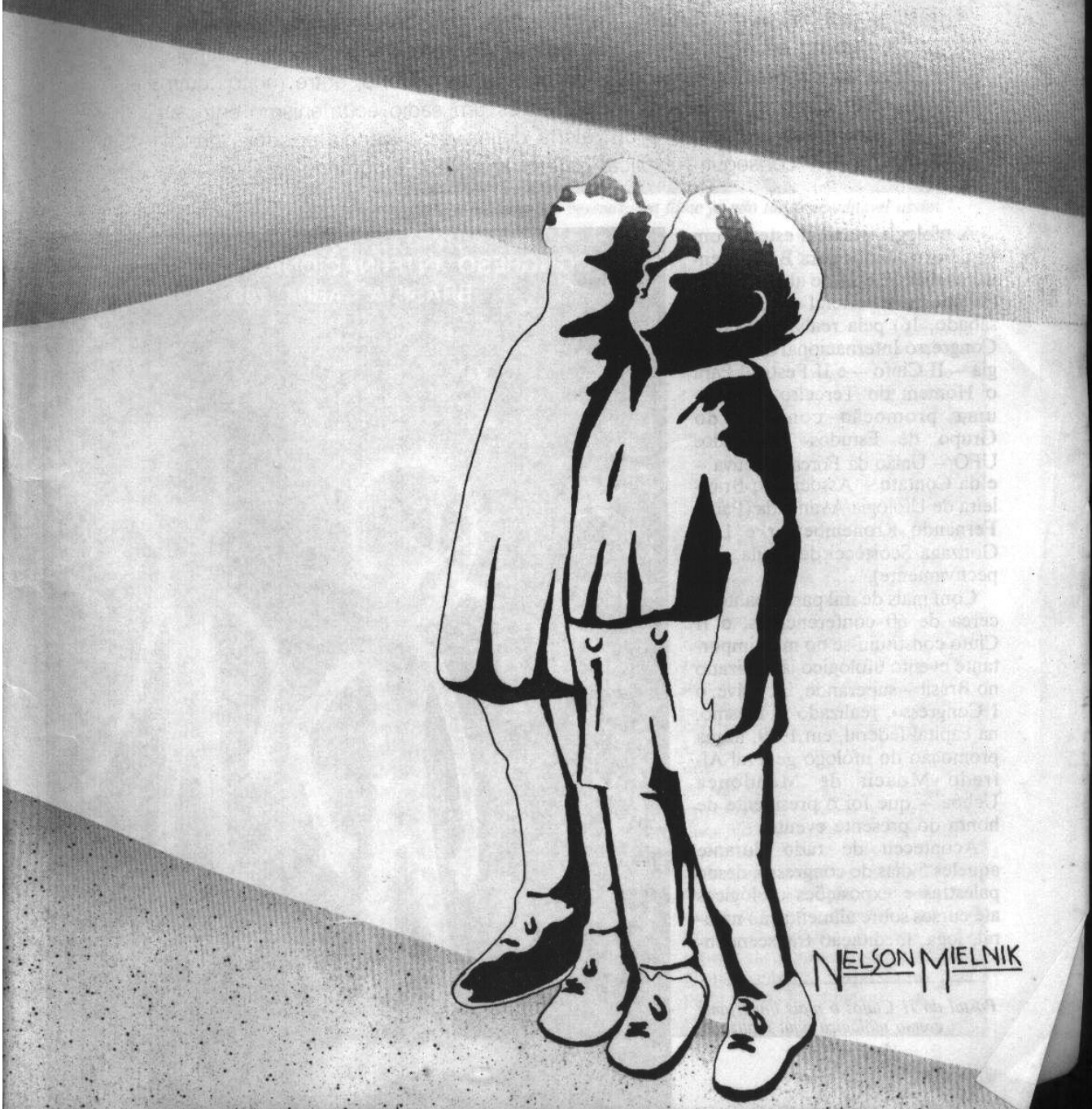
A cobertura do II Congresso Internacional de Ufologia foi feita por Adilson Machado, responsável pelo texto integral da edição (com a colaboração de Iracema Pires). As fotos utilizadas neste número são de Ormuzd Alves e do Arquivo Três; as ilustrações, de Nelson Mielnik e do Arquivo Três.

Capa: Nelson Mielnik



O GRANDE MOMENTO DA UFOLOGIA

Durante seis dias as atenções do mundo ufológico estiveram concentradas em Brasília. De 16 a 21 de abril realizou-se ali o maior congresso ufológico do Ocidente – tanto pelo número dos congressistas e conferencistas como pela importância das teses apresentadas. Uma revolução cultural está em marcha – e ali fez sua aparição pública. A ciência precisa mudar foi a tônica. Uma verdadeira festa de congraçamento entre o místico e o científico; entre o mundo real e o imaginário. A estrela de James Hurtak brilhou fulgurante, e o cauteloso Hynek admitia uma dupla realidade para o fenômeno UFO. Um marco para a ufologia e o despertar de uma nova consciência. Eis um esboço do II Congresso Internacional de Ufologia, em Brasília, com seu II Festival Para o Homem do Terceiro Milênio – Paulo Kronemberger e Luiz Gonzaga Scortecci de Paula em seu momento maior.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE UFOLOGIA

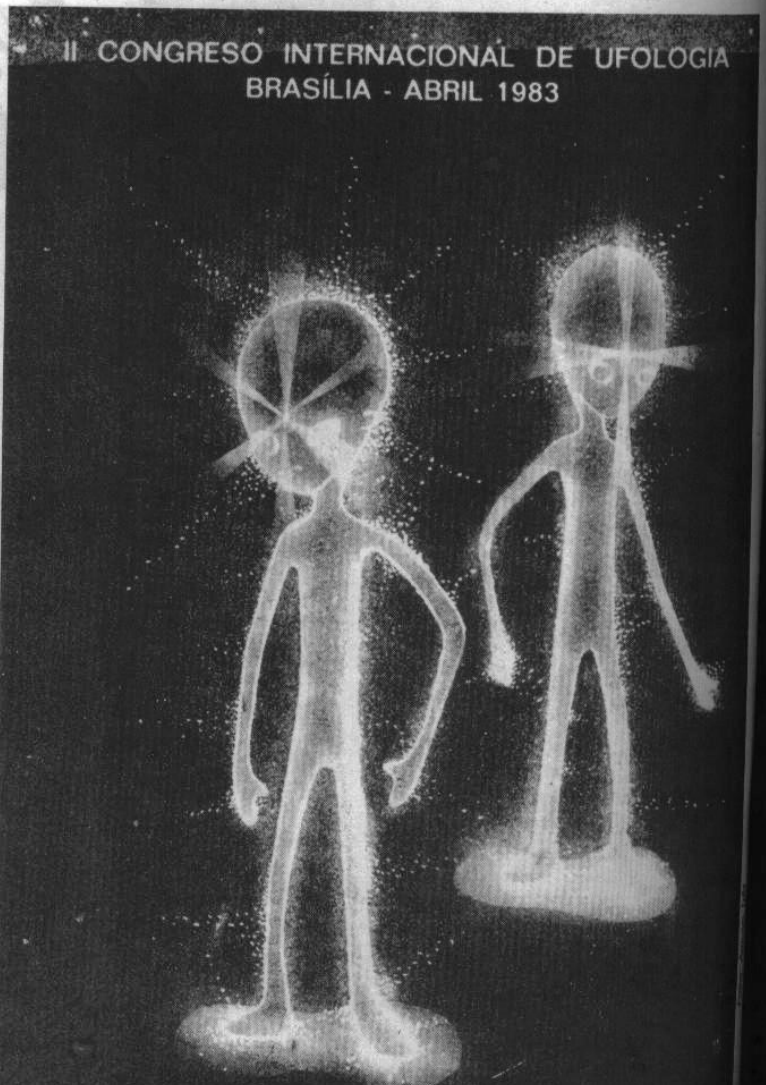
O DESPERTAR DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA

Realizado em meados de abril deste ano, o II Congresso Internacional de Ufologia (simultâneo ao II Festival Para o Homem do Terceiro Milênio) atraiu o interesse de todo o mundo ufológico para Brasília, sede do evento. Além das presenças de diversas autoridades no campo – como os norte-americanos Hynek, Sprinkle e Hurtak, o argentino Zerpa ou os brasileiros Irene Granchi e Ernesto Bono, entre muitos outros –, o II Ciufo mostrou aos espectadores um sadio ecumenismo entre as correntes ufológicas e um alerta definitivo: a ciência ortodoxa nunca conseguirá explicar definitivamente o fenômeno UFO.

A ufologia mundial esteve com os olhos voltados para Brasília entre os dias 17 e 21 de abril de 1983 (a abertura oficial deu-se no sábado, 16) pela realização do II Congresso Internacional de Ufologia – II Ciufo – e II Festival Para o Homem do Terceiro Milênio, uma promoção conjunta do Grupo de Estudos Avançados UFO – União da Força Objetiva – e da Contato – Associação Brasileira de Ufologia Avançada (Paulo Fernando Kronemberger e Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, respectivamente).

Com mais de mil participantes e cerca de 60 conferencistas, o II Ciufo constituiu-se no mais importante evento ufológico já realizado no Brasil – superando, inclusive, o I Congresso, realizado lá mesmo, na capital federal, em 1979, numa promoção do ufólogo general Alfredo Moacir de Mendonça Uchôa – que foi o presidente de honra do presente evento.

Aconteceu de tudo durante aqueles 5 dias de congresso, desde palestras e exposições ufológicas até cursos sobre alimentação natural, ioga, meditação transcenden-



Postal do II Ciufo: o mais importante evento ufológico aqui realizado.

Uma atenta platéia de aproximadamente mil pessoas acompanhou com interesse as palestras deste congresso.

tal, agricultura alternativa, exposição sobre as realizações do Projeto Alvorada, vendas de livros e de produtos naturais para alimentação e limpeza de pele, audiovisuais e exposição de pinturas mediúnicas. De tudo para todos os gostos – da ufologia científica à mística –, principalmente na postura anticientífica.

Destaques brasileiros e do Exterior

O II Ciufo contou com presenças de destaque no mundo da pesquisa ufológica, parapsicológica e metafísica, incluindo nomes de fama internacional como os do astrofísico Joseph Allen Hynek, Leo Sprinkle da Universidade de Wyoming, e James Hurtak, Cynthia Hind (da África do Sul), o português Joaquim Fernandes (que vem de lançar seu importante trabalho sobre as aparições de Fátima), Fábio Zerpa (da Argentina, diretor da Onife), Virgilio Sanches Ocejo (cubano residente em Miami, nos EUA), o médico, parapsicólogo e psicanalista Ernesto Bono (de Porto Alegre), a jornalista e parapsicóloga Elsie Dubugras, A. J. Gevaerd, Tácito Sampaio, Antônio P. S. Faleiro (com seu interessante levantamento associando fenômenos UFO às aparições de entidades folclóricas pelo interior do Brasil), professor Mário Sanchez (de Goiânia), o argentino Carlos Villegas, Jaime Lauda e Carlos Alberto Reis (do Ceex, de São Paulo), comandante Carlos Caparelli (do Rio de Janeiro), Neythe R. de Abreu (da Soma, de Porto Alegre), Sílvio Lago (psicólogo carioca), o repórter fotográfico Almiro Baraúna (mundialmente conhecido por suas fotos do UFO da ilha da Trindade), a poetisa Wanda Campos, Jorge Arias Gonsalves (boliviano de Oruro, participando pela primeira vez de um congresso internacional), Reynaldo Rocha (pesquisador goiano que apresentou interessante trabalho sobre pesquisas arqueológicas no Brasil Central), Aurélio Zaluar, Ubirajara Franco Rodrigues (mineiro que busca a explicação do fenômeno UFO pelo lado da lingüística), Jesus Roberto Rovero (da Faece argentina, e que presidiu à sessão plenária onde se criou a Associação Mundial de Ufologia, efetivada durante os trabalhos do II Ciufo), o próprio general Uchôa, o garoto paulista (de 13 anos) Lúcio Manfredi, Antônio Jorge Thor, Marco Antônio V. de Sá e Souza (de Santos, SP) e Antônio Buda – que, aliás, levantou veementes protestos por parte de alguns congressistas ao exibir um filme contendo cenas de "sexo e violência".

Democracia ufológica

O II Ciufo foi uma reunião ecumênica. Pesquisadores de áreas tão díspares e até então inconciliáveis como os "místicos" e os "cientificistas" sentaram-se lado a lado e expuseram seus trabalhos num clima de interesse e tolerância. Percebemos uma tendência marcada, por parte do público, em aplaudir mais os "místicos", numa confirmação de que muitos observadores vêm afirmando – o Brasil é um país místico por excelência. Mas os trabalhos eminentemente técnicos mereceram atenção e aplauso, bem como ponderadas considerações – uma vez que as

A abertura para o infinito

duas correntes compreenderam que a hora é de somatória de esforços, e não de cisões entre os buscadores da verdade ufológica.

Coisas como alimentação natural e ufologia estiveram ligadas sem espanto do público: o professor Mário Sanchez (que recentemente publicou *Saúde Pela Alimentação Correta)* pregou a adoção de uma alimentação especial para aqueles que pretendem manter contatos com os seres que operam os OVNIs (não fumar, não ingerir bebidas alcoólicas, não comer carne, etc.). Conta ele: "Contatos próximos com discos voadores podem resultar em queimaduras, e eu vi muitos casos do gênero. São conseqüência do excesso de toxinas em nosso organismo. Devemos ingerir apenas algumas espécies de frutas e, assim mesmo, sem as sementes (alimentação agênica) ou brotos, posto que essas partes contêm gérmens, que são elementos de vida."

"Os americanos", prossegue Sanchez, "estão estudando essa dieta alimentar, pois até a água que ingerimos deve ser tratada (usamos grande quantidade de água pesada, que é nociva à nossa saúde). Não precisamos de proteína animal; isso é pura balela".

Até a numerologia esteve presente ao Congresso, na palavra do pesquisador Tácito Sampaio Alves, para quem os extraterrestres estão tentando comunicar-se conosco através dos números ("O homem", afirma ele, "é uma síntese numerológica").

Por uma nova ciência

Tácito afirma que "eles conhecem a estrutura do universo e a nossa história. Gostam mais dos governos socialistas (ou social-democratas) e esperam que evoluamos, modificando nossa lógica: a lógica do átomo, com seus elétrons, prótons e nêutrons, não nos dá *feed-back*, e por isso não há uma resposta para as perguntas da ciência. Os antigos davam grande valor aos números, mas os racionalistas os relegaram a um plano sem valor. A ciência moderna deve retomá-los".

Citando João Batista (na verdade, trata-se do Evangelista), no Apocalipse, Tácito fez um jogo alinhando alguns fatos ligados ao número 13, num amontoado de coincidências analisadas pela numerologia. Os números, em verdade, são uma abstração do espírito humano, e o cientista racional não aceita a numerologia pela sua irracionalidade – com o que Tácito parece concordar; mas ele afirma que "para entender os discos voadores e o próprio homem, é preciso penetrar no hiperespaço (idéia tão ao gosto do general Uchôa). Os UFOs são corriqueiros e nos controlam, numa certa medida". Os socialistas (se os havia no congresso) devem tê-lo aplaudido com entusiasmo, mesmo porque Tácito pregou a existência de outros planetas exatamente iguais ao nosso, inclusive com a mesma composição atmosférica, pressão, etc. "Seus cálculos estão defasados pelo menos em 10 anos," eram os comentários dos pesquisadores que o ouviam – e com grande atenção.

Refutando a afirmação da astrofísica e da astrobiologia, Tácito pensa que pode existir vida nos outros planetas – mesmo que em outras bases que não o carbono –, argumentando que o universo tende para uma estabilização térmica futura (2ª Lei da Termodinâmica). "Eles" estão lá, em algum lugar, e (citando Andreas Faber-Kaiser) tentam se comunicar conosco. "O seres que tentam essa comunicação", garante Tácito, "vêm de Marte; o *ponto* e a *raia* são sinais correspondentes às

OS FRUTOS DE UM TRABALHO

Robbin Galvão, Kronemberger (e Hurtak, à direita): trabalho de fôlego

Paulo Kronemberger (diretor do grupo União da Força Objetiva) certamente conseguiu lavrar um tento importante com a realização deste II Congresso Internacional de Ufologia – que trouxe em seu bojo o II Festival para o Homem do Terceiro Milênio e o II Ciclo de Cursos Especiais para o Desenvolvimento do Corpo, Mente e Espírito.

Foi um trabalho de fôlego, só possível pela colaboração total e irrestrita de Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, diretor do Projeto Alvorada; pelo trabalho de arregimentação desenvolvido pelo general Uchôa (presidente do Centro Nacional de Estudos Ufológicos, de Brasília) e pelo esforço de auxílio na organização deste monumento da

Entre os conferencistas, um garoto de 13 anos: Lúcio Manfredi (esquerda).

letras E e T, do Código Morse, que eles próprios sugeriram a Samuel Morse (1791-1872). O hiperespaço é habitado por seres inteligentes que já estiveram por aqui, e uma mutação na matéria os traz ao *nosso* mundo, através de campos magnéticos".

Percebe-se pelos exemplos, que os espíritos estão inquietos, buscando novas verdades. Uma constante, aliás. Com Demócrito, o mundo já teria atingido as estrelas há muito tempo. Aristóteles, enveredando pela ética e pela moral, atrasou em mil anos esse projeto que agora retomamos. É pensamento corriqueiro que agora, com uma nova postura científica, poderemos recuperar o tempo perdido durante a Idade Média – quando o que importava não era o *saber*, mas a *fé* nos escritos canônicos. Mais ou menos nos moldes de pensamento islamita expresso pelo califa Omar com relação aos livros da ciência egípcia: "Se esses ensinamentos estão inscritos no Corão, são perfeitamente dispensáveis; caso contrário, então são dispensáveis por inúteis."

Em geral, os oradores representantes da corrente científica da ufologia manifestaram suas opiniões sobre a necessidade – urgente – de uma mudança do enfoque científico sobre todas as áreas

ufologia brasileira que é a professora Irene Granchi (presidente da Associação de Pesquisas Exológicas – Apex – do Rio).

Os organizadores esperavam contar com a presença de Thomaz Green Morton, um fenômeno parapsicológico só comparável ao israelense Uri Geller. Impedido de vir, Morton foi representado pela mineira Teresa Esmeralda Souto, que discorreu longamente sobre os efeitos daquele paranormal tão bafejado pelos eflúvios etéreos das naves extraterrestres. Puderam, também, contar com a colaboração infatigável de um Robbin Galvão – português de Goa (colônia lusa da Índia), que viajou, trabalhou e pesquisou em mais de 80 países dos 5 continentes, dominando 64 idiomas. Ele foi o intérprete denodado e solícito que acompanhou a delegação americana, traduzindo simultaneamente todos os oradores de fala inglesa. Galvão ainda ajudou na realização do II Festival, ministrando um curso ("A Arte de Viver a Vida"), com técnicas de relaxamento, libertação de bloqueios e curas com a mente.

Foi quem mais trabalhou, no sentido mecânico da coisa. Quando James Hurtak entrava pela madrugada em suas exposições de *slides*, fotos e irradiação de sons mântricos e um auditório já derrotado pelo cansaço e pelo sono, Robbin lá estava... rente, firme. Pela manhã, depois de deitar-se após as 4 da madrugada (como Hurtak), lá estava ele, pronto para iniciar mais uma jornada.

Paulo Kronemberger disse: "A União da Força Objetiva é isso que vimos: a parcela de colaboração de cada um para um objetivo comum, transformando este congresso num marco muito importante de nosso trabalho. Foi um trabalho de muitas pessoas. Para mim, como coordenador geral, é muito difícil sequer tentar citar cada um daqueles que nos auxiliaram. Foram, no mínimo, 14 cidades grandes que ajudaram a montar este evento."

"Isso nos deixa cada vez mais animados a continuar", prossegue ele, "até atingirmos aquele objetivo comum que é promover uma mudança..., uma melhoria para o nosso planeta. Mesmo que estejamos equivocados em nossas crenças, em nossa filosofia, temos certeza dessa necessidade imediata de uma mudança interior nos corações dos homens da Terra – independente de uma presença física de um extraterreno (da qual temos a certeza, mas não queremos obrigar ninguém a partilhar nossa crença."

Na sua análise final do Congresso, Kronemberger disse: "Antes de tudo, foi um aprendizado, que nos ajudará a fazer o próximo melhor, fazendo chegar a ufologia ao grande público, com destaque para as crianças. Um grande passo que demos foi conseguir reunir o pessoal de todas as áreas – o que pode melhorar, agora, com as criações das duas associações: a AMU e a ANUB (uma mundial, outra brasileira).

"Ao final, é grande o nosso entusiasmo e expectativa para já pensarmos no primeiro 'mundial' de ufologia, em outubro de 1984. Quero fazer um destaque especial à imprensa, que já trata a ufologia com respeito e atenção (rádio, TV e jornais) tendo levado o general Uchôa ao *Bom Dia Brasil*. Isso é muito importante, pois que não somos um bando de fanáticos, mas gente séria e de nível cultural. Eu reconheço o valor da imprensa: deixei coisas importantes para atender repórter e eles reconheceram."

Conclui o organizador do II Ciufo: "Vamos continuar trabalhando para manter a bandeira bem alto, não deixando esfriar os ânimos. Vamos tratar o aspecto místico com cuidado, evitando cair no aspecto religioso, pois sabemos que o povo é atraído pela mística e isso é perigoso. Queremos manter um equilíbrio entre a ufologia avançada e a científica, para o bom entendimento entre todos. Ajudem-nos a fazer uma pequena parcela daquela mudança que há de trazer a Nova Era para a Terra."

A abertura para o infinito

do conhecimento humano. A ciência ortodoxa foi analisada e criticada na medida em que precisa reavaliar suas proposições. É preciso abandonar a geometria euclidiana em favor de uma geometria espacial que nos dê indicadores mais seguros na projeção do homem contra o pano de fundo do universo. O pensamento aristotélico deve ser substituído por uma outra lógica, mais abrangente, que escape aos padrões puramente humanísticos de encarar o cosmo. Mesmo a sacrossanta Física está sendo instada a procurar novos caminhos – para uma outra maneira de equacionar, uma espécie de metafísica modernizada. A parapsicologia – que chegou como a solução para explicar o inexplicável – está sendo posta de lado, numa proposta à volta à metapsíquica ou um passo à frente, na direção da psicotrônica aliada aos avanços da eletrônica. Mudanças na ótica científica do fenômeno UFO puderam ser captadas inclusive no pensamento do próprio Joseph Allen Hynek, o astrofísico norte-americano da Northwestern University que serviu de consultor no filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Hynek, sempre cauteloso quanto às hipóteses ufológicas, admite que a ufologia não se constitui apenas do aspecto físico estudado pelas chamadas ciências exatas: "O fenômeno disco voador não é um fenômeno americano ou brasileiro, mas mundial, apresentando uma grande incidência de casuística que transcende os limites geográficos de qualquer país. Há mais de 30 anos venho desenvolvendo um trabalho de pesquisa de casuística e cheguei à conclusão de que o fenômeno UFO é absolutamente mais complexo do que eu havia pensado ou os ufólogos poderiam supor inicialmente. O fenômeno engloba duas partes: a material, física, e a parte psíquica (que é do que tratamos agora); essas duas realidades, sem perder de vista o controle rigorosamente científico dos depoimentos."

Desde a sua visita ao Brasil em 1977, Hynek já dizia que só a ciência do século XXI será capaz de entender os UFOs. Por seu lado, ele assegura que está atento a essas duas realidades do fenômeno: "Há muitos anos o filósofo William James disse que o mundo que conhecemos está envolvido por um outro, maior, que não podemos conhecer. Há, no espaço, muito mais do que podemos captar com nossos sentidos – e os profetas já pensavam nisso (ver Huxley). Eu mesmo cheguei à conclusão de que tudo quanto vemos tem a ver com os UFOs. O que estamos tentando dizer é que é muito difícil entender o fenômeno com a nossa ciência de hoje porque há um paradoxo: eles são físicos mas se comportam às vezes, de maneira diversa (são vistos por pouca gente, num período curto de tempo e em locais específicos), provocam interferências eletromagnéticas, fenômenos de levitação e teletransporte (até com desaparecimentos) e ocorrências de cura, materializações, mudanças de forma e velocidade abruptas; chegam até a exercer controle mental sobre algumas pessoas. Penso mesmo que alguns tripulantes sejam robôs que parecem respirar bem a nossa atmosfera, mas a mente humana parece não admitir coisas que não possam ser *explicadas*. Repito que não podemos explicar a fenomenologia UFO através de nossos conhecimentos atuais, uma vez que 'eles' parecem dominar o espaço e o tempo. Precisamos, então, encontrar uma fórmula nova de encarar o problema, e nosso primeiro passo deve ser abandonar idéias preconcebidas."

Hynek cita George Wald (Prêmio Nobel de fisiologia e medicina

HYNEK: "O PROGRESSO SÓ VIRÁ COM O ESTUDO CONTÍNUO"

Numa clara mostra de suas origens científicas tradicionais – é astrofísico –, o norte-americano Joseph Allen Hynek não poderia deixar de se chocar com a multiplicidade de assuntos presentes no mesmo recinto supostamente (imaginava ele) destinado apenas à ufologia: havia palestras sobre alimentação natural, ioga, pirâmides, pintura mediúnica (Luiz Antônio Gasparetto e João Pio de Almeida Prado), o Projeto Alvorada... Mas, ressaltou o estudioso norte-americano, alguns trabalhos apresentados no congresso revelaram um alto nível. Os prós e contras que Hynek viu neste II Ciufo aparecem nesta entrevista concedida a *Elsie Dubugras*.

Dr. Hynek, Planeta *está interessada em conhecer sua opinião sobre este Congresso. Seria possível?*

Há tanta coisa acontecendo, tantos elementos extrínsecos à ufologia, que é difícil dizer. Na minha opinião, esses eventos prejudicam o estudo objetivo da ufologia. Lamento ver essa mistura de amuletos, o poder das pirâmides, etc. Eles têm seu lugar, sua área apropriada de estudo, mas aqui tudo está reunido.

Mas do ponto de vista ufológico?

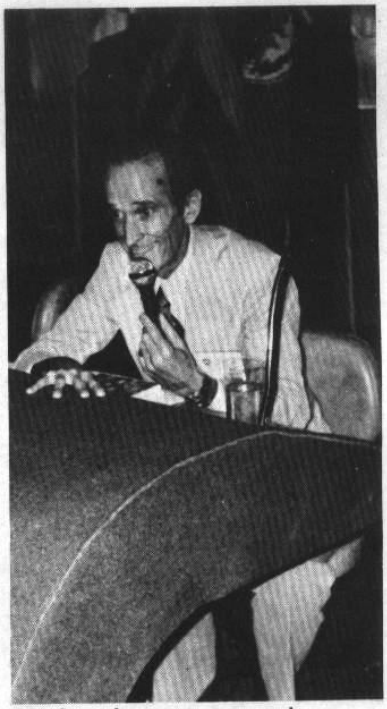
Alguns trabalhos apresentados são de alto nível, excelentes. E foi aqui que se lançou a semente de uma associação ufológica internacional!

Quais são seus planos para o futuro próximo?

Estarei em Londres neste verão. Irei como presidente da Comissão Internacional (Americana) de Pesquisas Ufológicas. É uma associação que trabalha com seriedade, com pessoas bem treinadas, e é isso que falta aqui. O grupo é encabeçado por um físico da Universidade de Stanford. A ele se deve a formação da Sociedade para a Exploração Científica, que estuda não só a ufologia, mas também assuntos paracientíficos. Para se tornar membro dessa sociedade, o candidato tem que ser professor nomeado. O presidente é muito britânico e não quer que se aponte o dedo à organização – e temo que se possa apontar o dedo a algumas pessoas daqui, chamando-as de visionárias.

A ufologia de hoje assemelha-se à alquimia de ontem. A alquimia era

Hynek (de barba e óculos): encarando os UFOs de uma nova maneira.



Sanchez: dieta para contatados.

uma misturada de superstição, crendice e fatos verídicos, mas dessa mistura surgiu a mui respeitável química. O mesmo vai acontecer com a ufologia, e de toda essa confusão surgirá algo de muito bom. Cerca de 10 anos atrás isso aconteceu com os estudos ufológicos. Sentindo que as informações estavam-se perdendo, vi que era imprescindível fazer algo para preservá-las, e, hoje, com muita satisfação, posso dizer que existem cerca de 75 mil cursos em 14 países. Nem todos são da mesma qualidade, mas estamos tentando sistematizá-los por meio de computadores.

No Centro de Estudos Ufológicos, em Illinois, pesquisamos todas as características dos fenômenos. Não tentamos estudar nenhuma hipótese em particular, pois achamos que não estamos em condições de abarcar o fenômeno em sua totalidade.

Já falei sobre o caso de lorde Kelvin? É um bom exemplo daquilo que chamamos de provincialismo temporal, ou seja, a não-aceitação de fatos só porque ainda são desconhecidos. Um geólogo deu a Kelvin uns fósseis, dizendo que teriam cerca de 300 milhões de anos, e isso provava que o Sol já brilhava naquele tempo – pois, de outra forma, os fósseis não teriam existido... Kelvin refutou a hipótese, insistindo que o Sol não tinha aquela idade. O que ele deveria ter dito é: "Quem sabe se os fósseis não nos estão dizendo algo que desconhecemos." Naquela ocasião ele não tinha meios de saber que o Sol é energia nuclear, pois o núcleo do átomo só foi descoberto em 1910. O conceito era totalmente desconhecido, e não existia um vocabulário adequado para expressá-lo. Kelvin deveria ter pensado, e dito, que estava frente a algo que não compreendia. Não podemos descartar certos fatos só porque não se enquadram nos moldes conhecidos.

É possível que ainda não tenhamos meios de resolver os enigmas dos UFOs, mas devemos continuar estudando o fenômeno. Só assim faremos progresso.

Também é importante discernir entre a teoria do fenômeno e o fenômeno propriamente dito. Há confusão, e isso é causado pela troca da interpretação dada a um fenômeno em particular pelo fenômeno em si – ou seja, que os UFOs são pequenos homens verdes vindos do espaço. As objeções a essa hipótese são inúmeras, e uma delas é a imensidade das distâncias. No nosso Centro, estudamos o fenômeno, e não o UFO. Se não podemos estudar os objetos aéreos não-identificados, podemos estudar os relatórios, os modelos e o que há de comum em tudo.

de 1967) a dizer: "Talvez o universo seja ele mesmo uma inteligência, uma consciência primeira". E arremata: "Os UFOs estão a nos dizer que o universo é muito mais inteligente que nós e do que podemos pensar. É uma manifestação dirigida a nós, homens, para que possamos entender. Talvez o nosso entendimento possa mudar, quando o homem evoluir mais. Michell disse que os UFOs constituem o 'festival do absurdo', uma vez que, para eles, parecemos crianças. Se são uma inteligência 'completa Hynek', talvez estejam bem perto de nós e até à nossa volta, sem que os percebamos."

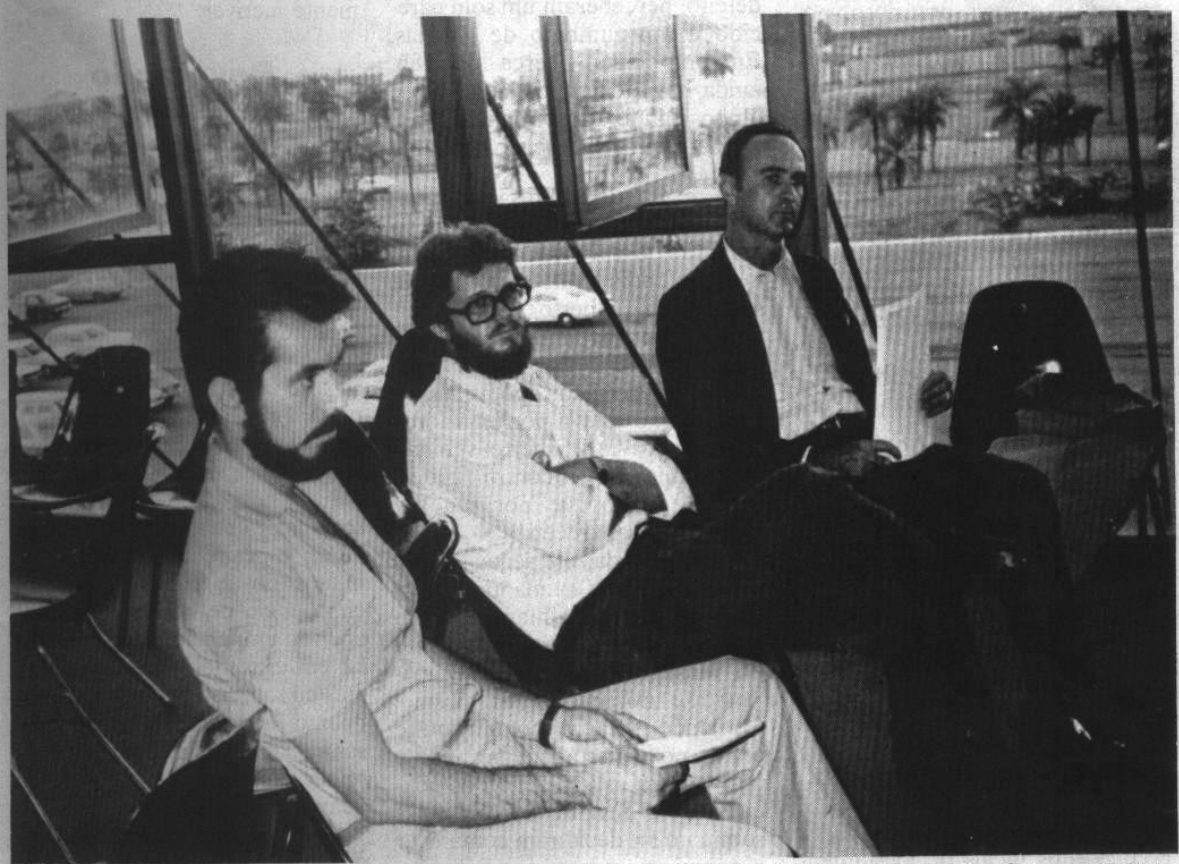
Se um ufólogo provindo da ciência ortodoxa como Hynek já se permite tais aberturas de mente, como estariam pensando os estudiosos dos OVNIs vinculados a outras correntes? O II Ciufo exibiu a respeito um largo espectro de teses sobre a área – numa demonstração da pujança atingida pela ciência ufológica, receptáculo e transformador dos conhecimentos de várias outras disciplinas. Essas teses são examinadas mais detalhadamente nas matérias a seguir.

Chris Moore

As aparições de objetos voadores não identificados constituem o principal objeto de estudo dos ufólogos.

AS CONTRIBUIÇÕES À CASUÍSTICA

Base para as hipóteses ufológicas, a casuística esteve brilhantemente representada no II Ciufo. Ao lado dos importantes relatos de Ernesto Bono, do argentino Fabio Zerpa, da africana Cynthia Hind e do boliviano Jorge Arias Gonsalves (este abordando o recente episódio na aldeia de Ventilla, em seu país), merecem especial destaque as apresentações do cubano Virgilio Ocejo e do brasileiro A. J. Gevaerd.



Arquivo Três

Gevaerd (de óculos): um minucioso relato da "onda" de UFOs de 82, aplaudidíssimo pelos convidados estrangeiros.

Ao par das especulações envolvendo a origem, tecnologia e outros detalhes referentes aos OVNIs, um congresso ufológico nunca estaria completo sem relatos sobre nossos visitantes alienígenas: afinal, é a partir deles que se constroem as teorias a respeito do fenômeno. O II Congresso Internacional de Ufologia não contradisse essa norma – trouxe uma vasta galeria de casos a serem incorporados ao patrimônio da nova ciência, enigmáticos e instigantes como convém a qualquer episódio relativo aos discos voadores.

Um dos destaques do congresso, nesse sentido, foi o brasileiro A. J. Gevaerd, de Mato Grosso do Sul. Ele apresentou um relato minucioso do grande *flap* de 1982 (março), quando o Sudoeste do nosso país foi sobrevoado intensa e ostensivamente por discos voadores – isolados ou em grupos. Pesquisador eminentemente científico, Gevaerd concorda que há uma seqüência fenomênica: objeto-observação-relato. É neste último que a coisa geralmente se

Os fatos examinados

desvia, com cada observador narrando a coisa a seu modo e, via de regra, omitindo ou distorcendo aspectos importantes para a compreensão do fato observado.

"O valor que damos à pesquisa da casuística é lamentável", disse ele. "Agora estamos na fase das 'comunicações telepáticas', que viraram moda. O ano passado foi muito significativo, incluindo até casos de 2º grau no Brasil Central (MS, Oeste de São Paulo e Noroeste do Paraná). Se fizéssemos um trabalho mais criterioso, poderíamos catalogar até 20 mil casos por ano. Notamos no grande *flap* de 82 uma certa concentração sobre a região de Campo Grande (MS) a 6 de março, quando o OVNI sobrevoou um estádio de futebol, sendo observado por cerca de 45 mil pessoas. Foi observado por meia hora, fazendo evoluções aéreas. Aqui não cabem interpretações; foi um fato e, como tal, registrado."

"Em Carapó, a 400km de Cuiabá", prossegue Gevaerd, "um UFO caiu numa lagoa. A água ficou contaminada, causando vítimas fatais entre os que se aventuraram a nadar ali. A lagoa foi drenada e, no fundo, viu-se uma depressão circular. Ninguém conseguiu tirar o UFO do fundo, mas fotos foram batidas do local – antes, durante e depois dos trabalhos de drenagem da água."

Viagem ao império submarino

Gevaerd mostrou muitas fotos e gráficos dos locais de avistamentos e contatos em 1982. Sua exposição foi aplaudida calorosamente pelos conferencistas americanos e argentinos, em vista do grande valor que representa em termos de casuística. Nenhum outro país teve tamanha concentração em tão estreita área em tão pouco tempo. Após a palestra, o jovem foi assediado pelos americanos (Hynek, Sprinkle e Hurtak) para que lhes fornecesse cópias dos gráficos e fotos, e o presentearam com livros e trabalhos pessoais.

Outro destaque na casuística foi o levantamento apresentado por Virgilio Ocejo sobre o caso Filiberto Cardenas, ocorrido a 3/1/79, na Flórida (EUA):

"Filiberto, seu amigo Fernando e a esposa deste, dona Myrta, seguiam pela rodovia estadual 27 à procura de um leitãozinho para comprar. Depois de muito rodarem à procura do produto, o carro começou a falhar e Fernando Marty desceu para verificar o que havia de errado com o motor. Filiberto o acompanhou. Enquanto estavam ali, tentando descobrir o defeito, perceberam um som parecido a um zumbido de abelhas. Embora fossem cerca de 18h, ainda havia claridade suficiente e ambos puderam visualizar uma forma escura no espaço, próxima a eles.

"Em grande confusão mental, Fernando viu-se como que preso ao filtro do carburador do carro, que pretendia tirar, enquanto via seu amigo Filiberto subir no ar, como que levitando, sem que qualquer coisa o tocasse. Fernando via e nada podia fazer, preso como estava por uma força misteriosa. Viu Filiberto subindo até sumir de encontro àquela forma escura, que por sua vez também desapareceu.

"Em seguida, ele sentiu-se livre da pressão que o mantinha 'colado' ao carro e, juntamente com a esposa, ficou desesperado diante do inusitado da coisa. Recuperando o domínio de si mesmo, Fernando Marty comunicou-se com a polícia estadual narrando o fato – para estupefação dos policiais que o ouviam. Como a coisa sumiu no ar, decidiram comunicar a ocorrência à base aérea de Olsted. Começava a escurecer, mas as buscas foram iniciadas imediatamente. Cerca de duas horas mais tarde, informaram a Fernando que seu amigo fora encontrado 16km distante, em outra rodovia estadual, do outro lado de um pântano sem estradas ou caminhos.

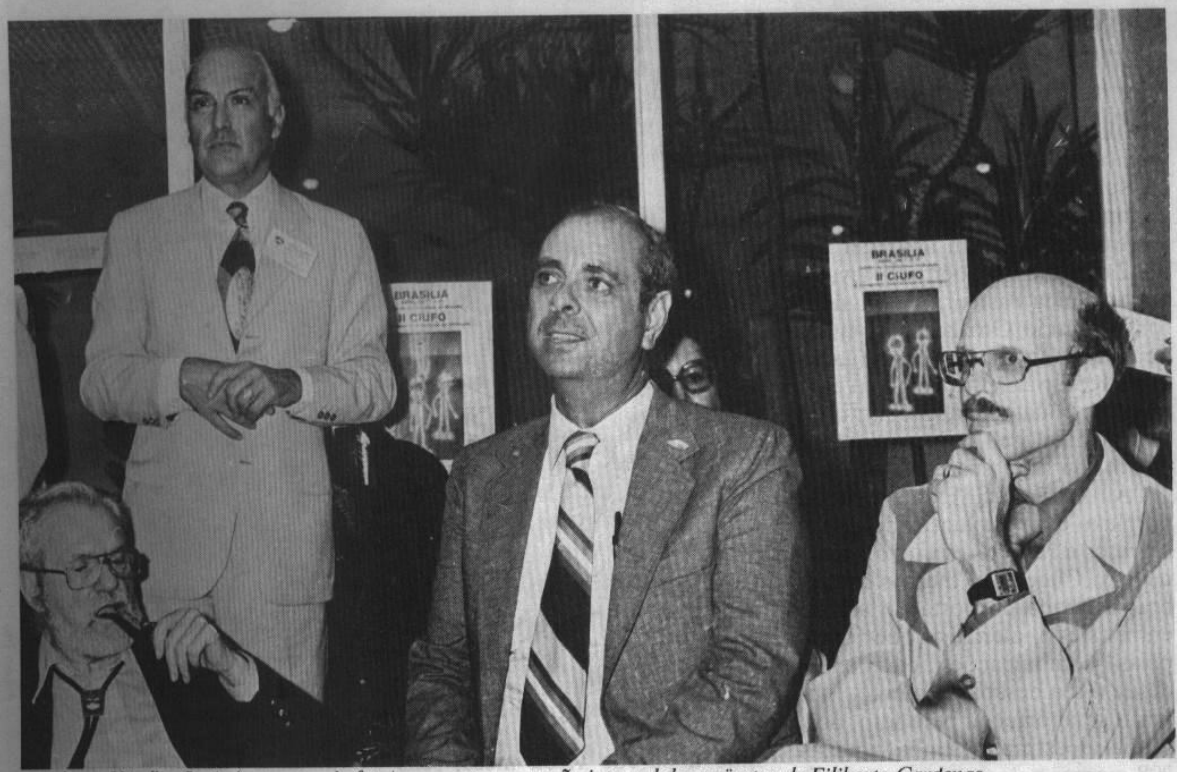
"O patrulheiro rodoviário Christian informou que Filiberto vagava sem rumo e corria risco de ser atropelado pelos carros. Parando a viatura, o patrulheiro o interrogou, mas ele não sabia dizer muita coisa – além do mais, com pouco tempo de moradia nos Estados Unidos, Filiberto não falava inglês, e o policial não entendia espanhol. Como havia recebido uma comunicação via rádio de que um homem desaparecera, Christian chamou a central e relatou o encontro com o forasteiro."

Estabelecidos os contatos, Fernando foi ter com o cubano e pôde identificá-lo. Por duas horas a polícia o interrogou (com Fernando servindo de intérprete) e ele narrou uma história completamente incrível:

Revelando o passado e o futuro

"– Naquele momento em que verificávamos o carro, senti uma sensação estranha e fui ficando tonto até perder os sentidos – conta Filiberto. – Quando dei conta de mim, estava num lugar estranho, com uma abóbada por cima, e havia três pessoas olhando para mim. Uma delas colocou-me uma espécie de chapéu grande e então pude "ouvir" o outro, que parecia falar em alemão. Parecia ser o líder deles, e estava sentado numa espécie de console, com muitos fios e cabos. Tinha um cinto cheio de botões, dos quais apertou um; então, começou a falar em espanhol. Pareciam gente, mas eu sabia que eram robôs. Enquanto isso acontecia, eles me submetiam a uma série de testes, sei lá do que ou para que, enquanto a nave se deslocava.

"– Iam me examinando enquanto a nave seguia em seu vôo; então, uma parede se abriu e pude ver um salão com várias telas de TV, cujas imagens se projetavam como que em terceira dimensão. Um ser humano vestindo uma capa verde e tendo no pescoço um colar com uma espécie de medalhão trabalhava ali. O medalhão era uma réplica de uma pirâmide pequena. Na poltrona ocupada pelo chefe, mais botões, ligados àqueles aparelhos de televisão. Ele



Ormuzd Alves

O cubano Virgílio Ocejo (no centro da foto) apresentou a versão integral do seqüestro de Filiberto Cardenas.

falava comigo, mas eu sei que não ouvia – era telepatia.

"– Foi uma coisa muito estranha, pois enquanto a nave ia se deslocando eu ia vendo cenas de vários países, nas telas – e via o passado e o futuro! Depois de algum tempo de viagem, a nave desceu em algum lugar e eu fui recambiado para outra, menor. Eu estava paralisado e tinha um robô a meu lado. Fomos até uma praia deserta, onde o robô saiu e voou para fora. Vi quando ele pegou uma espécie de revólver e o apontou para uma parede rochosa. A montanha se abriu e vi outras naves saindo do seu interior. Aquela onde eu estava não era maior que um carro Volkswagen sedã, com um grande vidro à maneira de pára-brisa.

"– Em seguida mergulhamos no mar, cujas águas iam-se abrindo, sem contato direto com o corpo da nave. Seguimos em grande velocidade até um grande túnel subaquático muito iluminado que dava para uma caverna alta e seca, mas sem estalactites ou coisas do gênero.

– Ali me fizeram sair e me sentaram num banco – prossegue a testemunha. – De onde estava, pude ver um desenho de uma serpente na parede. Ao lado, uma porta se abriu e uns seres pequenos dela saíram, pondo-se a olhar-me. Um deles me tocou pelo braço e, falando em espanhol, foi-me explicando algumas coisas, como que ele era humano, mas estava trabalhando com aqueles seres alienígenas. Enquanto ele falava íamos caminhando e, ao passarmos por uma espécie de abertura entre duas rochas, pude visualizar uma cidade, com ruas, casas e tudo o mais; apenas tinham portas estranhas.

Um minucioso exame médico

"– Chegamos a uma casa daquela cidade e eu fui como que "prensado" contra a parede; mas nada me prendia, segundo eu podia ver. Essa parede foi-se mexendo até se converter numa espécie de mesa onde eu me sentia deitado, nu e paralisado. Do teto, cabos pendiam sobre mim e eu percebia as presenças de outras pessoas à minha volta, como se me estivessem examinando. Terminado aquele exame endoscópico, fui levado para uma espécie de auditório, onde eu não podia ver ninguém; mas "sabia" que estavam me observando, por algum tipo de vidro através do qual a gente vê mas não é visto (como aqueles "espelhos" da polícia).

"– Algum tempo depois (não sei precisar quantos minutos) fui levado para outro compartimento, onde percebi um veículo tipo UFO parado verticalmente (!), no qual fui novamente embarcado. Viajamos um pouco e me deram algo parecido com mel, para tomar. A seguir, a nave parou e eu fui deixado numa espécie de pasto, sem ninguém por perto. Fui-me arrastando, tentando me situar no espaço até que cheguei à rodovia, onde o guarda me encontrou e me trouxe para cá.

"Essa é a incrível história narrada por Filiberto Cardenas às autoridades", prossegue Virgilio Ocejo. "Quase ninguém acreditou nele, mas assim mesmo ele foi levado para exame com um contador de radiações, na base de Ols-

Os fatos examinados

ted. Estava "limpo", disseram os técnicos, mas seria conveniente ficar sob observação, pois os efeitos de uma exposição a um campo radiativo forte podem aparecer até em 2 ou 3 dias. Filiberto foi levado até a Clínica Pasteur, onde o doutor Fernando Grozzo não o atendeu, encaminhando-o para o Jackson Memorial. Os médicos o examinaram, mas nada encontraram que justificasse internamento, e ele voltou para sua casa.

"Ali chegando, Filiberto ficou perplexo com a quantidade de fotógrafos e repórteres que o aguardavam. Chegaram mesmo a quebrar o trinco da porta no afã de entrevistá-lo, alertados que foram pelas comunicações da polícia desde o seu desaparecimento. Filiberto se aborreceu pelo fato, pois sentia-se estranho, tinha aquelas 208 marcas pelo corpo que os médicos do Jackson Memorial viram, mas não souberam explicar; seus olhos estavam irritados e muito sensíveis. Mas falou à imprensa e se recolheu. Novas coisas iriam aflorar à sua memória enquanto seu organismo lutava pelo restabelecimento das funções biológicas. Ele andaria meio 'esquisito' por algum tempo."

Arquivo Três

Os ufonautas prosseguem capturando terrestres para exames médicos.

Efeitos e lembranças

Filiberto perdeu o apetite (tanto pela comida quanto pelo sexo, a ponto de sua mulher pensar que ele havia ficado impotente; tempos mais tarde a disposição sexual voltou e a mulher se assombrou com a quantidade e freqüência com que a procurava). Sentia muita sede e bebia cerca de 25 jarras de água. Conseqüentemente, urinava muito – uma urina escura e com forte cheiro de enxofre, diria depois. Andava pela casa como se flutuasse e seu corpo apresentava partes frias e quentes – sempre com aquela dor de cabeça enjoada. Aos poucos, Filiberto foi lembrando de mais detalhes:

"Quando esteve naquela sala onde a parede virou mesa, seus captores lhe extraíram sêmen (por isso ficara apático aqueles dias). As lembranças iam voltando e ele retomou a conversa com aquele que falava em espanhol e lhe explicava que aqueles seres estavam empenhados na melhoria racial dos homens do nosso planeta. De muitas coisas se lembraria depois daquelas duas horas em companhia dos extraterrestres. Começou a apresentar sintomas de epilepsia, que desapareceram depois de cerca de 20 horas de regressão hipnótica – sessões que acabaram por abrir um canal de comunicação com aqueles captores, que dali em diante passaram a ditar-lhe 'mensagens' sobre os mais variados temas – e também manifestam temores contra nós, pois afirmaram que as bombas atômicas podem atingi-los."

Os seres informaram a Filiberto que continuariam a levar pessoas para exames e que outros sete estavam selecionados (no Brasil, talvez tivesse contatado João Valério da Silva – ver *Realidade Fantástica* 20); informaram também que dispunham de duas bases submarinas (uma no Atlântico e outra no Pacífico), bem como outras três no subsolo (em construções de forma piramidal). Fizeram algumas previsões: o presidente Sadat, do Egito, morreria de forma violenta (o que efetivamente ocorreu, em 1981); haveria guerra entre os Estados árabes e Israel; um artista seria elevado à mais alta posição nos Estados Unidos; haveria o afundamento de parte do Estado da Califórnia (fato que os cientistas consideram plausível, depois dos recentes terremotos e vendavais que assolaram a região).

Cavalo-marinho no Roncador

Entre as coincidências para o caso, Virgilio Ocejo alinha as seguintes: em 1973 Charles Hickson foi levado por uma ponte de luz e também recebeu mensagens; em 1975, Travis Walton foi raptado por um raio de luz; 1976, um raio de luz, na Argentina, levou uma testemunha para baixo do mar, onde ela descreveu o uso daqueles capacetes (chapéus) que possibilitam a comunicação; 1979, em Mirassol e Bebedouro (ambas no Estado de São Paulo), respectivamente com José Antônio da Silva e Antonio Ferreira. Ao todo, 43 coincidências, como aspecto

físico, vôo, velocidade, marcas e vestígios pelo corpo da testemunha.

Em 1966, a Onife, organização ufológica argentina presidida por Fabio Zerpa, recebeu um relato da senhora Hilda Thorper que se tornou um clássico da ufologia mundial. Eis o relato, conforme foi apresentado por Zerpa aos participantes do II Ciufo:

"A 25 de fevereiro de 1966, a missivista estava em gozo de férias com seu marido, na localidade de Mar Del Plata. Saindo para uma excursão a uma localidade próxima, perceberam um UFO no céu e, pouco mais adiante, um objeto grande que piscava na pista de rolamento. Temeroso, seu marido não diminuiu a velocidade do carro, pensando desviar-se do objeto (ou veículo) e seguir em frente. Enquanto se dirigiam rumo à 'coisa', ouviam nitidamente um ruído como o de um aspirador de pó; logo em seguida, ambos sentiram como se estivessem sendo tirados para fora do carro – a essa altura já parado na pista. Houve uma grande pressão e eles desmaiaram.

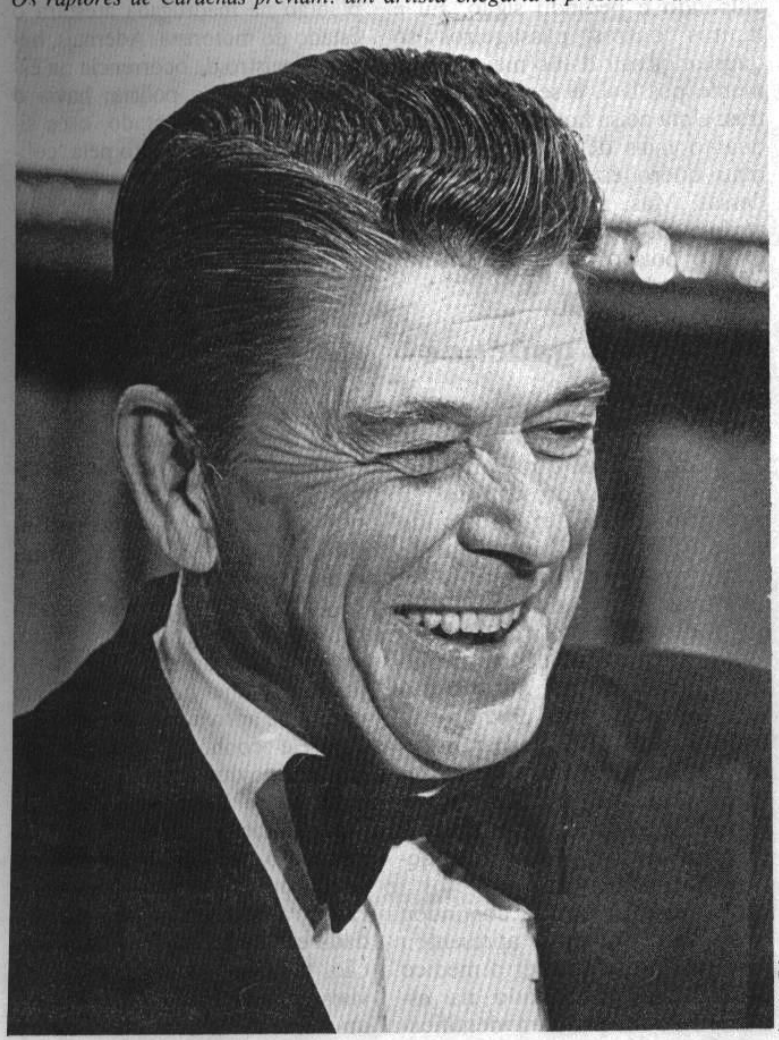
"Dona Hilda não viu mais o marido, e conta: 'Quando fui recobrando – vagarosamente – os sentidos, percebi uma luminosidade celeste muito forte. Gritei e eles projetaram luz azul ainda com maior intensidade sobre mim. Diminuindo um pouco, pude ver dois objetos em forma discoidal, unidos, que me hipnotizavam. Mergulhei como em sonhos e percebi as figuras de 5 ou 6 homens trajando uniformes. Tinham 6 dedos em uma das mãos. Um deles adiantou-se e disse: – Sou Turnelde'."

"Após essa apresentação, Hilda foi levada, semiconsciente, até a serra do Roncador. Do local onde se encontravam (Pina Mar) até o Brasil Central decorreram poucos minutos. Ali chegando, Hilda foi conduzida até uma cachoeira, atrás da qual se abria um túnel brilhante por onde penetraram. A figura do cavalo-marinho estava presente.

"Na localidade de Treis Arroyos, às 22h de 30/12/72, uma testemunha avistou um UFO com uma coroa e uma bandeira. Na bandeira, o desenho de um cavalo-marinho. Em Azul, 14/05/76, às 7h da manhã, outra testemunha foi levada por um *flash* de luz azul ao interior de um OVNI. Lá, viu instrumentos e observou o fundo do mar do Caribe. Na parede, o desenho de um cavalo-marinho. Candido Victor do Prado conta que em 1968 teve uma viagem astral na qual penetrou um mundo estranho. O que mais lhe chamou a atenção no local foi a presença de um grande aquário com vários cavalos-marinhos. A escritora Marina Pucher narrou uma viagem que fez a um outro planeta: também descreveu aquários e cavalos-marinhos."

Fabio Zerpa interpreta a presença desse animal nas narrações: "Seu significado é etrusco e esconde o poder legado pelos extraterrestres àquele antigo povo mediterrâneo." E prossegue: "Tudo leva a crer que os ufonautas se interessam muito pela vida na Terra. No Pólo Sul, uma expedição fotografou carcaças de mamutes dispostas como uma entrada – uma espécie de porta dimensional, com um túnel." Esta a estranha história contada por Zerpa a respeito da confederação do cavalo-marinho.

Os raptores de Cardenas previam: um artista chegaria a presidente dos EUA.



Arquivo Três

Pânico no avião da VASP

Outras narrações foram trazidas pelo médico e psiquiatra gaúcho Ernesto Bono. Eis a primeira delas: "No carnaval de 1982, mais

Os fatos examinados

precisamente no dia 20 de fevereiro, dona Iara de Freitas ia, com mais 160 passageiros, para Porto Alegre num Boeing 737 da Vasp. Pouco tempo depois da decolagem, uma forte vibração no espaço fez a grande aeronave balançar e virar de bordo em pleno ar. Estavam começando a servir o jantar, e o interior do avião transformou-se num pandemônio, com todo mundo gritando e tentando se agarrar como podia. Muito haviam desafivelado os cintos e, com a virada do aparelho, caíam sobre os outros passageiros. Os carrinhos com a comida não ficaram imunes à lei da gravidade, e a comida e a bebida voavam por todo lado. Pânico e desespero, mas o potente jato se mantinha no ar.

"Dona Iara conta que percebeu uma mudança no ruído das turbinas bem como nas luzes. Sim, havia luzes lá fora, que não eram aquelas dos sinalizadores do avião. Em breve, tudo voltou ao normal, com o 737 retomando sua posição normal de vôo, sem alterar a velocidade. 'Um grande susto', pensou dona Iara – e, com ela, quase todos os passageiros."

"Mas", prossegue Bono, "as coisas estavam apenas começando: quando todos pensavam respirar aliviados, eis que a aeronave 'picou' violentamente em direção ao solo, aumentando a velocidade (lei da queda dos corpos). Uma intensa luminosidade foi vista sobre as asas e fuselagem. 'É o fim!', pensou Iara de Freitas. 'Agora, nada nos poderá deter. Rezei', disse ela, 'na certeza de que meus dias se haviam consumado'."

"Mas, tão abruptamente quanto começou, o avião saiu do mergulho e ganhou altura rapidamente, numa manobra tão incrível que certamente teria arrancado as asas ou desprendido as turbinas. E subiu exatamente como havia descido: quase na vertical. Alcançando a plataforma de vôo, o 737 seguiu regularmente por algum tempo, quando voltou a apresentar os balanços laterais de antes, tornando a virar de borco, com as rodas para cima. 'Indescritível', desabafa a testemunha. E assim foi, balançando e virando até o destino. Ninguém mais comeu nada; todos estavam apreensivos e desesperados."

"Dona Iara relata: 'Quando descemos no aeroporto Salgado Filho, notei bombeiros com seus carros parados ao lado da pista, prontos a intervir – mas não havia motivo, pois inexistia fogo a bordo e a aterrissagem fora perfeita. O comandante demorou muito para liberar-nos; fez uma arenga sobre os acontecimentos, pedindo a todos que perdoassem o fato e procurassem não comentar nada com ninguém. Depois, convidou-nos a todos para jantar nas dependências do aeroporto, sempre se desculpando e pedindo sigilo. Eu e muitos outros passageiros só queríamos sair dali o mais rapidamente possível, e sem olhar para trás. Uma coisa horrível de contar, quanto mais de se viver. Nunca mais quero estar numa situação dessas. Mas, no fundo, só posso atribuir os fatos à ação de um OVNI, pois o que presenciamos não foi razoável'."

Milagres gaúchos

Mais um caso exposto por Bono: "Uma pessoa ia da localidade de Camaquã para Porto Alegre, à noite, quando, sem motivo ou razão e sem ter visualizado nada, chocou-se violentamente contra 'qualquer coisa' que estava na estrada e ninguém via. O choque foi violento e o indivíduo sofreu várias fraturas, algumas muito sérias. Socorrido por outro motorista, foi levado para um hospital, onde os médicos lhe aplicaram curativos de emergência e o colocaram na enfermaria de estado grave, aguardando pela manhã a chegada do ortopedista que deveria examinar o caso."

"Pouco mais tarde", continuou Bono, "um 'doutor' se apresentou na portaria dizendo ser o médico do paciente acidentado na estrada. Não lhe pediram identificação, mas ele descreveu a vítima de maneira muito convincente e com vários detalhes, pedindo para vê-la imediatamente sob pena de agravamento do estado geral daquela. Admitido à enfermaria, o 'doutor' chegou-se junto ao doente, tomou-lhe o pulso e iniciou um procedimento em tudo igual ao de qualquer médico naquelas circunstâncias. A enfermeira foi mandada embora e ele ficou com o paciente. Ninguém se lembra, no hospital, de tê-lo visto sair, e o pessoal de plantão pensou que o 'doutor' ainda estivesse lá pela manhã, quando chegou o ortopedista para o exame; mas 'ele' não estava. No entanto, a vítima se encontrava em ótimas condições, alegre, feliz e . . . sem qualquer sinal de fratura, exposta ou interna. Um mistério que ninguém conseguiu solucionar, pois o médico de plantão na madrugada atestara o estado do motorista. Ademais, havia o registro da ocorrência na estrada, feita pela polícia; havia o carro, todo arrebentado, e os sinais deixados no asfalto pela 'colisão'. Mas não havia sinal do 'outro veículo'. O mistério permanece insolúvel."

Ernesto Bono pensa que poderia tratar-se de OVNI em estado de invisibilidade, por qualquer motivo parado ali, no meio da estrada. Consumado o acidente, seu comandante teria procurado minorar os sofrimentos da vítima involuntária, curando-a completamente. Aliás, isso é uma coisa corriqueira para "eles", que podem até devolver a vida – em determinadas circunstâncias.

No terceiro episódio levado pelo estudioso gaúcho ao Ciufo, um cidadão viajava de Pedras Altas para Pinheiro Machado – um trajeto de aproximadamente 30km que ele conhecia perfeitamente bem, posto que por ali passava seguidamente. Era noite e ele seguia tranqüilamente quando, em dado momento, "sentiu" como se a estrada houvesse "mudado" – agora estava asfaltada, quando na verdade era de terra. Havia iluminação, também. Muito perplexo, o viajante vislumbrou a presença de um homem e uma mulher vestidos

Ormuzd Alves

O argentino Fabio Zerpa, presidente da ONIFE: um estranho relato ufológico envolvendo cavalos-marinhos.

com roupas de piloto, em metal prateado; curioso, ele parou perto do casal, que lhe ordenou que continuasse em frente. Aí, a testemunha desmaiou.

"Quando acordou", conta Bono, "pareceu-lhe ser alta madrugada, e ele constatou estar deitado sobre uma pedra grande e lisa. Não sabia mais nada. Atordoado e desorientado, saiu caminhando e dirigiu-se automaticamente à sua residência – que era próxima. Foi andando a pé (sem nem mesmo pensar no automóvel), morrendo de sono, como se a cabeça e os olhos lhe pesassem muitos quilos. Como sua esposa estava em viagem para Bagé, entrou e foi diretamente para o quarto, onde se atirou na cama e dormiu profundamente por muitas horas. Foi acordado, já tarde, pelos vizinhos que lhe deram a notícia de que seu carro fora encontrado na estrada, completamente esmagado! O trecho era formado por um corte no terreno, com pedras brutas de ambos os lados. O aspecto do carro era o de alguma coisa que fosse apanhada e lançada de encontro às pedras, dos dois lados, debaixo a cima. Havia impressão da tinta do carro sobre as paredes de pedra, e, no geral, ele estava tão amassado como se uma prensa houvesse se encarregado dele. Era um milagre que seu motorista estivesse vivo e saudável, sem ao menos lembrar-se do acidente."

Bono pensa que poderia tratar-se aí de um típico caso de abdução em que os extraterrestres estivessem mais interessados no carro que propriamente no motorista – que teria sido retirado e deixado em segurança naquele ponto em que acordou.

Os incidentes na Bolívia

No mês de março último, a imprensa internacional divulgou telegramas procedentes da Bolívia, nos quais se contava que um UFO teria paralisado um trem e que moradores de uma aldeia (Ventilla) teriam atacado "seres extraterrestres" a pedradas e pauladas, pondo-os em fuga.

O jovem pesquisador boliviano Jorge Arias Gonsalves, de Oruro, foi a Brasília, e contou o que realmente houve. Foi muito pior do que se divulgou por aqui. Eis como Jorge Arias fez seu relato ao II Ciufo:

"O povo da localidade de Ventilla não é muito familiarizado com assuntos UFO, falando muito pouco o espanhol (usam mais o quíchua e o aimará) e, portanto, desatualizado quanto a esses aspectos. Quase não assistem à televisão, uma vez que ali não existe rede elétrica.

"O fato desenrolou-se por dois dias (7 e 8 de março), diante de 300 testemunhas, e durou das 23h45 até 2h15 da manhã. Na primeira vez, o chefe da estação ferroviária de Ventilla dormia com sua mulher quando foram despertados por um forte clarão que chegava a esquentar o quarto. Um facho de luz, penetrando por um pequeno orifício no teto, se projetava pelo interior da moradia, iluminando tudo fortemente. Completamente desperto e assustado, o casal ouviu sons metálicos e a porta batendo seguidamente. Pouco depois, tudo serenou e eles puderam voltar a dormir.

"Na noite seguinte (8 de março), no mesmo horário, o chefe da estação, ainda acordado, observou um facho de luz pairando sobre o cemitério próximo. Outros aldeões também viram e puseram-se a gritar e cantar em altas vozes, na tentativa de afugentar o que quer que fosse que estivesse projetando aquela luz amarelada; chegaram até a trazer guitarras e iniciaram uma pequena

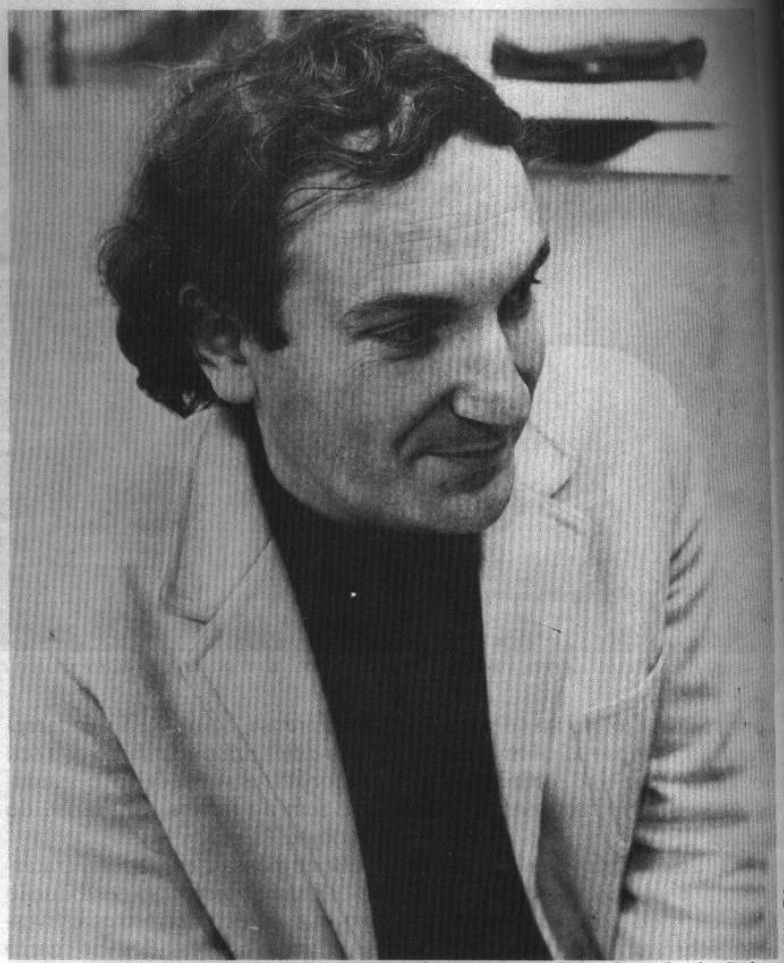
Os fatos examinados

farra. Em dado momento, a 'nave' desviou seu foco e o projetou por sobre suas cabeças, na direção das casas da aldeia. O povo assu touse e parou a algazarra; mas pouco depois, num crescente zunzum, retomou a atitude hostil, desta vez agrupando-se e atirando paus e pedras para o ar, na direção do objeto. Como não conseguissem atingi-lo, os aldeões lançaram mão de bananas de dinamite, de que dispunham em pequeno estoque. O professor da escolinha local a tudo assistia e posteriormente fez um relato circunstanciado dos acontecimentos."

"A nave partiu", prossegue Arias, "e o povo pôs-se a comentar o acontecido quando, cerca de 15 minutos depois, ela fez a sua reentrada, para espanto geral. O chefe da estação, admiradíssimo, fez sinais para que o trem noturno (cargueiro) parasse: 'Queria mais testemunhas e que não fossem só da aldeia', contou ele mais tarde. Todos puseram-se a observar a dança das luzes do UFO. Pouco depois, as luzes se apagaram e o trem retoma sua marcha para Cochabamba, tendo o maquinista comentado ao partir: 'Que beleza! Gostaria de poder dirigir um veículo desses'. Todos se retiraram para suas casas e nada mais aconteceu naquela noite."

Um teste de equipamentos militares?

Mas Jorge Arias faz um acréscimo a seu depoimento, dizendo que numa localidade próxima ouviu contar que alguns "gringos" faziam aparições noturnas; tinham asas e quase sempre eram levados por helicópteros. Esses "gringos" apresentavam fachos luminosos no peito e, em várias oportunidades aqueles moradores tentaram afugentá-los com paus e pedras; eles elevavam-se e os aldeões fugiam amedrontados. "Era tanto o medo", conta Jorge, "que muitos deles nem mesmo voltaram para suas camas, preferindo dormir junto às ovelhas".



Arquivo Três

O pesquisador Ernesto Bono: aparições de OVNIs no Rio Grande do Sul.

"Dias depois da paralisação do trem", prossegue o boliviano, "a 27 de março, os tais 'gringos' voltaram a aparecer. Os trabalhadores correram a avisar o engenheiro da mina (o que explica a presença da dinamite). Este saiu em companhia dos peões e, de fato, viu várias luzes que se deslocavam junto ao chão. Uma delas se destacava das demais: era branca e lembrava um homem em pé, da qual se vêem apenas as pernas iluminadas. Incontinenti, o engenheiro abriu fogo com sua velha carabina; o ser luminoso deu um salto (como aqueles de Armstrong na Lua) e vai para outro lado. Ao todo, o engenheiro efetuou uns 20 disparos – a cada tiro, um salto de cerca de 15 a 20 metros de distância. Assim, percorreram toda a aldeia."

Já quase ao fim da linha de casas, os saltos ficaram mais longos e chegaram a 30 e 50m de altura. Foi uma caçada ferrenha, com os homens novamente fazendo uso de bananas de dinamite e o engenheiro atirando com a carabina. Em dado momento, ele pensou ter atingido o ser, pois todos viram um risco vermelho subir pelo que seria sua espinha dorsal e como que "explodir" ao chegar ao que parecia ser a cabeça (nuca). O estranho ser emitiu então um som rouco e forte, como um urro, e saltou novamente – desta vez, cerca de 100 metros. Todos continuaram correndo atrás dele até que, alcançada a ravina, outro ser semelhante apareceu-lhes à frente. Tinha perto de 3m de altura e os assustou, a ponto de não mais lançarem dinamite.

"Só as pegadas deles tinham uns 70cm de diâmetro por uns 2 de

profundidade", continua Arias. "Os dois seres continuaram pulando e se afastando até desaparecerem na noite. Todos retornaram e voltaram a dormir. Três horas mais tarde, a luz voltou e iluminou o quarto do engenheiro – que, desta vez, não fez alarde nem acordou ninguém; depois apagou-se, e o silêncio se abateu sobre a aldeia de Ventilla."

Mas as coisas não ficariam por aí: 3 dias mais tade, quando o engenheiro e alguns peões iam para Oruro num Land Rover para comprar mais dinamite, os seres voltaram – 3 entes luminosos, dispostos triangularmente sobre a estrada. No alto, 2 OVNIs os observavam.

Novidades nos seqüestros

Dessa feita não houve entrevero, com os peões amedrontados mas sem atacar os seres, que permaneceram durante um pouco de tempo a observar e depois foram saltando até chegar a um precipício, no fundo do qual desapareceram. Os UFOs no céu também se foram e tudo voltou ao normal – até a data em que Jorge Arias Gonsalves fazia seu depoimento.

É de se notar que a Bolívia estava num período de desordem social, com agitações em vários pontos do país. Quanto à referência aos "gringos", essa palavra tem sido usada pelo povo de fala espanhola para designar o elemento branco, estrangeiro – nomeadamente os norte-americanos. Nada impede que agentes estrangeiros pudessem estar efetuando observações noturnas ao longo da ferrovia que vai até Cochabamba (um importante centro estratégico). Há alguns anos, militares americanos estiveram em visita ao Brasil tentando vender um equipamento moderno destinado principalmente ao corpo de fuzileiros navais, para manobras de desembarque; era composto, basicamente, de dois pequenos jatos presos às costas do soldado, que os manejava a partir de uma espécie de guidão à frente. Tal equipamento, que mantinha o homem em pé, provocava impulsos que o lançavam a vários metros de distância – ideal para saltar obstáculos de praia e minas. Não consta que nosso governo os tivesse adquirido, mas nós os vimos no Rio de Janeiro.

Jorge Arias: um movimentado caso na aldeia boliviana de Ventilla.

Arquivo Três

Aumenta o número de seqüestros feitos por UFOs em todo o mundo – o que até pouco tempo era uma raridade, embora represente farto material para a pesquisa a nível científico. Antes de apresentar um caso dessa modalidade, a ufóloga carioca Irene Granchi comentou o fato:

"A relativa freqüência dos seqüestros humanos para fins genéticos forma novo e importante aspecto na questão ufológica, assim como os avistamentos em massa, por largos segmentos da população, atravessando regiões, países e continentes. Aqui no Brasil, tenho registrado em público a evolução da fenomenologia desde 1972. Os países além da Cortina de Ferro, ainda hesitantes, decidiram abrir o sigilo mantido até agora. Estou falando, neste caso, em termos de quarto de século. E não devemos esquecer que, paralelamente, os estudos da psicologia, da parapsicologia, dos fundamentos da mente humana, têm contribuído decididamente para conduzir à aceitação de novos paradigmas. Também os conhecimentos da Antigüidade, novamente revelados, foram apropriadamente inseridos nos cursos e demais programações do II Festival para o Homem do Terceiro Milênio, apresentado simultaneamente a este II Ciufo."

Relatando o Caso Mirassol, Irene Granchi faz um preâmbulo, necessário ao estabelecimento da origem da pesquisa desenvolvida em torno deste episódio no correr dos últimos anos e denunciando um quadro amplo e novo na casuística:

"A primeira seqüência deste caso foi publicada em *OVNI Documento* nº 7, em 1979. Houve em seguida outros seqüestros da mesma pessoa, verificados conscientemente ou confirmados sob hipnose. Os contatos continuam até o presente, com fortes semelhanças com o Caso Villas Boas

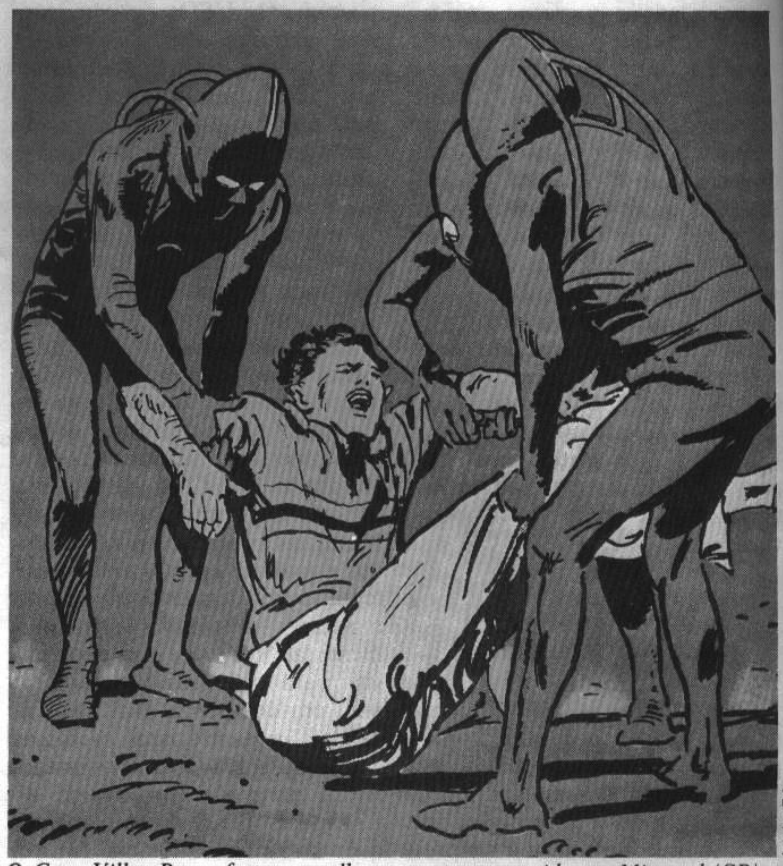
Os fatos examinados

(15/10/57), com o Caso COHAB, com Assis A. de Ávila (Pelotas, RS, publicado em *OVNI Documento* nº 6) e numerosos outros casos registrados em outros países. Temos, então, uma experiência genética funcionando como elemento motivador de seqüestro."

Mas o caso de Mirassol não se concluiu na primeira experiência, e os seres haviam prometido voltar para mostrar a Antônio Carlos Ferreira o seu filho com a mulher extraterrestre. Neste congresso, Irene Granchi nos deu a seqüência dos acontecimentos:

"A noite de 6 para 7 de agosto de 1982 foi notável quanto a avistamentos de UFOs. Nessa noite, em Mirassol e Catanduva (SP) inúmeras pessoas também observaram evolução de UFOs nos céus. Por volta das 23h dessa noite, Antônio estava dormindo. Na madrugada do dia 7 levantou-se e foi caminhando para o trabalho, uma hora e meia antes do horário habitual, sem se aperceber do erro. Como de costume, seguia os trilhos da estrada de ferro, enquanto o dia amanhecia claro, quente, sem nuvens. Próximo à passagem de nível, deparou com uma luz. Pensou que fosse um trem, mas a qualidade da luz era diferente, de um vermelho vivo, brilhante. Sentiu tontura, deitou-se para não cair. Conseguiu levantar-se e prosseguiu seu caminho."

"Seiscentos metros adiante", continuou Irene, "entre dois pontilhões, a luz reapareceu, vindo de encontro a ele. Tinha diâmetro de cerca de 8 metros e o envolveu completamente, sua cor era vermelha, parecendo neon. Novamente Antônio sentiu-se tonto e provavelmente perdeu os sentidos. Voltando a si, sentiu formigamento pelo corpo; passava mal e resolveu voltar para casa, onde chegou por volta de 6h20. Deitou-se, mas continuava sentindo-se mal e com formigamento no braço esquerdo. Na mesma tarde a tontura voltou. Depois, tudo passou e ele dormiu.



Arquivo Três

O Caso Villas Boas: fortes semelhanças com o ocorrido em Mirassol (SP).

Segundo Irene, nos dias seguintes Antônio ainda sentia o formigamento e a dor no braço. O prof. Ney M. Pires (de Mirassol, SP) foi procurá-lo 12 dias depois (18/08/82). Notou no braço esquerdo da testemunha o sinal de uma picada na veia, por onde o sangue verteu duas vezes espontaneamente. Feitas as medidas de tempo no trajeto de Antônio naquela noite, constatou-se que ele perdera aproximadamente 1 hora e meia.

O resultado da hipnose

Segue Irene: "De 30 a 31 de dezembro do mesmo ano, Antônio passava uma temporada na casa dos pais, ausentes, e teve outro encontro. Às 2h acordou assustado com uma forte luz verde iluminando a casa toda (o teto não tem forro). Chegando à sala fechou a porta da cozinha, que encontrou aberta. Ele a fechara antes de deitar-se. Voltando à sala, ouviu um ruído vindo de outro quarto, do qual saíam três seres. Já os conhecia – eram os mesmos do primeiro seqüestro, ocorrido em 1979. Dois deles vestiam macacão branco e usavam capacete. O terceiro não trazia capacete, era de pele escura e cabelo vermelho. Levava na mão um objeto cilíndrico brilhante, com cerca de uma polegada de diâmetro.

"Perguntaram-lhe se não tinha medo. Respondeu negativamente e virou as costas para sair. O objeto cilíndrico disparou uma luz verde que lhe queimou a camisa. Antônio voltou-se e recebeu uma descarga no lado esquerdo do peito, novamente queimando a camisa mas sem machucar-lhe o corpo. Mais uma descarga queimou-lhe a manga esquerda da camisa e a folhinha na parede. Instintivamente, Antônio arrancou a camisa e jogou-a longe. Ator-

Arquivo Três

Granchi: a freqüência dos seqüestros forma novo aspecto na questão UFO.

doado, caiu no solo, percebendo pouco antes que os seres tiravam algo de um pequeno estojo.

"Quando voltou a si, os seres não estavam mais lá. No peito e no braço esquerdo havia uma série de riscos, como se produzidos por uma ponta muito fina. Eram riscos superficiais, só atingindo a pele, medindo entre 2,5 cm e 3cm. Mais um sinal de picada no braço esquerdo."

No mesmo dia, Antônio procurou o prof. Ney. Em sua pesquisa, Ney constatou que a folhinha, bem segura na parede, não podia ser retirada. Apurou que as posições do braço esquerdo, com a manga queimada, e da folhinha, também queimada, estavam na mesma trajetória.

Pela regressão hipnótica posterior, induzida por Álvaro Fernandes (parapsicólogo) a 11 de janeiro, na presença de várias testemunhas, foi apurado que Antônio tivera contatos imediatos não apenas 3, mas 5 vezes, todas elas descritas com detalhes na regressão. No segundo contato ele não entrou na nave. Os seres (2) desceram segurando uma criança. Voltaram para a nave e se foram. Antônio lembra-se, conscientemente, de que um mês antes do 7 de agosto observara uma nave, ao mesmo tempo sentindo formigamento no braço esquerdo.

No terceiro contato (do qual ele não recorda o dia), Antônio relatou sob hipnose que foi levado de repente para dentro da nave, através de um facho de luz verde. Os alienígenas o amarraram à superfície de uma cama e colocaram um aparelho em seu braço esquerdo, onde injetaram um líquido amarelo. Deitado em outra cama, um deles recebia agulhadas no braço e no corpo. Antônio admirou-se e aborreceu-se ao ver isso. Explicaram-lhe que tal tratamento representava um castigo.

Afinal, desamarraram Antônio e o conduziram para outra sala, onde lhe mostraram o filho, produto do primeiro seqüestro, que já dava os primeiros passos e estava com a mãe. O garoto era a réplica da mãe e dos outros extraterrestres. Antônio foi trazido de volta à Terra.

Outro encontro se deu na passagem de nível da estrada de ferro, quando a testemunha sentiu-se tonta ao ver o OVNI. Nessa quarta visita explicaram-lhe o funcionamento de dois aparelhos, deixando até que manipulasse um deles, o que propulsionava e parava a nave. Entendeu que servia para mostrar o funcionamento dos demais aparelhos, ou para fazer observações a longa distância. Nessa visita não viu a mulher e o filho.

Uma ligação cada vez mais evidente

Seu quinto contato foi dentro da casa dos pais. Foi alvejado pela luz, queimando a camisa. Descreveu que riscaram seu peito com uma agulha, iniciando o desenho do emblema deles no seu peito. No braço esquerdo injetaram um líquido, dizendo que servia para abrir a comunicação. No entanto, não terminaram o desenho, porque "o tempo se esgotou".

O encontro de dezembro passado não foi o último. Na hipnose seguinte, aplicada no dia 3 de abril de 1983, descobriram os pesquisadores que Antônio tivera mais duas experiências, a 28 e 30 de março. O dia 28 foi de Lua cheia. "No telefonema que mantive com o prof. Ney", conta Irene, "tive apenas esta informação, mas notei que ele estava impressionado pela repetição dos contatos".

O prof. Ney teve a idéia de medir o bio-ritmo de Antônio em duas ocasiões – após o seqüestro de 1979 e após o de agosto de 1982. O resultado contraditório não esclareceu nada. Os locais descritos por Antônio – um vão imenso contendo OVNIs de médio porte (de 2 a 3m) e de grande porte (qual um trem) – fazem pensar que ou o local se situava em alguma plataforma espacial, ou era fruto de uma fabulação introduzida em Antônio, talvez por meio do líquido aplicado no seu braço.

Os fatos examinados

Os desenhos dos aparelhos são relativamente simples, especialmente se os compararmos a outros. "Como é comum o nome Antonio entre os seqüestrados", comenta Irene.

"Por que este Antonio foi escolhido?", perguntaram-lhe sob hipnose. "Disseram que eu tinha capacidade", respondeu Antonio. "Que tipo de capacidade?" "Não sei."

Uma observação interessante: os seres respiravam nosso ar sem capacete e Antonio respirava o deles, embora o achasse desagradável. Segundo o prof. Ney, poderiam ser robôs – uma resposta confirmada na última sessão de hipnose.

"Mais um caso de miscigenação se junta aos nossos conhecimentos", conclui Irene Granchi. Mais uma comprovação de que a interrelação física e mental está sendo desenvolvida. E a nossa ligação com as inteligências que vêm de fora, que manipulam o ser humano segundo seus planos pré-estabelecidos, está-se tornando cada vez mais evidente. Uma comunicação inteligível, um caminho a percorrermos juntos para um infinito cheio de mistérios.

Um caso na África

Cynthia Hind, pesquisadora de Zimbabwe, correspondente do Cufos (Center for UFO Studies) e do Mufon (Mutual UFO Network), trouxe ao II Ciufo uma importante colaboração que permite-nos conhecer um pouco mais sobre a África, um continente ainda misterioso do ponto de vista da ufologia.

"As populações das vilas e aldeias do interior do Zimbabwe não têm idéia do que seja UFO ou extraterrestre", explica ela. Se vêem algum fenômeno semelhante à aparição de ufonautas, pensam tratar-se dos espíritos dos antepassados; oram em sua intenção e se afastam. "Muitas pessoas vivem no mato, ouvindo pouco rádio e quase nunca lendo jornais. Eles crêem que, ao morrer, o espírito volta ao lar ancestral. Por isso o rosto do defunto deve ser virado para aquele lado (porque o espírito sai pela boca). Sem essa providência, ele fica perturbado, não consegue encontrar o caminho e fica vagando por aí.

Espíritos em visita

Cynthia conta: "O jardineiro Clifford Maganga, de uma aldeia do Interior, certa noite avistou uma luz azul saltando pelos pastos próximo à casa da fazenda. Pensando tratar-se de um daqueles espíritos, fez uma prece rápida enquanto corria dali. Foi seguido pela luz e sentiu como que uma mão lhe apertando a garganta, quase o sufocando. Lutando desesperadamente contra o pânico, conseguiu chegar até a casa, com as pernas moles e completamente sem fala. Esse foi o primeiro caso que investigamos no local."

"Em agosto de 1981", prossegue ela, "um novo caso nos chamou a atenção: o senhor Connely viu a luz de bem perto (cerca de poucos metros). Desta vez era forte mas, vermelha. E pulava ali pelo jardim da casa grande. Enquanto Connely olhava, a luz como que subiu pela parede em direção de uma torre que há no canto da construção. No topo, pareceu explodir, emitindo um forte clarão que chegou a iluminar os arredores. A seguir, desceu pela parede e dirigiu-se à casa, aumentando a luminosidade até chegar a cerca de 1,5m."

De outro ponto de observação, o jardineiro Clifford Maganga também viu o fenômeno e, inicialmente, pensou tratar-se de Connely passeando com uma potente lanterna elétrica. Ficou olhando, mas quando a bola de fogo parecia estar dentro da casa, incendiando tudo, deu o alarme e correu. Nisso, deparou com 3 vultos

CYNTHIA HIND: O RICO TESTEMUNHO DAS VELHAS TRIBOS

Cynthia Hind, jornalista, mora em Zimbabwe (antiga Rodésia) e representa a UFON há algum tempo. Sendo coordenadora do movimento ufológico africano, ela faz a cobertura dos países do Norte e do Sul da África, visitando e entrevistando os que tiveram contatos diretos. Como a África tem grandes áreas onde a tecnologia ocidental ainda não penetrou, as experiências narradas por Cynthia Hind são de particular interesse especialmente porque alguns casos referem-se a avistamentos experimentados por pessoas que desconhecem o assunto.

Em sua entrevista a *Elsie Dubugras*, Cynthia começou explicando que iniciara sua carreira escrevendo sobre a parapsicologia e que esse estudo levou-a, naturalmente, à ufologia. Quando perguntamos se ela mesma já tivera um avistamento, sua resposta foi: "Não!", mas que conversou com diversas pessoas que já tiveram. Sendo bem conhecida no território africano, ela recebe telefonemas quando um avistamento ocorre. Não vai a lugares onde só são vistas luzes no céu, pois isso, aparentemente, é muito comum na África; mas se alguém vê uma nave pousada no chão, ou sabe de pessoas que tiveram contatos com o fenômeno, ela viaja para lá o mais depressa possível. Cynthia sente que não deve demorar pois, quando existe alguma evidência física, ela pode ser destruída ou desaparecer. Segundo seus depoimentos, teve a oportunidade de ver casos fantásticos.

Cynthia escreveu um livro sobre avistamentos de terceiro grau na África, todos ocorridos nos últimos doze a quinze anos, e mostrou os slides no Congresso. Num caso, a nave esburacara o solo de uma quadra de tênis, deixando cinco marcas, pois havia aterrissado num dia muito quente e, quando tentou levantar vôo, arrancou o macadame. Dezenas de pessoas testemunharam. O chefe de polícia disse que jamais ha-

Arquivo Três

Cynthia Hind: revelando a desconhecida fenomenologia ufológica africana.

que se dirigiam para a casa e pensou tratar-se ainda de Connely, com mais dois companheiros que ele não vira antes. Chamou por Connely, embora estranhando o macacão prateado – coisa que o outro não tinha. Cynthia esclarece que a língua dos moradores locais não tem a palavra *metálico* e que, para demonstrar a cor do macacão Maganga mostrou uma moeda.

"Quando ele gritou", ilustra a pesquisadora africana, "os três se voltaram ao mesmo tempo e Maganga viu uma luz muito forte no rosto de uma das pessoas. Brilhava quase ao ponto de cegá-lo; ele virou-se para correr dali, mas tropeçou e caiu ao chão. Conta: 'Foi um poder que me atirou ao chão'. E tinha muito medo, ao relatar os fatos."

Mas não foram apenas Maganga e Connely que viram a coisa. Eunice Katiti, mulher do jardineiro, também testemunhou: "Pareciam duas pessoas, sendo que uma delas carregava uma lanterna, iluminando o caminho. Assim, eu só podia ver bem as pernas, porque o resto me ofuscava. Mas era uma luz esquisita, fazendo uma curva".

À noite, Cynthia convidou Eunice para voltar ao local e mostrar como as coisas aconteceram. Os demais também foram convidados. As duas fizeram o mesmo percurso narrado para a luz, e as testemunhas afirmaram que a luminosidade proveniente daquela lanterna era muito diferente da normal. "Mesmo quando iluminei o interior da torre, ninguém pensou que se tratasse de incêndio, como no caso narrado. Minha conclusão é de que também não poderia ter sido gás do pântano – embora haja uma represa próxima. Ao todo, 20 pessoas contaram avistamentos e nenhuma delas conhecia o fenômeno UFO – só conheciam os espíritos. Por outro lado, também descartei a possibilidade de uma alucinação coletiva por parte das testemunhas, argumentando que ninguém se alucina com coisas que nunca viu ou ouviu falar. E havia também – notei isso de dia – várias pegadas profundas impressas no solo, lembrando cascos de cavalo. Se eu mesma vi, não podia ser alucinação deles. Tiramos moldes e fotografamos o local: as marcas deveriam ter sido impressas por alguma coisa muito pesada, pelo tipo de terreno e profundidade que apresentavam."

via visto um fenômeno daquela natureza e, por isso, pediu que ela desse uma palestra aos guardas para explicar o que acontecera. Fez o que ele pedira e falou aos oficiais e aos guardas. Diz Cynthia:

"Há pouco conhecimento de ufologia na África. Tive um caso maravilhoso com os nativos de um lugar. Eles me disseram que tinham visto três homens ao lado de uma enorme bola de fogo. Descreveram a roupa desses homens. Quando perguntei a cor das vestes, ele tirou uma moeda do seu bolso e me mostrou. Como não têm a palavra *metálica* em sua língua, ele não tinha outra forma de descrever a cor da roupa!

Acreditando que seus ancestrais voltam para se comunicar com eles, não sentiram medo e tentaram se aproximar dos seres. Quando chegaram perto, o poder que emanava da bola era tão grande que eles foram jogados ao chão. Foi então que sentiram que os seres não eram seus ancestrais. Esses não se comportariam daquela forma. *(Veja acima uma descrição mais detalhada do episódio.)*

"Dois anos antes de embarcar para o Brasil, um outro africano negro me telefonou dizendo que estivera numa área muito selvagem onde viviam os elefantes. Estava com mais três companheiros quando viram uma enorme luz descendo do céu e pousando sobre uma árvore. Ficaram com tanto medo que se esconderam atrás de uma árvore e de lá viram dois homens brancos saindo da luz e descendo ao solo. Perguntei, então, se eles desceram pela árvore, mas eles disseram que não: 'Flutuaram'. Eles não podiam entender como haviam feito isso."

"Vemos, pois, que existem casos que ocorrem com pessoas que não compreendem o que está acontecendo, e nem compreendiam o que eu estava dizendo. Quando tentei explicar melhor, um deles imediatamente disse: 'Ah! astronautas.' Perguntei, então, se ele havia visto alguma foto de astronautas, e ele disse que não. Prova que não foram influenciados por figuras em fotos."

Perguntada sobre como encarou este II Ciufo, Cynthia declarou: "Nunca me senti tão estimulada. Jamais vi gente tão entusiasta e amiga. Só me permito fazer uma pequena crítica. Não estou criticando a parte metafísica, mas no mundo ocidental temos que adotar uma atitude científica. Mas se pudéssemos injetar o entusiasmo dos brasileiros nos americanos e ingleses, não tardaríamos em descobrir a verdade sobre os UFOs. Foi uma revelação para mim."

Chris Foss

O II Ciufo confirmou: a questão ufológica vem abrangendo um campo de pesquisa cada vez maior.

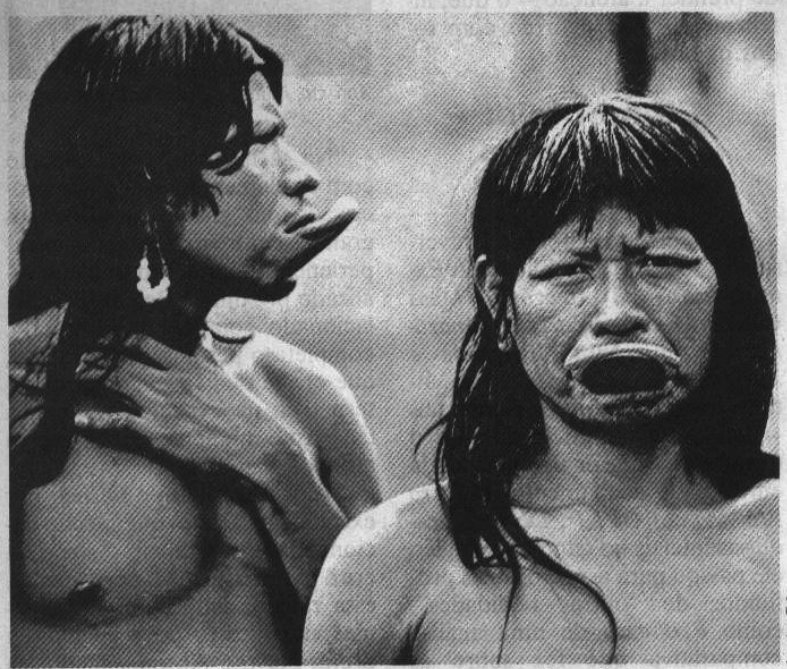
OS RUMOS ATUAIS DA PESQUISA

Ao lado de velhas áreas de estudo, sempre revistas e aprofundadas, novas possibilidades temáticas surgem na abordagem da questão ufológica. Um bom exemplo disso estava na programação do II Ciufo: lá figuravam trabalhos ligando os OVNIs a entidades de nosso folclore, elementais, anjos e demônios do interior do País, além de novas incursões aos livros sagrados e à pré-história.

Antônio Pedro Silva Faleiro é mineiro de Passatempo. Há anos vem buscando a compreensão do fenômeno UFO associando-o com a fenomenologia mística do interior brasileiro – que mantém um paralelo com o que Cynthia Hind contou sobre a África: uma bola de fogo se deslocando pelo espaço pode ser o boitatá (m'boi-tartar = cobra-de-fogo, na linguagem tupi) ou que outra flexão tenha, ou ainda a alma de compadre que prevaricou com a comadre. Alma do defunto ou o espírito dos africanos, dá na mesma.

O jovem Faleiro despertou o interesse dos convidados estrangeiros por seu critério na avaliação do tema e nas correlações que faz. Já editou dois livros sobre o folclore brasileiro e publica regularmente um boletim (de circulação restrita) onde relata os resultados de suas investigações de campo – sempre no seu município ou vizinhanças.

As pesquisas de Câmara Cascudo têm-lhe servido de base na busca das correlações fenomênicas. E ele vai alinhando os nomes das entidades fantásticas dos nossos caboclos: "Existe a cobra-de-fogo (boitatá, com uma variedade enorme de pronúncias por esses brasis afora); uma versão diferente para cada Estado da União. Há também o touro-de-fogo, a alma penada, a cobra-grande (ou m'-boiuna = cobra-preta), avestruz-de-fogo, carbunco (outra forma de pronunciar carbúnculo) – que também é conhecido na Argentina; além desses, existe o anhangá-pitã, o minhocão, o fogo-corredor e a mulher de branco (ou 'noiva')."



Arquivo Três

A mitologia indígena é um dos temas estudados pelo ufólogo Faleiro.

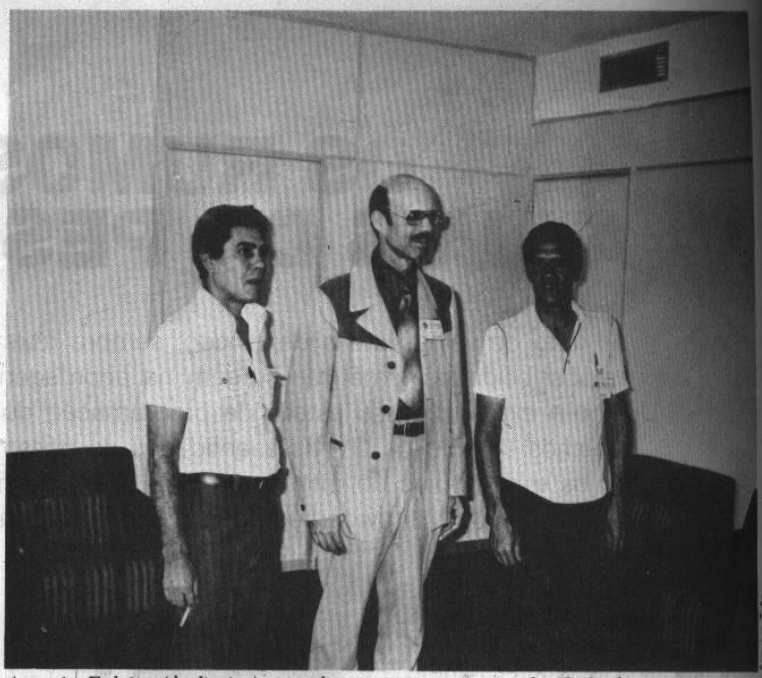
"Por enquanto", diz Faleiro, "tudo o que investigamos nos leva a uma conclusão interessante: em todos os locais onde aparecem as 'assombrações' constatou-se a existência de magnetita. Talvez os pesquisadores científicos versados em mineralogia possam trazer mais luz sobre o tema."

Com sua mineirice, jeitão calmo e jargão de matuto, Faleiro agradou os cerca de mil ouvintes que lotavam o auditório. Por quatro vezes os aplausos interromperam sua exposição – que não foi das mais longas.

Um fato curioso sobre o congresso: sempre que um orador se alongava um pouco sobre seu tema, um membro da comissão organizadora se achegava mansa-

A busca incessante

mente a ele e lembrava-lhe ao pé do ouvido que seu tempo estava terminando. Enquanto Faleiro apresentava alguns *slides* com fotos e desenhos de sua própria autoria, um deles mostrou sua sombra na penumbra do salão. Quando ele se aproximou do orador, um clamor em uníssono se fez ouvir do meio da assistência: "Deixa o homem falar!" O avisador retornou, sorrateiro, enquanto Faleiro tranqüilizava: "Ele só veio me dizer que ainda tenho alguns minutos." Mais aplausos se seguiram. Há pessoas que têm o dom de prender a atenção – o que, infelizmente, não ocorreu com todos os oradores.



Arquivo Três

Antonio Faleiro (à direita): um dos maiores sucessos do II Ciufo.

Elementais: ajudando os alienígenas

Antônio Jorge Thor (da Universidade do Pará) já publicou *Os Extraterrestres na Amazônia, Meus Contatos Extraterrestres na Amazônia* e *Amazônia, Enigmas e Astronautas*, tendo no prelo seu último trabalho sobre os elementais – tema que abordou durante o Congresso – e, finalmente, ainda em fase de acabamento, *O Livro Proibido dos OVNIs*. De suas pesquisas iniciais no campo ufológico ele passou para aspectos mais profundos de "outras realidades", como é o caso de uma análise comparativa que fez sobre as inter-relações entre extraterrestres, intraterrestres e elementais. O que vem a significar tudo isto?

"A primeira ligação", explica Thor, "consiste em que os elementais são espíritos da natureeza que dão força e apoio ao trabalho dos extraterrenos. Como elementos da natureza, pertencem aos quatro elementos básicos – fogo, terra, ar e água –, ajudando os extraterrenos a processar todo um trabalho de preparação para as próximas gerações e até mesmo para o pessoal do Quarto Milênio."

"Na Amazônia, esse trabalho com os elementais está sendo processado em grande atividade nos grandes centros. Temos, como experiência própria, um trabalho realizado próximo a Belém (PA), relacionado com o reino vegetal", completa o pesquisador paraense, que ora se dedica à agricultura alternativa, na expectativa de uma catástrofe iminente (uma guerra atômica, em 1983?).

O povo brasileiro é místico por excelência, sendo que nossa nacionalidade surgiu sob o signo da cruz de Cristo. Modernamente, essa religiosidade apresenta algumas variantes (o povo aplaudiu a profa. Neythe Abreu quando ela disse que nos estamos afastando da verdade, trocando-a pela fé) que incluem os cultos afro (sem mesmo considerar, efetivamente, o sincretismo estabelecido pelos primeiros padres evangelizadores), parâmetros da doutrina espírita e, finalmente, as comunicações extraterrestres. Embora muitos afirmem que espiritismo não é religião – e muito menos a ufologia –, o comportamento popular é de molde a encorajar aquela tendência.

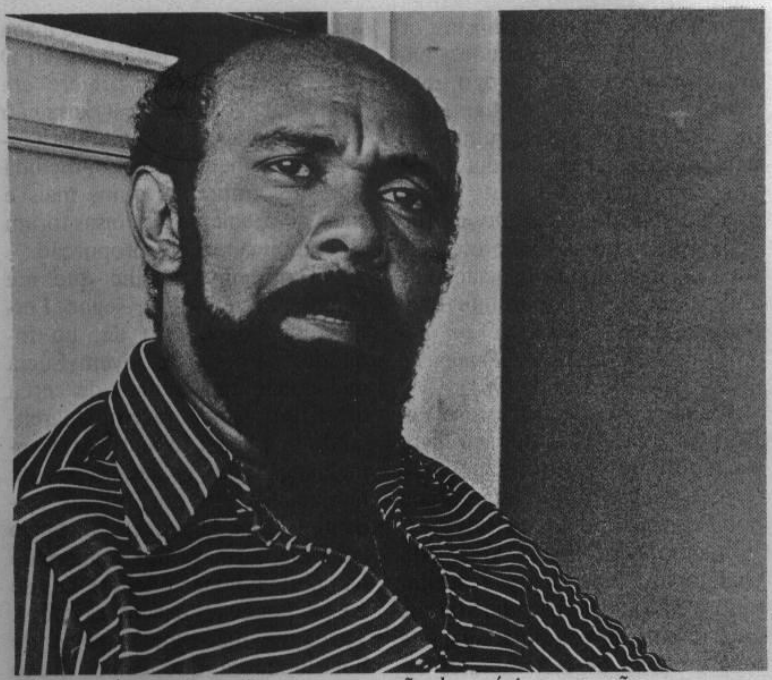
Em matéria de coisas místicas, os elementais – espíritos da natureza – não podem ficar de fora, e devem ser contados entre as entidades que agem no mundo fenomênico. Teriam eles uma personalidade própria ou estariam enquadrados em comportamentos-padrão?

"Os elementais", diz Thor, "se comportam como seres direcionados pelos extraterrenos, nos ajudando quanto ao norteamento para áreas que devemos ajudar, principalmente rurais, auxiliando os líderes das comunidades sobre o *como* plantar, cuidar e viabilizar o material natural. Eles têm como missão básica proteger e transformar a natureza, interpenetrando os reinos mineral, vegetal e animal – cada um deles com um chefe: os míneros, os duendes e os floros."

O temor do fim próximo

"Por sua vez, os chamados seres *elementares* pertencem a mundos inferiores, a outro tipo de energia telúrica, originários e transformadores do planeta Terra."

Mas – perguntamos-lhe – esse trabalho de interação entre os elementais e extraterrestres, mas com a participação do próprio homem,



Arquivo Três

Thor: os elementais auxiliam na preparação das próximas gerações.

como mencionado no caso dos experimentos com agricultura alternativa, só pode ser executado por pessoas "especiais" ou por qualquer um que a ele se dedique?

Thor responde rapidamente: "Os elementais basicamente auxiliam o homem, protegendo-o, caso ele, homem, trate bem da natureza e de seus seres representativos. A interação a que nos referimos está se fazendo devido à necessidade do momento, porque o planeta está passando por uma transformação muito radical. Dentro de poucos anos talvez tenhamos transformações de níveis mundiais, como grandes epidemias e uma violenta guerra nuclear."

Esse pensamento externado por Antônio Jorge Thor quanto a uma grande transformação planetária e guerra nuclear é coerente com o de uma grande parcela do público presente ao II Congresso Internacional de Ufologia. O trabalho apresentado pelo ufólogo fluminense Marco Antônio Petit (ver matéria nesta edição) fazia menção a isso, e muitos sensitivos nos garantiram a sensação de uma catástrofe – e não distante no tempo. Alguns chegaram a pregar a urgência de medidas de salvaguarda, até para os próximos meses (!).

"Se ocorrer uma guerra nuclear", afirma Thor, "poucos sobreviverão. Mas a questão mais premente não é só a morte imediata, e sim os efeitos que se prolongarão por vários e vários anos. Os elementais têm o poder de transformar os agentes, evitando que aconteçam coisas dessa natureza. Porém, como são seres instintivos, não têm discernimento nem livre-arbítrio, operando tanto o bem quanto o mal – dependendo da natureza do ser humano. Originários da terra, obrigam o homem a cultivá-los e cativá-los. Se soubéssemos a importância de termos ao lado a proteção de um elemental, o mundo seria maravilhoso."

Aliados a se conquistar

Ele prossegue: "Já os intraterrenos atuam noutros planos: são seres cósmicos que vibram noutras dimensões e estão aqui para nos ajudar – mas de uma maneira mais tecnológica e mais espiritual. Tudo isso nós tratamos em detalhes no próximo livro que estamos lançando – *Tratado Sobre os Elementais da Natureza* –, a primeira obra escrita em português sobre o tema."

Thor comenta que é muito escassa nossa literatura a respeito dos elementais – até mesmo em inglês. Na Escócia foi realizada uma experiência pioneira com a ajuda dos elementais (Findhorn), que ele tentou introduzir no Brasil (com sucesso, aliás), na Amazônia: "Lá fizemos uma experiência com mamõezinhos, de tipo especial, que foram plantados sobre pedregulhos; as frutas chegaram até 30cm, com mais de 2kg de peso – tudo com a ajuda dos elementais."

O pesquisador adverte, porém, quanto à necessidade de toda uma estrutura mental e psíquica para tratar com eles – "ou o sujeito pode se dar mal. Existem pré-requisitos básicos. Por exemplo: uma pessoa do signo de Câncer tem seu elemental na água (ondinas); os leoninos têm o elemental no fogo (salamandras); para Aquário, serão os elementais do ar (silfos, que se contam entre os mais poderosos por representarem o último estágio da evolução humana)."

Com cerca de 50 mil horas de selva amazônica, Thor inicialmente não acreditava nos elementais (pesquisando basicamente arqueologia espacial), mas foi levado a olhar outros ângulos da questão transcendental.

"Quando do advento da grande catástrofe", explica ele, "os extraterrenos e os intraterrenos vão nos ajudar, mas isso será feito de maneira melhor se pudermos contar com a proteção dos elementais. Será preciso, neste mundo conturbado, que o homem se conscientize de que ele não está só no universo – tanto a nível cósmico quanto telúrico. O homem é um ser telúrico por nascer na Terra, mas está em ascensão para o cósmico e precisa se conscientizar disso e transmitir esses ensinamentos de maneira clara e objetiva."

Thor prossegue: "Muitas pessoas estão se tornando ufomaníacas e teleguiadas por seres extraterrenos – algumas até apresentando distúrbios por seguirem outras sem preparo. Tanto a ufologia

A busca incessante

avançada quanto a ufologia científica (tradicional) e a experimental – denominadas genericamente de *pré-ciências* – contêm sua parcela de verdade e sua meta, mas nem tudo deve ser feito sem alguns pré-requisitos. Essa a nossa mensagem a todos quantos pretendam pesquisar os elementais e os extraterrenos: há uma interrelação entre eles e esses fenômenos estão aí, a todo dia e toda hora."

A Virgem e os extraterrestres

A partir das pesquisas de Jacques Vallée, muitos ufólos vinham se perguntando se as várias "virgens" cultuadas pela cristandade não teriam algo a ver com a fenomenologia UFO. O jornalista português Joaquim Fernandes não era exatamente um ufólogo, mas, diante de uma grande quantidade de relatos UFO e de algumas evidentes correlações, decidiu tentar uma empreitada não muito fácil – que lhe consumiu seis anos de trabalho, bem como da professora Fina D'Armada. Da associação de ambos surgiu o importante livro *Intervenção Extraterrestre em Fátima – As Aparições e o Fenômeno OVNI* (Liv. Bertrand, 1981).

Joaquim Fernandes esteve em Brasília e falou sobre seu livro (cujo resumo os leitores poderão ler em *Planeta* 120). Entrevistado por *Planeta*, Fernandes disse:

"Como bem frisou Aimé Michel, o investigador deve aceitar tudo e não crer em nada. Foi daí que, depois de examinar mais de uma centena de testemunhos escritos sobre Fátima, decidimos, eu e a doutora Fina, buscar a prova material, uma vez que o fenômeno *aparições* é real e é evidente a sua correlação com o fenômeno UFO (ou OVNI, como se prefere em Portugal). No começo, a coisa não foi difícil, pois os documentos a favor são abundantes; mas à medida que nos embrenhávamos mais e mais no problema, as coisas foram se complicando em proporção."

"O primeiro detalhe que me chamou a atenção", segue Fernandes, "foi o fato de, no inquérito paroquial, a jovem Lúcia mencionar uma mulher de cerca de 1,10m, ainda jovem, aparentando uns 12 ou 15 anos. Aí, a semelhança com as descrições de hominídeos era por demais evidente (1,20m de altura). Por outro lado, ela afirmava que a aparição não abria a boca ao falar e que se mexia pouco – exceto as mãos. Trazia na mão uma espécie de bola luminosa, que lembra muito bem certos equipamentos descritos como utilizados pelos alienígenas (e que se transformou no 'co-

UM CONFUSO (MAS PROMISSOR) PEQUENO UFÓLOGO

Um garoto paulista de 13 anos de idade foi uma sensação no congresso de Brasília: Lúcio Manfredi. Descoberto pelo CEEX-SP ("Eu é que descobri o CEEX", diz ele alegremente), Lúcio foi imediatamente convidado por Paulo Kronemberger para figurar na lista de oradores do II Ciufo, por sua pouca idade – o que o torna o mais jovem ufólogo do Brasil (e talvez do mundo) – e vivacidade ao tratar do tema UFO.

Mereceu elogios de todos (menos de Hynek e de Irene Granchi, para quem "ele deveria estar brincando, como as outras crianças, em vez de estar se ocupando com coisas tão sérias como a ufologia"). Foi dos oradores mais fotografados pela imprensa e seguramente o mais requisitado pelas estações de TV – tanto assim que foi imediatamente convidado por J. Silvestre para participar do seu programa, na TV Bandeirantes. Os argentinos e americanos gostaram de sua presença, e Cynthia Hind voltou para Zimbabwe encantada com a precocidade dele.

Foi, sem dúvida, um momento de lirismo naquele ambiente sério e carrancudo do congresso. Uma pausa alegre e divertida – para ele e para nós, da imprensa e da assistência. Oxalá ele continue pesquisando e possa, no futuro, desenvolver um trabalho sério, uma vez que o que apresentou, em verdade, foi um amontoado de temas desconexos.

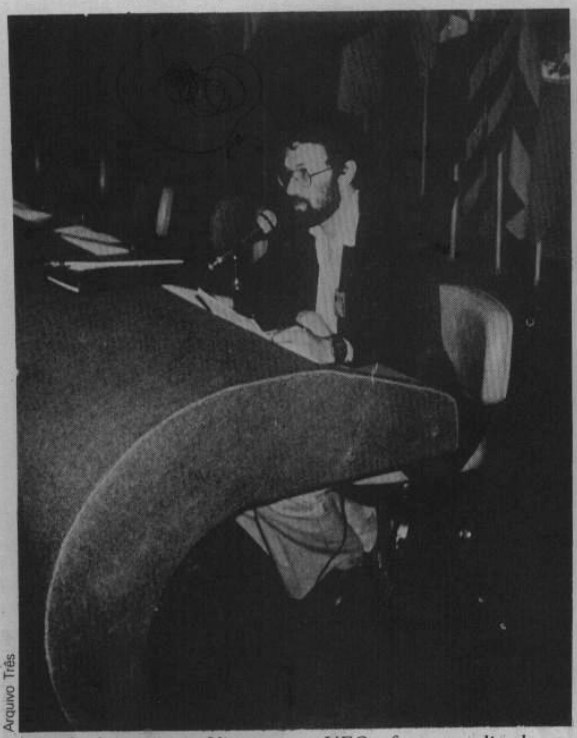
O tema desenvolvido por Lúcio – "UFOs e Gigantes na Guerra da Atlântida" – é indiscutivelmente difícil, pois renomados pesquisadores e cientistas continuam debruçados sobre a realidade da Atlântida sem chegar a qualquer resultado efetivo, que a todos contente. Esse continente teria ou não existido? Para Lúcio, existiu, sim, e era habitado por gigantes (!).

Ele chama Enoch de "gigante" (quando o próprio texto canônico é claro quanto à sua linhagem: deve ser contado entre os eloins – pais dos gigantes) e afirma que "as mulheres da Terra morriam ao dar à luz seus filhos, por serem anormalmente grandes" – embora lhe tivesse sido explicado o fato de que *gigante* (do grego *giga*, um numeral que expressa a unidade de bilhão, e *anthós*, flor) refere-se mais à qualidade intelectual daqueles "homens possantes e desde há muito afamados", como quer o padre Matos Soares na sua versão da Vulgata (Edições Paulinas). Se para o hinduísmo o chacra coronário é representado pelo Lótus de Mil Pétalas, para os gregos do período heróico esse número subia a "um bilhão" (daí a terminologia giga-anthós).

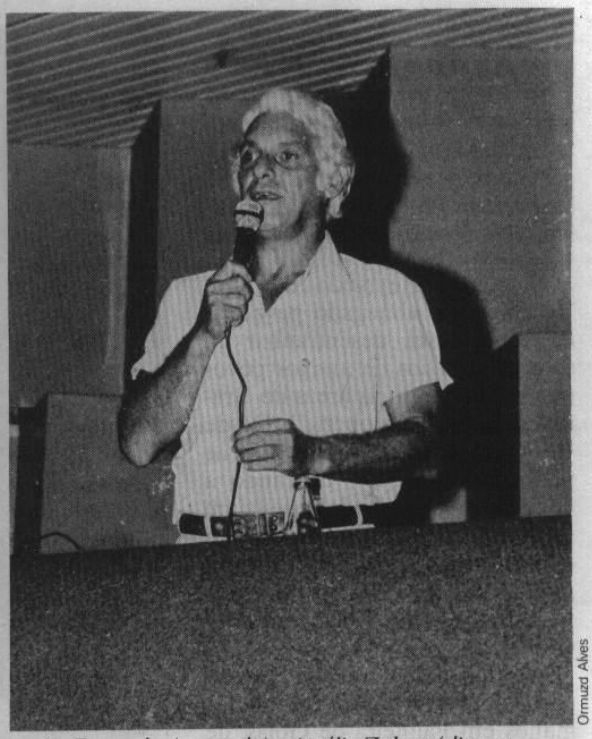
Mas ele não se preocupou muito com isso e foi em frente. Levou esses gigantes para a Índia pré-histórica e os fez lutar contra Rama (o Rei), chefiados por Ravan. Perdendo a guerra, emigraram para a Atlântida – e aí a coisa começa a ficar preta.

Lúcio disse: "A Atlântida era governada por um rei que tinha dois ministros: um representando as forças solares, e, outro, as lunares. Helena de Tróia, que era filha dos gigantes, provocou a Guerra de Tróia, lançando os solares contra os lunares até a destruição final – qual uma Mata-Hari da Antigüidade. Rama e os extraterrestres atacaram a Atlântida, que sucumbiu (*nesse caso, seriam Rama, os extraterrestres e os gregos*). Os gregos venceram os atlantes mas permaneceram na dúvida se os deuses teriam, mesmo, vencido os demônios."

O pequeno estudioso pensa que



Arquivo Três



Ormuzd Alves

As relações entre as Virgens e os UFOs foram analisadas por Joaquim Fernandes (esquerda) e Aurélio Zaluar (direita).

talvez os deuses tivessem perdido a guerra e que os demônios teriam precipitado Asgard (a Jerusalém Celeste). Fala de armas atômicas, citando o Samarhangana Suthradhara, de vímanas e UFOs (tudo misturado). Lá pelas tantas de seu discurso, refere-se ao "espetacular caso Vasp" (vide *Planeta* 115-A), comparando-o aos anjos do Apocalipse.

"Vencidos os demônios", prossegue o garoto, "foram eles confinados em Agharta, um mundo subterrâneo (não confundir com a Terra Oca, que ela não é). Um condensador elétrico (!) destrói o que resta da Atlântida, com a ajuda do comandante Javé. Helena deve ter um filho (representado pela mulher perseguida pelo dragão, no Apocalipse), que é um UFO. Mas, atentem bem: Javé não é um nome próprio; é um título, um posto."

Lúcio faz questão de deixar bem claro que Babel (do Novo Testamento) é a Atlântida, e continua: "O filho de Helena cresce e substitui Javé no comando das tropas, reconstrói Asgard (agora Asgard II) e vence os demônios sob o nome de Baldur." Aqui termina a história – um verdadeiro "samba do crioulo doido", mas que pode significar a primeira tentativa de um ufólogo do futuro.

ração de Maria'.)

"Por todas as descrições de fachos de luz indiferentes ao vento", considera o jornalista português, "pareceu-nos que estávamos tratando de um fenômeno de luz sólida, tão ao gosto das testemunhas OVNI. Estudamos demoradamente a possibilidade da ocorrência de um fenômeno alucinatório, mas ela foi abandonada em face da quantidade de pessoas: dezenas de milhares. É muito. Passamos também pelos efeitos cromáticos, que reputamos como conseqüentes à velocidade de deslocamento da nave – porque havia, associado a eles, o zumbido de abelhas, o calor, etc. Tudo isso conseguimos enquadrar no especto das microondas, pois o zumbido era constante e ocasionava efeitos físicos e psíquicos (síndrome do contato); estabelecemos sua freqüência em torno de 300 até 3.000 Mhz. E os detalhes iam se somando e engrossando o dossiê, até o surgimento, 60 anos depois do fato, da 4ª testemunha."

A partir da descoberta desta 4ª testemunha, Carolina Carreira – cujas declarações foram somadas às de Lúcia, Francisco e Jacinta –, os pesquisadores ouviram mais uma centena de outras, estabelecendo uma base histórica minimamente estável, de onde concluíram que "o insólito não podia ser inventado".

Outro ponto importante foi a constatação do fenômeno *nuvem*, descrito em associação com as aparições bem como com os OVNIs, mas pensam os investigadores que "o percurso experimental está longe de ser acabado, concretamente no que respeita à totalidade dos efeitos da radiação sobre as testemunhas".

UFOs na nossa pré-história

Joaquim Fernandes, ao entrar para o *Jornal de Notícias* (de Lisboa, um dos principais jornais portugueses), passou a responder semanalmente por uma seção dominical com notícias e comentários sobre os OVNIs. A doutora Fina D'Armada, antiga colaboradora daquele periódico, veio a conhecê-lo então, e ambos passaram a trocar idéias sobre a possibilidade de montarem um trabalho conjunto, tomando por base as aparições de Fátima – do qual nunca duvidaram que seria um

A busca incessante

imediato sucesso de público. "Mas gostaríamos muito de que algum editor se interessasse pelo lançamento de uma edição brasileira de nosso trabalho", finaliza Fernandes.

O goiano Reynaldo da Silva Rocha é um abnegado pesquisador que busca desentranhar do solo os vestígios de antigos povos que palmilharam as áreas do Brasil antes da "descoberta". Desde 1960 vem coletando elementos de prova pelo interior, buscando a conexão entre as lendas que falam sobre ruínas e seres estranhos – o que já originou um livro, *O Clamor das Pedras – Em Busca das Civilizações Ocultas do Brasil Pré-Cabralino.*

Organizou mais de 40 expedições, tendo recolhido fósseis humanos em Palmeira de Goiás, de cerca de 90m de profundidade. Sua datação: 45 mil anos. Como membro do Centro Nacional de Pesquisa e Cultura, Rocha vem lutando contra os chamados "cientistas de gabinete" e pedindo apoio governamental para um levantamento efetivo das culturas brasileiras antigas.

Ele destaca, como resultado de suas pesquisas, a lenda sobre a existência de uma pirâmide no Morro do Chapéu, com 400m de altura, perto da qual são descritas bolas de fogo voando no solstício de inverno. Também a ela são associados seres de manto branco.

A luta de Rocha, porém, não alcançou a vitória até agora, com o governo opondo barreiras à continuação dos trabalhos. Ele não desiste e continua pesquisando, embora lhe tenham sido interditadas certas áreas onde ele está certo de encontrar as provas da existência de homens civilizados na remota antigüidade de nosso País.

O pesquisador goiano pensa ter encontrado em Paraúna os vestígios de uma civilização que teria vindo do Nordeste até Goiás, fugindo de uma catástrofe ocorrida há cerca de 11 mil anos. "Nas buscas encontramos material com vibrações perigosas", conta Rocha,

Antonello da Messina/Arquivo Três

As madonas de nosso interior podem ser entidades extraterrestres.

"que poderiam contar a história da origem dos incas (os quais, por sinal, tinham o mesmo sistema de calendário que os chibchas, aruaques, maias e outros). A Pedra do Sol nos indica 4 idades distintas, chegando até 30 mil anos atrás. Contava o ano em 360 dias, com 5 nefastos. Pelo calendário, a cada 52 anos ressurgia um novo ciclo, trazendo o medo de um outro cataclismo."

Rei Artur: um alienígena?

Aqui há uma notável coincidência com o que nos diz Immanuel Velikovsky: "Os nativos do México pré-colombiano esperavam nova catástrofe ao fim de cada período de 52 anos e se reuniam para aguardar o acontecimento" (*Mundos em Colisão*, Melhoramentos, 1981) – o que o autor relaciona com o planeta Vênus e com o ano do Jubileu dos israelitas.

Reynaldo Rocha nos apresenta a versão índia de que os incas descendiam de um povo que teria vindo de uma terra ao leste, componente de uma federação de 12 povos (como Israel). "Todos os livros são iguais e relatam os mesmos acontecimentos, menos a Vulgata", diz o estudioso. Também os índios americanos usavam o símbolo da cruz, e isso nos leva até os Templários.

Pelas pesquisas de campo, Rocha chegou à conclusão de que as lendas levam sempre à Ursa Maior ou ao planeta Vênus, "de onde vem um carro que traz um elemento civilizador" – e cita o caso do lendário rei Artur, da Távola Redonda. Artur teria vindo num carro aéreo diretamente para a ilha de Avalon (que depois teve seu nome corrompido para Albion). "Mas Arcturos não era um nome, era um cargo", afirma Rocha. Esse mesmo elemento civilizador está presente nas lendas dos ameríndios, e isso nos leva de volta à Inglaterra, pois uma foto aérea recente (menos de 10 anos) mostra um círculo com desenhos

A busca incessante

são recomendadas e o lugar recebe o anátema de demoníaco. Se, por outro lado, houver registro verbal de algum tipo de cura (com trocadilho e tudo), bem-estar e alegria... de preferência com o relato de sons maviosos, cores vivas e nenhum susto nas testemunhas, uma certeza: é a "virgem". Rezas são ordenadas, o lugar é bento e via de regra surge uma capelinha.

O pesquisador carioca Aurélio Zaluar sabe muito bem dessas ocorrências, pois elas fizeram parte de seu tema no II Ciufo: "A indumentária da 'virgem' sempre lembra algo metálico (ou pelo menos brilhante). Até o grande vidente Edgard Cayce teria avistado uma 'dama' – como o cientista William Crookes e tantos outros. A mesma 'virgem' é interpretada em outras culturas como 'deusa', disto ou daquilo. Há referência a elas até nas cavernas pré-históricas – mas às vezes são interpretadas como sinais demoníacos, e isso até mesmo antes da cultura ocidental."

Zaluar ressalta: "Um detalhe interessante no caso dos avistamentos das 'deusas' é que nunca usam asas, embora voem pelos ares ou simplesmente se elevem, como no caso de Fátima, tão bem explanado por Joaquim Fernandes. Via de regra, também são associadas a ruídos ou sons musicais e a ventos, fortes ou brandos."

Estudando o comportamento do vôo dos OVNIs, Zaluar chegou ao estabelecimento da teoria de que eles se movem quase sempre por "caminhos" intencionalmente preparados, conhecidos pelo nome genérico de "corredores", dos quais o mais famoso é o BA-VIC, projetado por Aimé Michel a partir das análises das "ondas" ufológicas sobre o território francês.

"No Brasil", conta Zaluar, "o estudioso doutor Olavo Fontes os pesquisou a fundo e sabemos que passam pelo nosso País. Numa projeção para sudoeste, o corredor BA-VIC penetra em solo brasileiro, mas antes passa pela Espanha e Portugal – onde cruza justamente pela região de Leiria, onde se deram os acontecimentos de 1917, em Fátima, na cova da Iria."

O embornal misterioso

E vamos percebendo que todos os temas, por mais distanciados que possam parecer, têm sempre um traço a ligá-los aos demais. Um pesquisador apresenta um trabalho de 20 anos para, ao final, confrontado com o de seu colega de outro país, verificar que ambos são complementares. Zaluar concorda com Joaquim Fernandes, que engloba fatos alinhados por Cynthia Hind na África, que concordam com declarações colhidas na Argentina e se somam às descobertas de ruínas no Brasil Central. Há uma ligação que passa pelas "estradas dos incas" e vai à

O QUE NOSSOS VISITANTES CÓSMICOS DIZEM

Uma das mais fascinantes formas de comunicação com os extraterrestres, a comunicação telepática foi empregada por duas pesquisadoras brasileiras para obter os dados que fundamentaram suas apresentações no II Ciufo.

A primeira delas, professora Neythe R. Abreu, alinha-se entre os pioneiros dos estudos ufológicos no Brasil, tendo editado a revista *Disco Voador* e fundado a Sociedade Metafísica Aquarius (Soma), em Porto Alegre. É uma pesquisadora da linha chamada mística da ufologia.

Neythe informa estar em contato direto com uma entidade denominada Adar, que, segundo ela, teria evoluído aqui mesmo na Terra, mas que agora vive em outras plagas (ou deveria dizer *pagos* – mais ao gosto dos gaúchos). "De lá, Adar vela pela manutenção do Código de Ética Galático", afirma a professora ante os olhares atenciosos da platéia.

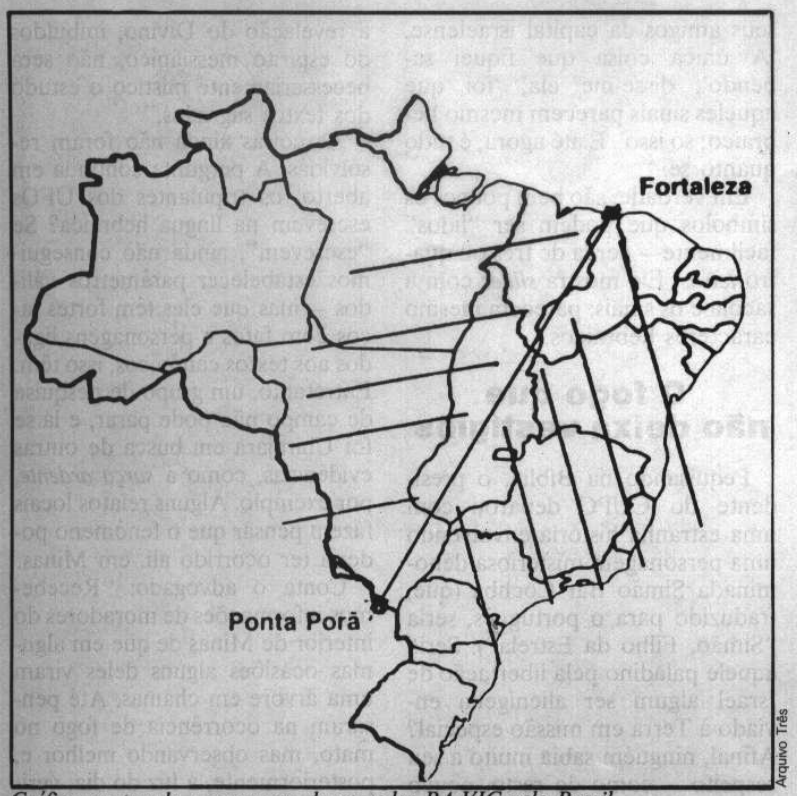
"A casuística", diz ela, "tem validade só como estatística. É uma necessidade inicial, para o neófito. Depois se evolui para uma compreensão mais abrangente, mais global. A partir daí podemos compreender que alguns extraterrestres já vieram para a Terra em corpo físico enquanto outros se incorporaram aqui, Os primeiros voltaram para seu lugar de origem, depois de se terem casado com mulheres da Terra e gerado filhos".

"Através deles – de meu comunicador Adar – ficamos sabendo que existe um planeta – Zur – que está em fase de extinção, obrigando seus habitantes a viver dentro de redomas, com oxigênio gerado por uma usina.

"Aquele planeta está rachando e emana gases venenosos. Por isso eles esperam uma reencarnação aqui na Terra e muitos já estão vindo para cá. Mas notem bem que não estamos falando de coisas místicas: o que eles nos transmitem não são preceitos religiosos, mas sim conceitos humanísticos.

"Talvez muitos não consigam compreender isso", finaliza Neythe, "pois o saber e a verdade foram substituídos pela fé". Ela também faz freqüentes menções a *entradas* em solo brasileiro, para os mundos subterrâneos – inclusive uma delas ficaria em solo gaúcho, onde já esteve pessoalmente, segundo informou. Novamente a dualidade: seres celestes e seres subterrâneos, tão mencionados pelos oradores.

Também Wanda Campos (poetisa carioca que pertence à Afeu, Associação Fluminense de Estudos Ufológicos) vem mantendo contatos telepáticos com os alienígenas. Para ela, que se comunica com extraterrestres desde 1976, "a Terra foi preparada muito antes do aparecimento do homem por alienígenas que, depois de tudo organizado, aqui implantaram o homem. Esse processo é a geogênese". A mesma história contada na Bíblia, apenas com a mudança do nome do Senhor por alienígenas. Mas há outras diferenças significativas: a) A Bíblia fala em degeneração moral do ser humano, o que levou ao castigo imposto por Jeová (Dilúvio); para Wanda, o homem degenerou *depois* de acidente cósmico, após *milhões* de anos



Arquivo Três

Gráfico mostrando a passagem do corredor BA-VIC pelo Brasil.

de evolução.

b) Na mesma linha da presidente da Soma, ela afirma que há entre nós muitos seres alienígenas: "Há muita gente por aqui que veio das estrelas."

Assim ficamos sabendo *como* o mundo foi feito e por *quem*. E até há *quanto tempo* (milhões de anos). Também ficamos sabendo o *que* causou a catástrofe cósmica: "Uma explosão estelar com ondas de choque que aceleraram a rotação do planeta e inclinaram seu eixo. Com isso, uma camada protetora foi rompida e vários comprimentos de onda penetraram, alterando as condições ambientais."

Tudo muito bem explicado, arrumado e... sem possibilidades de verificação pelo método experimental. Os astrofísicos certamente hão de gostar muito dessas explicações, pois não conseguem entender como *uma explosão estelar* pode afetar *uma camada protetora*, sem que essa estrela seja o próprio Sol (que, ao que consta, não explodiu). E até quanto ao *modus vivendi* daqueles alienígenas nós ficamos sabendo, bem como recebemos informações sobre seu aspecto físico (são pequeninos – parece que ela concorda com as estatísticas de avistamentos e contatos quanto à tipologia).

Dizendo que "qualquer ser evoluído no cosmo é igual a nós, intrinsecamente, diferenciando-se apenas quanto ao aspecto cultural", Wanda arremata: "Os colonizadores são chamados *terrestres* porque sofreram uma mutação que os adaptou à vida na nossa atmosfera."

O lugar de origem de tais seres deve ser um paraíso de delícias, pela informação: "Lá a vida é bem diferente, mas muito adiantada." O auditório pareceu gostar e aceitar tudo como a expressão da mais pura verdade, sem comentários ou contradições.

Casos com esse, de Neythe e tantos outros que compareceram ao II Ciufo, fizeram com que alguns pesquisadores mais cientificistas se assustassem, como o jornalista Joaquim Fernandes: "Mas que interessante, por aqui todo mundo já sabe de tudo! Tenho lido e pesquisado ufologia durante anos e ainda estou no mesmo ponto em que comecei; os cientistas não conseguem explicar o fenômeno UFO e os brasileiros já o conhecem perfeitamente. Nem sei mais o que é que estou fazendo aqui. Melhor abandonar as pesquisas, rasgar a carteirinha de ufólogo e me mudar para o Brasil."

Ursa Maior ou ao planeta Vênus.

Mas nessa trajetória o caminho também cruza por Israel (onde Zaluar diz existir um "corredor" ufológico). E Israel falou o hebraico durante muito tempo. Na seqüência, veremos como o hebraico entra na ufologia, quer pelos mantras do norte-americano James Hurtak, quer pelas inscriçoẽs no embornal descoberto em Baependi (MG), pesquisado pelo advogado Ubirajara Rodrigues.

Diretor do Cevappa e da Associação Ufológica para Pesquisa de Campo, Ubirajara Rodrigues situa seu trabalho na linha científica, procurando manter boa distância do aspecto das "comunicações" e mensagens psicografadas. Pesquisando um caso ocorrido há anos na localidade de Baependi (MG), acabou por esbarrar em aspectos pelo menos curiosos no encaminhamento da investigação subseqüente.

Os sinais em hebraico

Depois de um caso de abdução – que infelizmente não pode ser levado a cabo quanto à regressão hipnótica da testemunha principal – uma evidência física tirou a tranqüilidade dos pesquisadores do sul de Minas: mais de um mês após a ocorrência, retornando ao local à cata de provas subsidiárias, Ubirajara e seus companheiros depararam com uma espécie de sacola que a testemunha transportava quando do "seqüestro" do mês anterior. Era uma espécie de embornal feito em algodão onde os lavradores costumam levar sua merenda. Já meio judiado pelas intempéries, o embornal apresentava estranhos desenhos miúdos, que os pesquisadores pensaram tratar-se de alguma forma de letras de um alfabeto desconhecido. A maior parte se perdera, maltratada pelo tempo (chuva, sereno e sol forte), mas ainda sobravam alguns sinais.

Consultando a testemunha dona do embornal – um homem –, ficariam sabendo que ele não tivera preocupação em saber como e onde perdera a peça de pano:

A busca incessante

"Talvez tivesse caído quando fui levado para bordo da nave, ou talvez tivesse sido atirada atrás de mim, quando me devolveram", respondeu.

Fosse como fosse, Ubirajara passou a levar sempre consigo aquela sacola de pano quando proferia alguma palestra. Levava também os moldes em gesso que tirara das marcas deixadas no solo pela nave, bem como fotografias batidas no local pela própria testemunha, momentos antes do seqüestro.

Conta o advogado que algum tempo depois, passando por uma livraria, viu exposto um livro sobre modernas descobertas arqueológicas que abordava a busca dos documentos conhecidos como Pergaminhos do Mar Morto (descobertos em 1949). Ubirajara teve sua atenção presa a um fragmento reproduzido fotograficamente na capa: os caracteres impressos tinham uma forte semelhança com aqueles sinais gravados na sacola de Baependi! Coisa mais curiosa... como um disco voador poderia gravar sinais semelhantes ao hebraico antigo em pleno século XX?

Falou disso à professora Irene Granchi e a sacola ganhou notoriedade (na época, Irene editava a revista *OVNI-Documento*, no Rio de Janeiro). Não demorou muito e o pesquisador recebeu uma carta de uma pessoa ligada à Embaixada da França, em Brasília. Queria uma foto da sacola para remeter à Universidade Hebraica de Jerusalém, que tomara conhecimento e pedira a sua intercessão. As coisas começavam a andar, pensou ele. Tudo foi providenciado e as "provas" foram enviadas.

"O tempo foi passando e eu não recebia nenhuma resposta", conta Ubirajara, "pois eu pedi que me mantivessem informado dos resultados das pesquisas lá em Jerusalém. Perguntando, recebi da pessoa que serviu de contato a informação de que também ela não recebera mais qualquer notícia de seus amigos da capital israelense. 'A única coisa que fiquei sabendo', disse-me ela, 'foi que aqueles sinais parecem mesmo hebraico; só isso'. E até agora, é tudo quanto sei."

Em verdade, são bem poucos os símbolos que podem ser "lidos" facilmente – cerca de três ou quatro *letras*. Ele mostra *slides* com a sacola e os sinais: parecem mesmo caracteres hebraicos.

O fogo que não deixa vestígios

Pequisando na Bíblia, o presidente do CUPC deparou com uma estranha história envolvendo uma personagem misteriosa denominada Simão Bar Cochba (que, traduzido para o português, seria "Simão, Filho da Estrela"). Seria aquele paladino pela libertação de Israel algum ser alienígena enviado à Terra em missão especial? Afinal, ninguém sabia muito a seu respeito – como de resto, pouco se sabe a respeito do próprio Elias. Por que "Filho da Estrela"? Teria alguma ligação com o espaço exterior, de onde ele procederia? Mas afinal, por que motivo teria ele, Ubirajara, feito a ligação sacola-Bar Cochba? Uma coisa parecia clara: os tripulantes daquela nave conheciam e escreviam em hebraico.

Estaria a resposta a esse mistério na Bíblia? Afinal, quando perguntaram à pesquisadora e professora de física Eleonora Mendonça se ela achava que se poderia encontrar discos voadores até na Bíblia, ela respondeu: "Principalmente".

Estabelecida a ligação UFO-hebraico, ficaram os pesquisadores mineiros do grupo de Ubirajara com a incumbência (grata, por sinal) de verificar aquela assertiva de Eleonora – e aí Ubirajara Franco Rodrigues seguiu o princípio de Michel, segundo o qual nada deve ser tão insignificante que não mereça alguma atenção. Ele passou a se interessar pela Bíblia – mas não seria isso descambar pelo misticismo? Responde ele: "Sim e não. Se não sairmos por aí pregando o fim do mundo e a revelação do Divino, imbuídos do espírito messiânico, não será necessariamente místico o estudo dos textos sagrados."

As coisas ainda não foram resolvidas. A pergunta continua em aberto: os tripulantes dos UFOs escrevem na língua hebraica? Se "escrevem", ainda não conseguimos estabelecer parâmetros válidos – mas que eles têm fortes laços com fatos e personagens ligados aos textos canônicos, isso têm. Entretanto, um grupo de pesquisa de campo não pode parar, e lá se foi Ubirajara em busca de outras evidências, como a *sarça ardente*, por exemplo. Alguns relatos locais fazem pensar que o fenômeno poderia ter ocorrido ali, em Minas.

Conta o advogado: "Recebemos informações de moradores do interior de Minas de que em algumas ocasiões alguns deles viram uma árvore em chamas. Até pensaram na ocorrência de fogo no mato, mas observando melhor e, posteriormente, à luz do dia, verificaram que não havia o menor sinal de carvão, cinza ou o que quer que fosse que pudesse indicar que aquela árvore estivera a arder."

Um mistério a solucionar: afinal, que tipo de árvore se prestaria a tal manifestação? Estariam as testemunhas "inventando" coisas, e o que viram, realmente, teria sido uma grande quantidade de vaga-lumes sobre as folhas? Não. Eles conhecem vaga-lumes e sabem do que se trata. O que disseram: "A árvore parecia estar pegando fogo." E quando caipira mineiro diz que uma coisa "parece", é porque parece mesmo.

Enfim, a sabedoria hermética diz: "O Todo está em tudo e tudo está no Todo." Há uma interrelação evidente. É preciso buscar sempre e sempre. "Agora pesquisamos hipóteses para entender como os UFOs conseguem aparecer e sumir de repente, diante dos olhos das testemunhas. Será que vão para outra dimensão? Pesquisamos também a incidência de ozônio em locais de avistamento, pelas declarações de cheiro de enxofre, de terra molhada e outros." Esse é o caminho correto. A ciência pode ajudar – e muito mesmo.

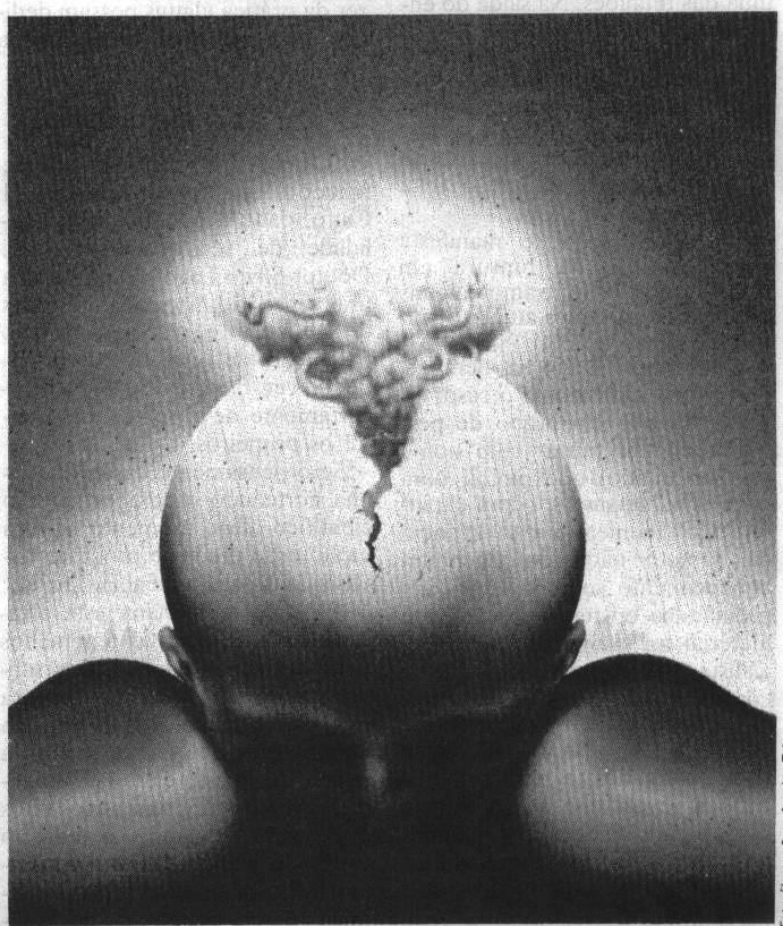
A PARAPSICOLOGIA E O ENIGMA UFOLÓGICO

De vez que a parapsicologia e a ufologia são ciências afins, muitos estudiosos do fenômeno UFO presentes ao congresso de Brasília mostraram em seus trabalhos considerações feitas sob o prisma parapsicológico. Dois dos conferencistas, porém, examinaram de maneira mais aprofundada a cooperação mútua entre ufólogos e parapsicólogos: os cariocas Maria Lídia Gomes de Mattos e Sílvio Lago.

Embora use várias disciplinas para embasar-se em seus estudos, a ufologia mantém um estreito vínculo com a parapsicologia, causado não somente pela aversão que lhes movem os cientistas ortodoxos: é por meio desta última que os pesquisadores ufológicos avaliam as mensagens extraterrestres captadas por psicografia, comunicações em nível alfa ou outros meios. Dois dos mais importantes parapsicólogos brasileiros – Maria Lídia Gomes de Mattos e Sílvio Lago – dedicaram suas palestras no II Ciufo às relações entre essas duas ciências.

Maria Lídia falou sobre o tema "A Parapsicologia a Serviço da Ufologia", demonstrando a experiência paralela e complementar do desenvolvimento das faculdades paranormais como instrumento para melhorar as possibilidades de contato com seres extraterrestres.

Para a pesquisadora carioca, que mantém posição coerente com outros pesquisadores brasileiros, "existe grande afinidade entre parapsicologia e ufologia, figurando a primeira como eficiente auxiliar na pesquisa ufológica. As técnicas de relaxamento auxiliam



Fotos/ilustrações: Arquivo Três

Alienígenas podem contatar-nos por telepatia controlando nossas mentes.

As ciências interligadas

os contatos, que podem se apresentar de diversas maneiras".

Especificando a prática paranormal nos contatos ufológicos, ela esclarece: "A comunicação com os extraterrestres pode ocorrer desde a manifestação da mesa que se movimenta dando sinais codificados até mensagens captadas em nível alfa. Além disso, o fenômeno de comunicação extraterrestre também se manifesta através da psicografia". Maria Lídia faz referência a mensagens que vêm sendo divulgadas e conta um caso ocorrido com seu grupo, que bem demonstra o fenômeno psicográfico entre terrestres, evidenciando emissão e captação de informação de maneira não-convencional: "Uma pessoa do nosso grupo psicografou uma carta de cunho jurídico durante uma das reuniões. Na saída do encontro, verificamos que no quadro indicativo da ocupação do edifício havia um advogado com o mesmo nome do autor do texto psicografado, e fomos falar com ele. Resultado: ele escrevera a carta simultaneamente à captação feita pelo receptor do grupo."

A comunicação se manifesta ainda através da pintura em transe, onde encontramos alguns destacados exemplos atuais, como os trabalhos de João Pio de Almeida Prado e Paulo Kronemberger. Maria Lídia conta o caso, investigado por seu grupo de pesquisa, de um rapaz (cujo nome não foi citado) que pintou uma nave detalhadamente, com características técnicas muito avançadas. O autor não possuía nenhum conhecimento sobre aviação, aerodinâmica ou tema similar. Este material foi examinado por especialistas da Aeronáutica, que o consideraram "extraordinário".

Comentando o uso da regressão hipnótica na pesquisa ufológica com contatados, a parapsicóloga carioca revela que a experiência surge algumas vezes com detalhes no transe hipnótico. Para avalizar os experimentos, usam o detetor de mentira, de uso comum pela polícia. Esse aparelho mostra, estatisticamente, que cerca de 50% dos fenômenos revelados são reais. Recordamos que o mesmo aparelho serviu para a pesquisa que "descobriu" a vida secreta das plantas – suas manifestações de sentimento, reações de aprovação ou desaprovação, formas de expressão desconhecidas até a década de 60 (ver a respeito *A Vida Secreta das Plantas*, de P. Tompkins e C. Bird).

Encerrando sua apresentação, Maria Lídia ensinou alguns exercícios para desenvolvimento da concentração. Para os interessados, aqui vai um deles: fechar a mão direita e abri-la lentamente, colocando no ato toda a atenção. O exercício deve levar de 15 a 20 minutos entre o fechar a mão e o tê-la completamente aberta. No Oriente (Índia) costumam fazê-lo, gastando 1 hora em cada exercício, "mas a dose para o ocidental é coerente com a natureza do seu comportamento, embora no correr da prática alguns possam dedicar até uma hora para abrir a mão", concluiu ela.

O atraso da ciência

O Rio de Janeiro positivamente marcou sua presença no II Ciufo, dada a quantidade e qualidade de seus representantes. Doutor Sílvio Lago – o primeiro a usar regressão hipnótica em casos de abdução e responsável pelo tratamento de Luli Oswaldo (a respeito, ver *Planeta* 98, pág. 50) – certamente deve ser contado entre os primeiros.

Se o pensamento cartesiano vinha norteando o comportamento científico até o momento, já está na hora de mudar e procurar novas saídas para a ciência. Diz ele: "A ciência humana está atrasada em milênios. Os fenômenos paranormais são uma universalidade que vêm sofrendo censura por parte daqueles que pensam com a física de Newton e com a lógica de Aristóteles. Na atualidade, vemos surgirem novos fatos que estão abalando o edifício científico. Fenômenos que violentam a nossa física e a nossa química (desde os tempos de Pesegur). O nosso tão caro mundo tridimensional é apenas uma fatia insignificante do cosmo.

Com seus mais de 50 anos de pesquisa em parapsicologia, Sílvio Lago enfatiza que "a energia exteriorizada pode assumir qualquer forma – é dócil ao médium ou a um operador externo, podendo sua transferência (da energia e da matéria) se efetuar a qualquer distância".

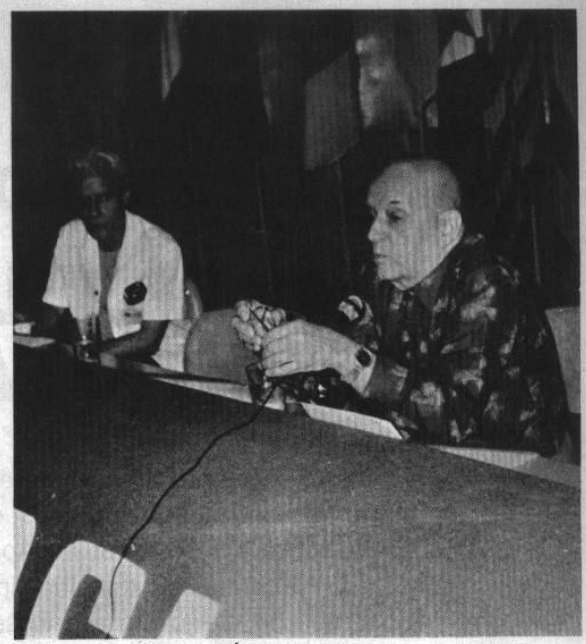
"O conhecimento científico deve ser posto sob caução", diz ele, "uma vez que uma observação UFO bem feita tem o mesmo valor de uma experiência científica. A quantificação estatística foi um erro, posto que sabemos que o ectoplasma é uma das formas da matéria viva e escapa a essa quantificação. Precisamos é de investigadores de tempo integral, sem os dogmatismos científico e religioso – que são retrógrados."

Prossegue o dr. Sílvio: "Observando os fenômenos OBE (Out-of-Body-Experience), percebemos que a parapsicologia caminha para um encontro com a metapsíquica, uma vez que na maioria das *materializações* o que se vê é o *duplo* do médium materializado. Com isso, queremos dizer que o ser humano tem a possibilidade de 'viajar' a outras dimensões (e a recíproca é verdadeira). Mas o homem de ciência só acredita naquilo que pode ver, medir, pesar, quantificar. Ora, então impõe-se que o próprio cientista deve fazer sua própria experimentação OBE."

"Por outro aspecto", alerta ele, "é preciso também *educar* o contatado para evitar-se o caricaturismo e o ludíbrio, aferindo a verdade contra os elementais, larvas, elementares e espíritos gaiatos. Enfim, os fenômenos existem, estão aí, para todo mundo ver, e é preciso encará-los, de um jeito ou de outro – caso contrário –, não vamos a lugar nenhum."

O léxico nos diz que *para* é um prefixo grego que traz a idéia de "proximidade", "ao lado de", "elemento acessório, subsidiário", "funcionamento desordenado ou anormal" e por aí afora. Sílvio Lago se insurge contra ele: *"Para* é incompatível com a ciência; *para* não é nada. Sou contra o pre-

João Pio: sob transe, obras de inspiração extraterrena.



Sílvio Lago adverte: "É preciso educar o contatado."

fixo. Os vários aspectos de uma coisa compõem o todo e, no futuro, vamos acabar sem o *para* (psicologia, física, amnésia, normal...). Se estudarmos a coisa com seriedade, a parapsicologia, a nível universitário, vai chegar à ufologia. No entanto, como ela está sendo tratada atualmente, é meio caricatural, com lances até engraçados. Portanto, penso que devemos reavaliar nossos conceitos sobre o homem e mesmo sobre o universo."

Diante do exposto, uma pergunta se impõe: na forma pela qual é praticada, a parapsicologia estaria com seus dias contados?

"O termo foi proposto em 1889, na Alemanha", responde Sílvio. "Posteriormente, foi readotado pelo professor Rhine, na Universidade de Duke (EUA), partindo para uma quantificação matemática dos fenômenos estudados, num estudo rigoroso que permitiu a aceitação do elenco dos fenômenos (algo com que a ciência ainda não se havia ocupado)."

"Mesmo porque", prossegue ele, "as ocorrências tendiam para uma proporção de *um* por 10^{15}. Verificou-se uma dificuldade enorme e as coisas não andaram muito. Nesse sentido, penso que a parapsicologia já deu o seu recado. Agora estamos diante de duas alternativas: 1) retomar os estudos da metapsíquica (inclusive da hipnose, que contém uma série de requisitos ignorados, posto que o magnetismo animal ainda está *subjudice* até hoje e precisa ser estudado melhor. Agora procuramos através da psicotrônica, mas ainda a desconhecemos em seu mecanismo e não temos uma teoria abrangente); 2) como está sendo feito na União Soviética sob o nome de energia biogravitacional (que é o magnetismo retomado), tentando juntar ao estudo os novos conhecimentos da eletrônica, dos satélites, etc., visto que há uma inter-relação com a matéria."

Sobre a situação ufológica atual, o dr. Sílvio alerta: "Tenho a impressão de que se está gastando muito tempo em pesquisa na ufologia, a qual já descamba para um esoterismo perigoso, no sentido de que os indivíduos envolvidos, desconhecendo o processo, vão para o misticismo. Agora estamos vivendo um período de transição entre a física newtoniana para a física relativista (quântica), já numa hiperfísica, que precisa ser ampliada, unificando-se todos os dados disponíveis (isso, por sinal, está sendo esboçado numa psicobioenergética) – que precisam caminhar juntos, uma vez que não há fronteiras ou limites bem traçados entre cada ramo da pesquisa. Cada vez sabemos mais e mais a respeito do menos e menos."

Os cientistas ortodoxos rejeitam coisas que são elementares para o pesquisador das ciências do espírito, e Sílvio Lago aceitou o desafio, uma vez que sua ala, da ortodoxia científica, é infensa ao debate aberto: "Há 50 anos dei uma entrevista enfatizando a necessidade de se estudar o assunto com seriedade, para tirá-lo das mãos dos charlatães, palpiteiros e ingênuos que dão aquele aspecto caricatural ao trabalho.

Ele continua: "Concordo que se façam congressos, mas proponho que se organize uma comissão com isenção de ânimo com liberdade, para que os trabalhos que não se escudem em objetividade, em dados plausíveis, não venham a prejudicar o resultado final. Aqui mesmo vimos que muitos conferencistas ocuparam o tempo com trabalhos que são meras repetições do que já se sabe, inclusive com dados inverificáveis, conjecturais – quando há muita gente que poderia apresentar considerações objetivas e melhor postas."

DA COLONIZAÇÃO AO APOCALIPSE

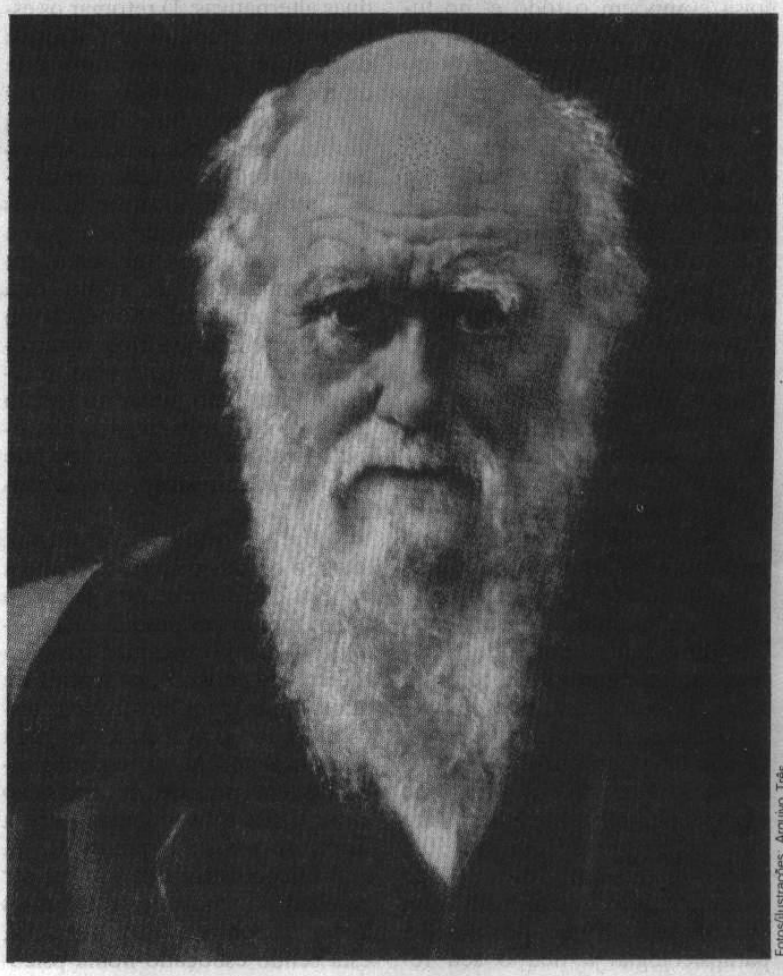
O AUXÍLIO DOS UFONAUTAS À TERRA

Raças extraplanetárias têm desenvolvido um longo trabalho de assistência e orientação aos humanos que povoam a Terra, preparando-os para o trabalho divino posterior ao Apocalipse. Eis aqui, em rápidas pinceladas, a idéia central do trabalho apresentado por Marco Antônio Petit (um dos expoentes da ala jovem de nossa ufologia, presidente da Associação Fluminense de Estudos Ufológicos) no II Ciufo, numa ampla contestação às teorias evolucionistas.

POR MARCO ANTÔNIO PETIT

Segundo estimativas, existem só em nossa galáxia, a Via Láctea, mais de 600 milhões de planetas habitáveis. Sabemos que o Sol, centro de nosso sistema solar, tem cerca de 5 bilhões de anos, sendo uma estrela de meia-idade. Isto nos permite dizer que devem existir, em outros sistemas planetários, planetas muito mais velhos que o nosso, com civilizações infinitamente mais antigas e, portanto, mais evoluídas. Seus habitantes poderiam ter iniciado suas viagens espaciais mesmo antes da própria formação de nosso sistema solar.

Alguns sábios sustentam que a Terra é muito jovem para hospedar criaturas nativas tão evoluídas como a nossa espécie. Francis Crick, contemplado com um Prêmio Nobel de Química pelas suas pesquisas sobre a estrutura molecular do ADN (o chamado "ácido da vida"), sustenta em seu livro *Life Itself* a tese de que as primeiras formas de vida chegaram à Terra no interior de astronaves mandadas por uma civilização extraplanetária. Estaria o fenômeno ufológico ligado ao aparecimento da vida e do próprio homem no



Darwin: o homem como resultado de uma "longa" evolução natural.

Fotos/ilustrações: Arquivo Três

De acordo com recentes estimativas, a Via Láctea possui mais de 600 milhões de planetas habitáveis.

planeta que hoje chamamos de Terra? Ao buscarmos respostas para questões deste tipo, anos atrás, começaram nossos estudos.

Não queremos de forma alguma questionar em termos gerais a validade das teses evolucionistas. Mas desconfiamos que, no que diz respeito à espécie humana, principalmente, esta evolução pode não ter sido realizada inteiramente no planeta Terra.

A antropologia começa hoje a pagar por um erro crucial, cometido no século passado. Em 1871, Charles Darwin publicava o livro *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex* ("A Descendência do Homem e a Seleção Relativa ao Sexo"). Estava lançada a idéia (de forma definitiva) de que o homem era o resultado de uma "longa" evolução natural – evolução esta, acreditava-se, totalmente terrestre. Temos de ressaltar que nenhum fóssil dos considerados hoje ancestrais do homem fora descoberto e estudado naquela época. Portanto, a tese surgiu antes dos achados que deveriam fundamentá-la. A partir daí, todos os achados antropológicos começaram a ser arrumados de forma a apoiarem a tese evolucionista, e a "evolução" passou a ser o dogma da antropologia.

Há mais de três décadas que o fenômeno ufológico explodiu publicamente. Hoje em dia não se deve mais discutir a existência do mesmo, pois ao longo das últimas décadas conseguimos documentos irrefutáveis em favor de sua existência física. Milhares de pessoas idôneas estiveram frente a frente com os chamados discos voadores, e entre estas encontravam-se astrônomos, astronautas, aviadores e outros. Os OVNIs foram detectados através dos mais diversos meios, inclusive mediante chapas fotográficas e radares. Deixaram também marcas físicas, que confirmam definitivamente a presença de vetores nitidamente materiais, apesar de por vezes parecerem imateriais, nos momentos que antecedem a transposição para um espaço mais sutil, de freqüência vibratória distinta. Quando isto ocorre, a astronave desaparece de nosso campo visual, penetrando no que podemos chamar de hiperespaço. Cabe-nos ressaltar, entretanto, que nem todas as civilizações em visita à Terra desfrutam de tecnologia a este nível. Esta técnica é utilizada para que possam vencer as grandes distâncias interestelares em questão de segundos.

O início da colonização

Acreditamos que já é hora de lançarmos uma compreensão do problema ufológico. Estamos conscientes da existência de um fenômeno marginal, adstrito à maior porção do fenômeno OVNI. As criaturas (tripulações) integrantes destas manifestações são tão distintas em aparência do homem como entre si; parecem também conhecer pouca coisa sobre nosso mundo e suas formas de vida, o que demonstra a inexistência de um contato mais antigo e direto com nosso planeta. Um outro grupo de civilizações, ou mesmo uma só, parece também estar agindo agora em nosso planeta. Estas criaturas representam potencialmente um grande perigo, pois aparentemente estão interessadas em levar do planeta, entre

Da colonização ao Apocalipse

outras coisas, sangue. Na Amazônia, o fenômeno "chupa-chupa" (como passou a ser conhecido na região) já fez várias vítimas. Objetos luminosos projetam feixes de luz sobre o humano, retirando mediante estes o produto de seus roubos. As mutilações de animais continuam também a ocorrer em vários pontos do globo.

Mas, como já afirmamos, falamos até aqui de fenomenologias alheias à maior porção do fenômeno OVNI. Já as informações que passaremos a estudar a partir de agora parecem estar associadas a um outro grupo de civilizações – este sim de caráter dominante, e que vem tendo presença marcante ao longo da evolução do fenômeno humano.

Em 1979, Wanda Campos, após uma série de contatos visuais, recebeu, mediante fenomenologia paranormal, toda a história da implantação da vida e posterior colonização do planeta Terra por civilizações extraplanetárias, como também os acontecimentos mais marcantes a partir desta, até os dias de hoje. Estas, devemos frisar, são semelhantes e paralelas a outras que nos chegaram através tanto de contatos diretos, físicos, de 3º e 4º graus, como mediante ligações paranormais.

Dinossauros: um intrigante desaparecimento

Segundo as informações recebidas, a Terra já fora notada pelas civilizações que posteriormente a colonizariam muito tempo antes da implantação deste projeto. Já possuía vida em estágio primitivo, tanto vegetal como animal. Mas as condições eram ainda adversas para os futuros colonizadores. A partir daí, desta situação, é que ocorreu a primeira intervenção objetiva destas civilizações. A Terra foi visitada por várias astronaves, que lhe deixaram sementes de vários planetas. Após o desenvolvimento da vida vegetal foi implantada a vida animal.

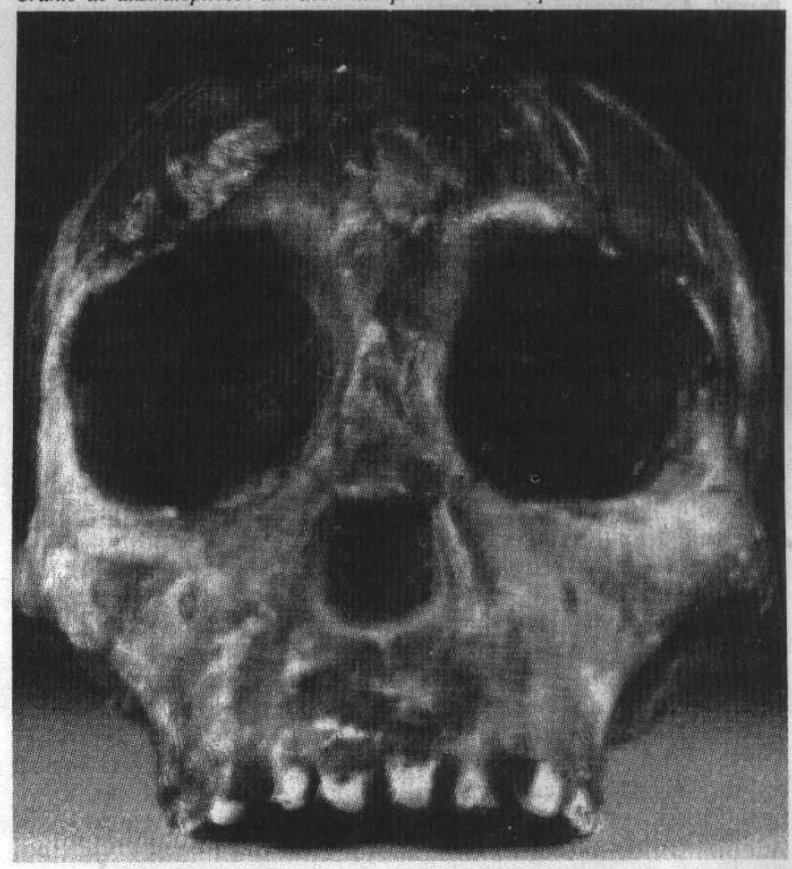
Estas idéias recebidas através de Wanda, que podem parecer à primeira vista utópicas, fantasiosas, são muito semelhantes em verdade a algumas hipóteses de nossos mais renomados cientistas. Existe já um projeto para tornar o planeta Vênus (que hoje possui condições bastante semelhantes às que a Terra tinha há 3 bilhões de anos, antes que as algas azuis iniciassem o processo da fotossíntese dissociando a molécula de carbono para expelir na atmosfera o oxigênio vital) habitável nos moldes terrestres.

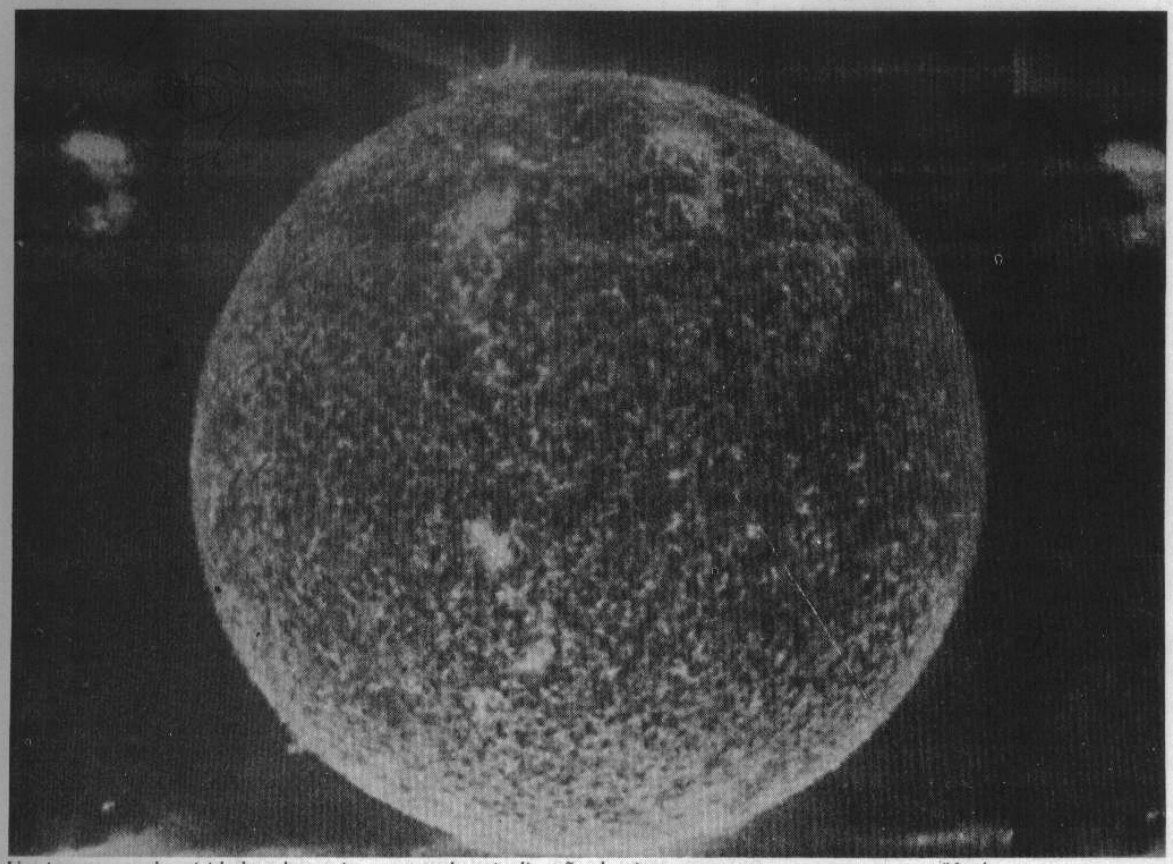
A atmosfera de Vênus é constituída em 90% de gás carbônico. O astrofísico Carl Sagan, diretor do Laboratório de Estudos Planetários da Universidade de Cornell, defende a idéia de se criar em Vênus uma atmosfera de oxigênio, para permitir a implantação da vida humana. A atmosfera de Vênus seria povoada com grandes quantidades de algas azuis, especialmente ativas, as *Cyanidium coldarium*.

Conforme o processo de fotossíntese se desenvolvesse, os raios solares penetrariam progressivamente na atmosfera, desaparecendo desta forma o chamado efeito estufa, criado pelo gás carbônico, que mantém a temperatura do solo em mais de 400ºC. É provável mesmo, segundo Sagan, que o oxigênio se combine na atmosfera venusiana, criando uma camada de ozônio que proteja os futuros habitantes que para Vênus emigrarem. Como vemos, a idéia de nossos cientistas pode não ser nada nova, e já ter sido aplicada na própria Terra há 3 bilhões de anos por civilizações interessadas em colonizar o planeta.

Mais tarde, depois que a vida vegetal e a animal equilibraram o mundo, propiciando condições favoráveis para implantação da vida humana, segundo as informações ditadas para Wanda, teve início o processo colonizador. Os povos distribuíram-se pela face da Terra

Crânio de australopiteco: um dos mais primitivos exemplares humanos.





Um incremento da atividade solar teria acarretado a inclinação do eixo terrestre, com graves conseqüências.

de acordo com as zonas climáticas e de vegetação mais propícias às suas naturezas.

Existem mesmo evidências que atestam a passagem extraplanetária pelo planeta há milhões de anos. Nas proximidades de Antelope Springs (EUA) foi descoberto o que pode ser o mais antigo vestígio desta presença. São pegadas de pés calçados, achadas solidificadas em uma camada geológica de 500 milhões de anos.

Acreditamos, entretanto, que o processo colonizador teve início muito tempo depois, entre 70 e 60 milhões de anos atrás. Defendemos a idéia que este teve de início com o findar da era dos grandes sáurios. Em 1948, na Ásia Central soviética, paleontólogos acompanhavam as operações de terraplenagem que estavam sendo feitas com fins hidrelétricos em vales dos Montes Tien-Chan. As perfurações acabaram por superar as previsões mais otimistas: as escavadeiras trouxeram à luz um imenso cemitério de dinossauros. Um fato deixava os especialistas estupefatos: todos os crânios e as omoplatas estavam marcados com perfurações semelhantes às que seriam produzidas por armas de fogo.

O especialista soviético em "cemitérios de dinossauros", prof. Efremov, já fora chamado a Sinkiang (China) em 1939, onde operários de construção haviam descoberto um crânio de dinossauro que trazia também a misteriosa perfuração. Esse cientista, que teve oportunidade de estudar estes fósseis, acredita que seres extraplanetários exterminaram aqueles gigantes mediante armas idênticas aos nossos modernos fuzis, ou mesmo mediante armas laser. Teria sido o primeiro passo para implantação de um processo colonizador? Uma coisa é certa: há pouco menos de 70 milhões de anos, os dinossauros, que tinham sobrevivido por cerca de 150 milhões, sumiram "misteriosamente" da face da Terra. Ao mesmo tempo que aqueles gigantes desapareciam, surgia a primeira flor.

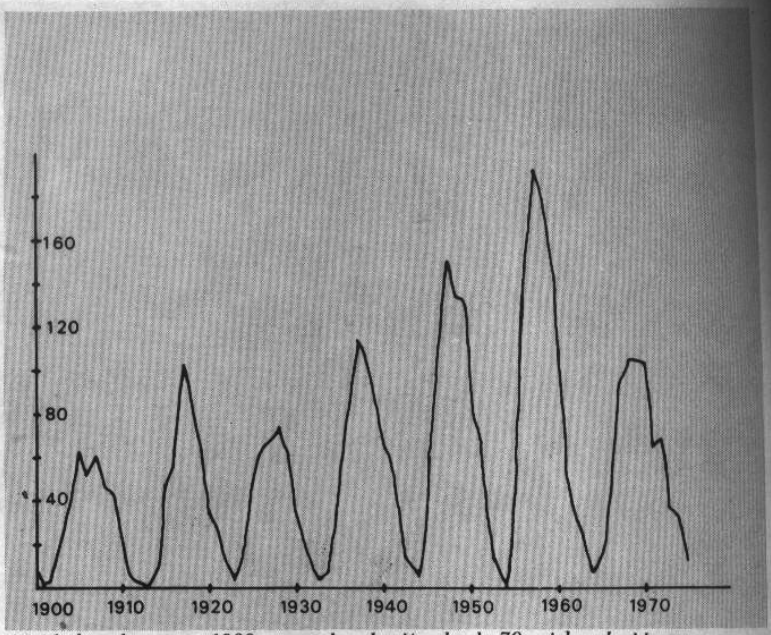
A bota de dois milhões de anos

Devemos falar também dos fósseis radioativos encontrados no Oeste paulista pelo professor Fahad Moyses Arid, do Instituto de Biociências de São Paulo. São ossos de dinossauros, placas de tartarugas de diversos tamanhos, etc. Na opinião do prof. Arid, no Período Cretáceo, no fim da Era Mesozóica (63 a 135 milhões de anos), ocorreu um aumento acentuado de radioatividade no ambiente terrestre, devido a uma catástrofe cósmica, causada por uma ruptura estelar que bombardeou a natureza. Tal fenômeno teria provocado a extinção dos dinossauros e outras espécies na época. Devemos entretanto lembrar que o fenômeno dos fósseis radioativos está restrito a uma pequena área

do planeta – fato difícil de explicar, se confirmado, dentro da tese levantada por Arid (explosão estelar). Portanto, enquanto não forem achados em outros pontos do globo fósseis com semelhante teor de radioatividade, podemos admitir que foram utilizados artefatos nucleares para eliminar as espécies nativas do planeta desagradáveis ao processo colonizatório.

A descoberta mais sensacional, entretanto, ainda não recebeu por suas próprias dimensões o reconhecimento que lhe é devido. Estamos falando das "pedras gravadas de Ica", desenterradas em Ocucaje, zona peruana rica em restos arqueológicos. Em suas gravações podemos observar homens que através de telescópios observam estrelas; convivem com animais extintos há milhões de anos, como os dinossauros. Já outras pedras representam desde transplantes de coração e operações cranianas às configurações primitivas dos continentes. As pedras de Ica confirmam o contato e convívio dos povos extraplanetários com a Terra e a sua vida desde o Período Devoniano (de 405 a 345 milhões de anos atrás). Foram achadas 205 pedras descrevendo o ciclo reprodutivo do ágnato, um tipo de peixe primitivo sem maxilares que viveu nesse tempo, como também a presença destas criaturas, destas civilizações, em alto grau de desenvolvimento até poucos milhões de anos atrás. Outras pedras representam em suas gravações animais extintos há apenas 1 milhão de anos. Porém, segundo a antropologia, nessa época estávamos vivendo ainda o período do Australopithecus. No entanto, existem evidências que atestam a presença de seres humanos semelhantes aos atuais, vivendo paralelamente ao Australopithecus há 2 milhões de anos.

O professor Cha Min-chen, durante uma expedição no deserto de Gobi, fez uma estranha descoberta, considerando-se os padrões normais da antropologia. Ele encontrou em 1959 uma impressão perfeita da sola de uma bota tamanho 43, em uma rocha, datando esta de 2 milhões de anos atrás. Supõe-se que a pegada, em princípio em areia mole, solidificou-se por efeito de sedimentação.



Atividade solar entre 1900 e meados da década de 70: ciclos de 11 anos.

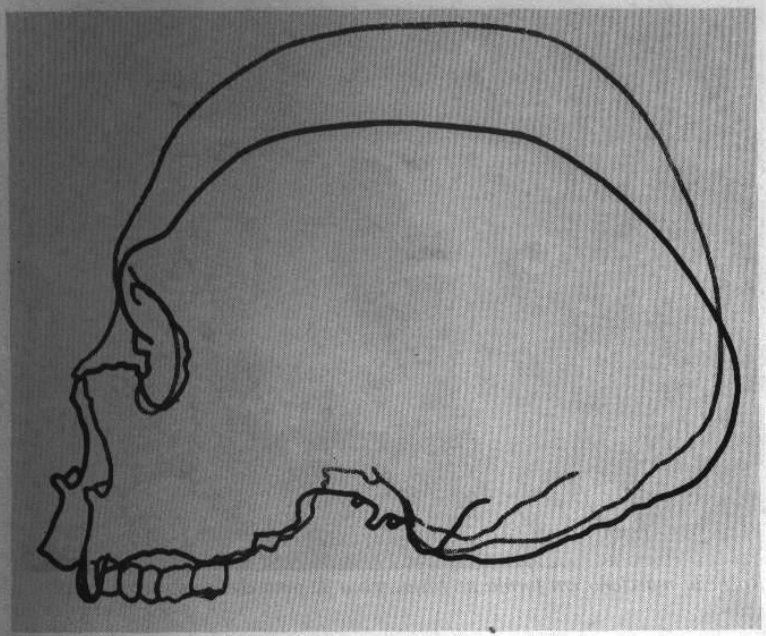
Mas se houve realmente uma colonização de nosso planeta por parte de criaturas oriundas de avançadas civilizações, das quais seríamos descendentes, por que há poucos milhares de anos estávamos vivendo em cavernas, de maneira tão primitiva?

As mudanças causadas pelo Sol

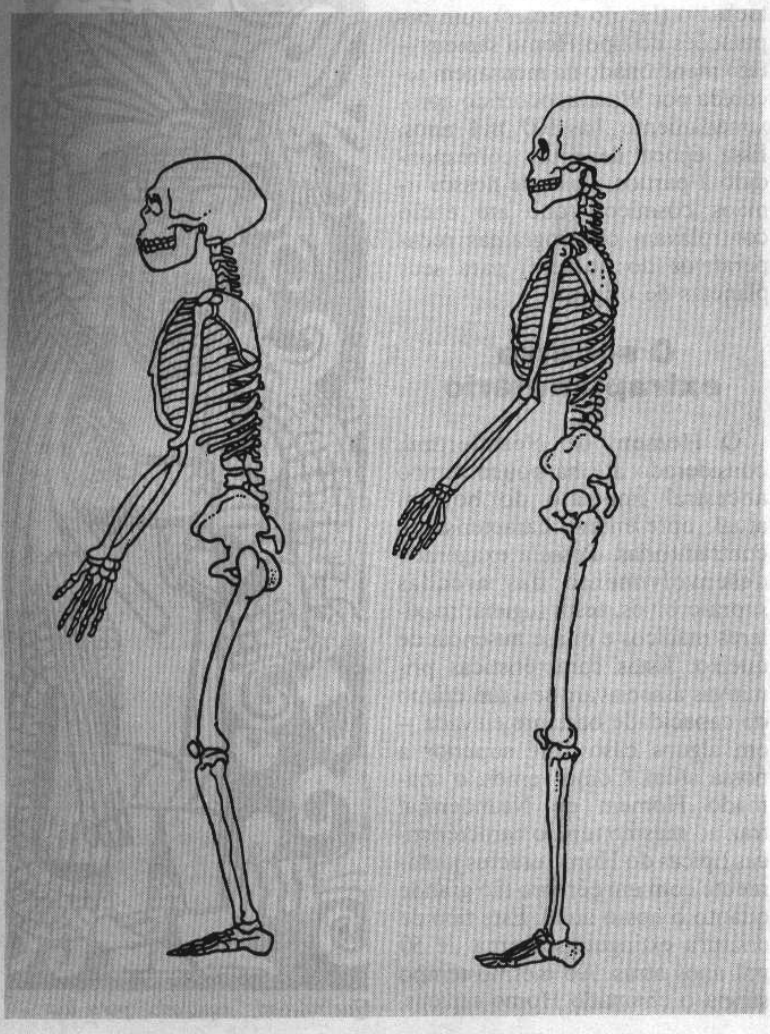
Segundo as informações prestadas a Wanda, ocorreu uma espécie de maior atividade solar. Incalculável massa de gás solar precipitou-se no espaço, formando ondas de choque de valor inestimável. As camadas superiores da atmosfera, aquecidas e pressionadas de forma excessiva, expandiram-se perigosamente. Em gigantescos movimentos, a Terra inclinou-se em relação ao seu eixo, ao mesmo tempo que acelerava sua rotação, levando pânico e morte a tudo que vivesse. Considerável porção de terra imergiu, fragmentando-se e fazendo emergir continentes submarinos. Um dos invólucros protetores do planeta, não suportando as contínuas ondas de choque, rompeu-se, permitindo a penetração de partículas radioativas. Estas acabaram por provocar degenerações nas populações descendentes da colonização, e o homem regrediu em termos evolutivos, mergulhando na barbárie.

O primeiro ponto que devemos colocar sob a mira de nossa atenção é o problema que teria ocorrido com o Sol. Sabemos que o centro de nosso sistema solar, o Sol, é uma estrela bastante estável, comparada a outras. Ele aumenta sua atividade de 11 em 11 anos. Este ciclo está intimamente relacionado com vários fenômenos que se passam na Terra, como as auroras polares, as variações de declinação magnética, as médias das chuvas, etc. Sabemos que existem estrelas que apresentam grandes variações nos seus níveis de atividade, a ponto de vaporizarem os planetas que por acaso as orbitem, ou mesmo de chegar ao aniquilamento da própria estrela (o chamado fenômeno das supernovas).

Mas no caso de nosso Sol ocorreu aparentemente algo de muito menor intensidade: um maior nú-



Comparação entre os crânios (acima) e esqueletos (abaixo) dos homens de Neanderthal e atual: corrigindo biologicamente os seres humanos.



mero de erupções acompanhadas de ejeções de gases (denominadas em astronomia *protuberâncias*), juntamente com o aumento do chamado "coeficiente de Wolf", pertinente ao aumento do número e tamanho das manchas solares. Estes fenômenos seriam suficientes para terem provocado a inclinação do eixo da Terra, com os cataclismos decorrentes, e também as degenerações nos descendentes biológicos dos colonizadores, já que tanto os cinturões magnéticos que protegem a Terra das perigosas radiações como a camada de ozônio que filtra os raios solares teriam suas capacidades protetoras reduzidas.

Segundo as informações recebidas por Wanda, as civilizações que haviam implantado o processo colonizador, tempos depois do grande cataclismo, enviaram algumas astronaves. Suas tripulações encontraram um mundo totalmente desfigurado e o homem colocado na barbárie, degenerado biologicamente. A partir daí o homem foi submetido a um processo recuperativo em níveis biológicos. Com o passar do tempo, as degenerações cessaram. Infelizmente, ao ser reintegrado totalmente à liberdade, o homem não preservou as características da espécie e irmanou-se aos degenerados. A tentativa de recuperar a curto prazo a normalidade para os "terrestres" falhara. Os cientistas que dirigiam as experiências recuperativas retornaram a seus mundos de origem. Tempos depois, essas civilizações voltaram a manter contatos. O homem progredia lentamente. Os contatos eram superficiais. Mais tarde, resolveram orientá-los especialmente, selecionando os mais aptos, instruindo-os sobre como governar e proteger os mais fracos.

Um processo de recuperação biológica

Devemos, antes de qualquer coisa, deixar claro que não aceitamos a idéia do Australopithecus ser peça na linha evolutiva do homem. Já demonstramos, no início

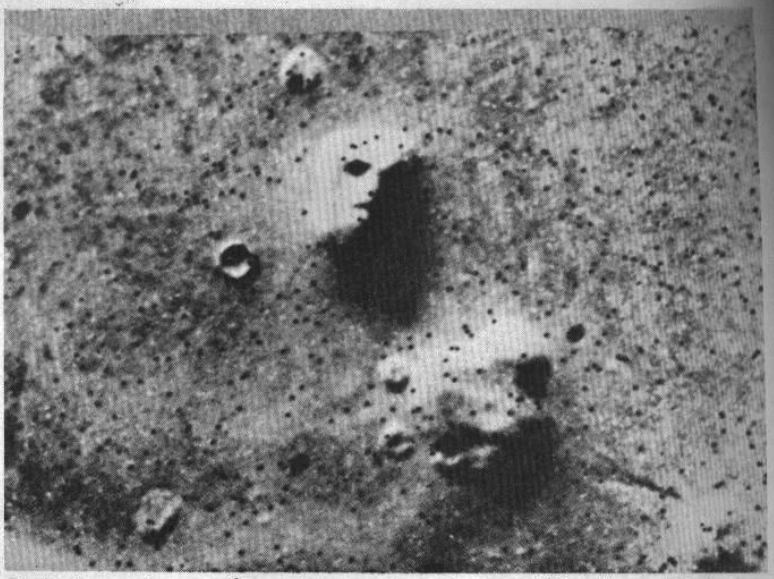
deste trabalho, que tanto este como homens com características atuais viveram paralelamente no mesmo período de tempo. Portanto, é inconcebível que se acredite que o Australopithecus faça parte da corrente evolutiva do homem.

Aceitamos, entretanto, que o chamado Homo erectus deva figurar nesta corrente que nos liga aos nossos ancestrais vindos de outros mundos. Este parece ser o resultado degenerativo imediato do grande cataclismo. Curiosamente, o período em que este aparece no planeta é muito próximo da época em que, segundo estudos dos núcleos das rochas de estratificações geológicas, ocorreu uma importante reversão do campo magnético terrestre, ou seja, há 1.900.000 anos. Portanto, quando as astronaves dos mundos que haviam implantado o processo colonizador aqui chegaram, depois do cataclismo, encontraram o tipo de homem primitivo que nossa antropologia denomina de Homo erectus.

Aproximadamente 1 milhão de anos depois surgia, de maneira não explicada satisfatoriamente pela antropologia, o chamado Homo sapiens. A forma da parte posterior do crânio coincide com as variações do homem atual, tendo também capacidade craniana semelhante à deste; porém, o sapiens tinha grandes arcadas supraciliares e uma testa mais fugidia, que não era suficientemente primitiva para se enquadrar na amplitude de variação do Homo erectus, seu antecessor.

Acreditamos que o Homo sapiens surgiu a partir das intervenções dos cientistas que aqui estavam tentando acelerar o processo de restabelecimento biológico do homem – já que não podemos aceitar o enorme salto evolutivo dado por este tipo de homem, em poucos milhares de anos, em relação a seu antecessor, atribuindo-lhe causas puramente naturais.

Já o Homem de Neanderthal nos parece ser o resultado da ir-



Rochedo marciano em forma de rosto: traço de uma civilização tecnológica?

manação, procriação entre os remanescentes degenerados do cataclismo (Homo erectus) com populações do tipo Homo sapiens – fato mencionado na mensagem recebida por Wanda, ocorrido aproximadamente há 100 mil anos. Essa época deve ter correspondido à partida, volta de nossos irmãos cósmicos (que até então controlavam os programas recuperativos do homem) para seus planetas de origem.

O socorro extraplanetário

O Homem de Neanderthal, considerado até há pouco tempo ancestral imediato do homem atual, apresentava características contraditórias. Possuía exagerado desenvolvimento das arcadas supra-orbitais, testa fugidia, maxilares maciços e quase ausência de queixo. Estas características primitivas associavam-se a um crânio de capacidade bastante elevada – em alguns casos, até superior à nossa atual. Como vemos, o chamado Homem de Neanderthal traz ao mesmo tempo características típicas do Homo erectus juntamente com um cérebro tão grande quanto o nosso atual. Este tipo de criatura extinguiu-se cerca de 50 mil anos atrás. Ao mesmo tempo surgia o chamado Homo sapiens,

Quetzalcoatl, "equipado" para voar.

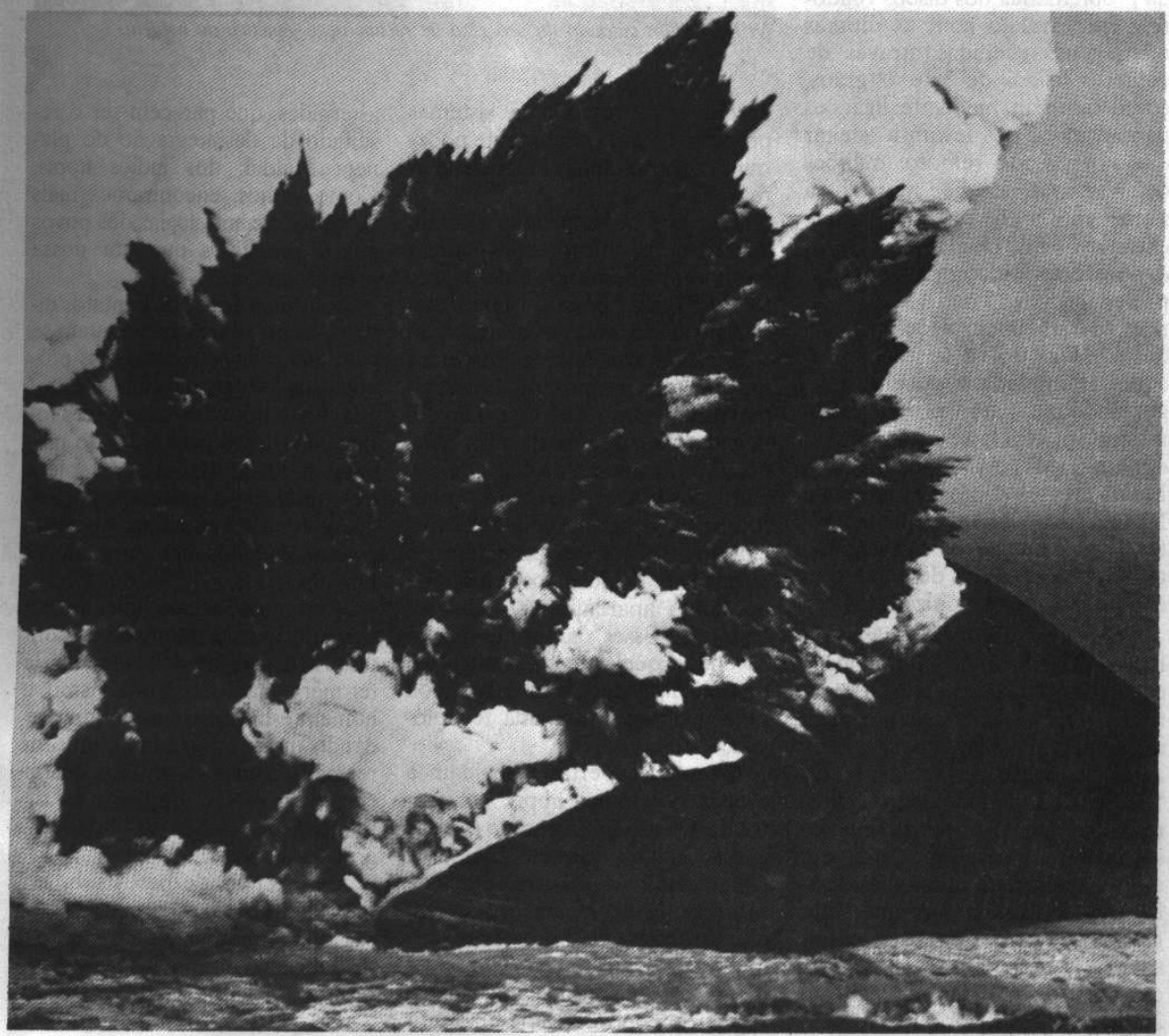
o homem atual.

Por comparação das idéias expressas no texto ditado para Wanda com as que podemos tirar pelo simples estudo dos achados arqueológicos e antropológicos, podemos admitir que foi por volta justamente de 50 mil anos atrás que recomeçou o controle do processo recuperativo do homem, com a presença, a volta de nossos irmãos. Nesse momento talvez tenha ocorrido a última intervenção no processo de evolução biológica do homem, personificada ao mesmo tempo pelo extermínio dos humanos que traziam mais características primitivas (tipo Homem de Neanderthal) e por uma última correção na estrutura helicoidal dos cromossomos de nossos antepassados mais evoluídos, dentro das populações do tipo Homo sapiens. A partir daí o homem surgia novamente em sua plenitude. Iniciava-se um novo processo recuperativo, agora já a níveis sociais e técnicos, dando margem ao nascimento de mitologias, civilizações e algumas religiões.

O texto recebido por Wanda faz referência a um segundo cataclismo, ali denominado o "Segundo Dilúvio". É fascinante, para nós, encontrarmos em nossas fontes da tradição referências a estes acontecimentos. O manuscrito chinês *Chuang-tzu* descreve em vivo estilo como a Terra teria sido palco, no passado, de terríveis calamidades. Um calor intenso queimou as culturas, as colheitas foram destruídas; furacões espantosos destruíram as cidades e os campos, os mares entraram em ebulição, submergindo parte dos continentes. Já o manuscrito *Troano*, de origem maia, descreve uma catástrofe cósmica durante a qual o oceano se precipitou sobre o continente; furacões destruíram as cidades e a face da Terra mudou com o surgimento de novas montanhas.

Este cataclismo, mencionado também na Bíblia, teve já sua existência confirmada definitivamente através de estudos geológicos e arqueológicos. Ocorreu entre 5 e 4 mil anos atrás – justamente na época em que Noé teria vivido, segundo a Bíblia.

Depois do cataclismo, os conta-



Diversas obras antigas nos falam de incríveis calamidades que se teriam abatido sobre nosso planeta no passado.

Da colonização ao Apocalipse

UFOs teriam cuidado do processo de recuperaçao genética do homem.

tos com nossos irmãos extraplanetários continuaram. Outras civilizações e religiões apareceram inspiradas neles. Do Oriente ao Ocidente encontramos as mesmas "histórias" reveladoras de objetos voadores desconhecidos, "divindades" descidas do céu, que tinham por missão fornecer conhecimentos capazes de reconduzir aqueles povos primitivos a um novo alvorecer civilizatório.

A partir de agora, passamos a apresentar nossas conclusões relacionadas à parcela de fenomenologia ufológica ligada ao processo colonizador.

Nosso levantamento histórico da problemática dos discos voadores, em paralelo com as últimas mensagens recebidas através de contatos físicos de 3º e 4º graus, como também mediante ligações paranormais, nos levam a aceitar que no passado remoto, milhões de anos atrás, seres de morfologia semelhante à do "terrestre" atual, extraterrestres, chegaram à Terra e, após exterminarem algumas espécies gigantes, nativas do planeta, deram início à colonização deste. Devido a cataclismos, aquela humanidade decaiu, mergulhando na barbárie, chegando mesmo, possivelmente, a retroceder em termos evolutivos. Tanto o Homo erectus como o Homem de Neanderthal seriam representantes de uma linha evolutiva degenerada, que partiu dos descendentes das populações colonizadoras.

Com o ressurgimento pleno do homem, a partir de intervenções extraplanetárias nos códigos genéticos dos povos degenerados, iniciou-se um *projeto* recuperativo a níveis sociais e técnicos. Os "deuses", mediante contatos diretos, inspiraram desenvolvimentos sociais e técnicos, dando margem ao nascimento de mitologias, civilizações e de nossas grandes religiões. Outras civilizações extrasolares já poderiam estar integradas ao *Projeto*, e mesmo uma do âmbito de nosso próprio sistema solar. Algumas lendas parecem descrever astronaves e sistemas propulsivos que dificilmente poderiam cruzar os abismos interestelares.

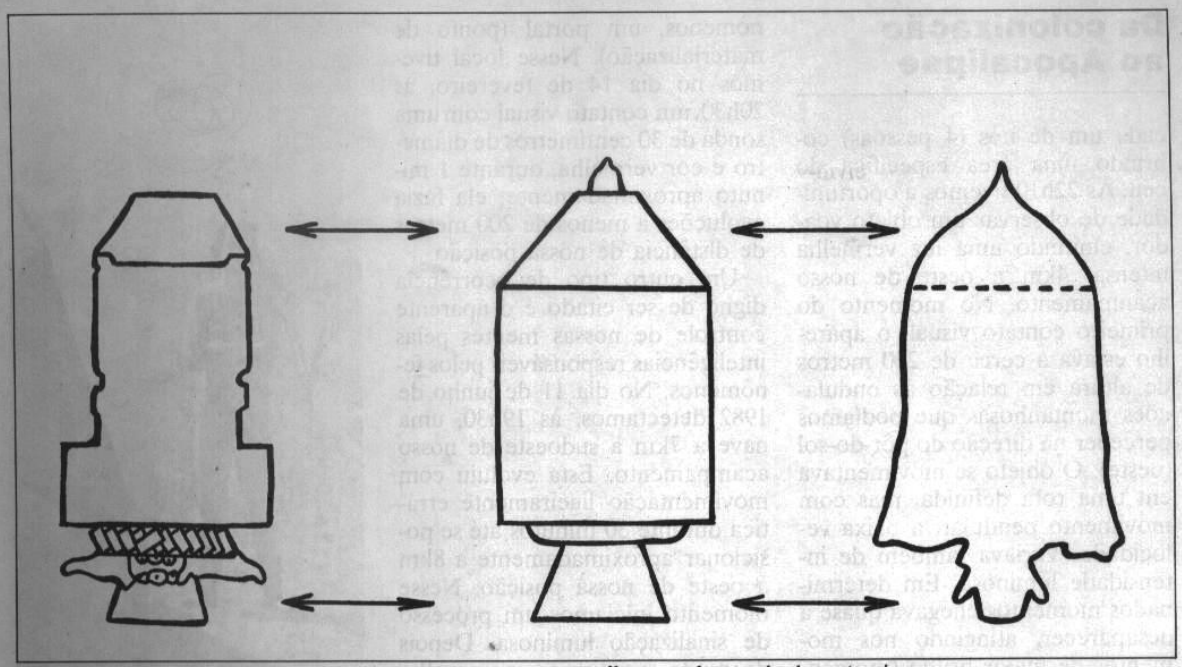
Mas esta nossa proposta vai de encontro às informações que a Nasa vem liberando. Fala-se que fora a Terra nosso sistema não abrigaria formas evoluídas de vida. As naves Viking desceram em Marte à procura de vida a nível rudimentar. Até hoje não foi negada a existência de vida marciana, mas apesar da falta de declarações oficiais coisas estranhas foram descobertas: leitos de rios extintos; formações piramidais; o já bastante famoso rosto humano esculpido aparentemente em rocha; etc. Esses dados nos fazem acreditar que, num passado não muito distante, Marte abrigou uma civilização humana tecnológica.

Estas descobertas respaldam a crença dos índios hopis, habitantes do Estado do Colorado (EUA), que acreditam que seus ancestrais emigraram para a Terra vindos de Marte e Maldek, antes que este último fosse destruído por seus maldosos habitantes. Precisamente entre as órbitas de Marte e Júpiter encontra-se hoje uma infinidade de pequenos planetas, os asteróides, que parecem ser o resultado da desintegração do planeta Maldek dos índios hopis. Como vemos, encontramos mais verdades nas mitologias dos povos cultos primitivos que em nossa própria história.

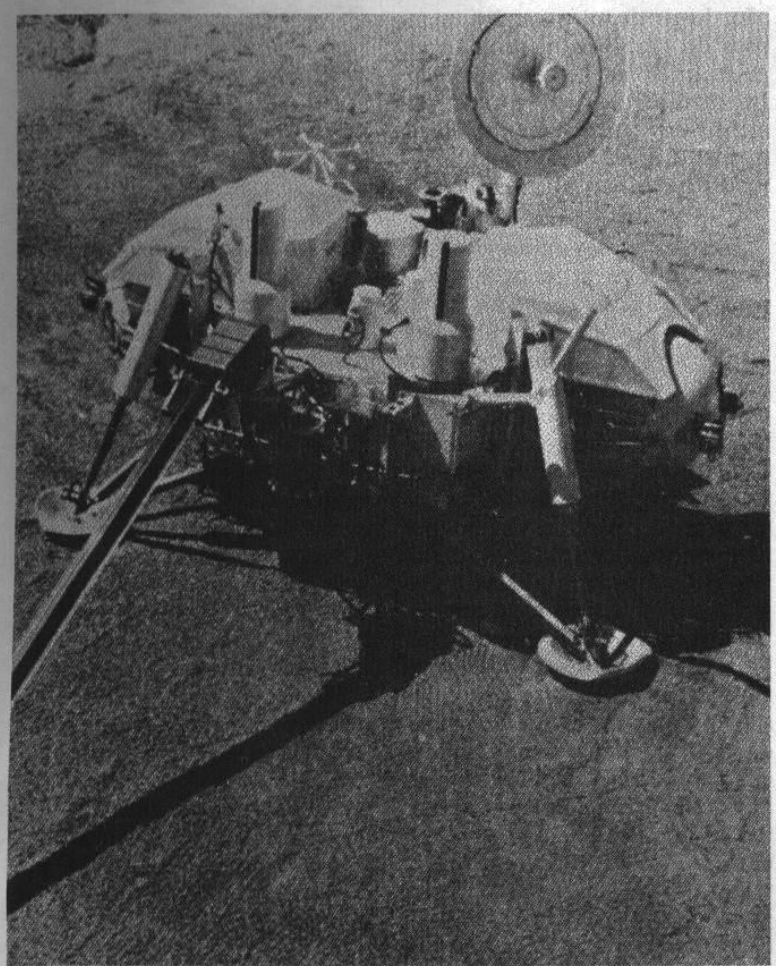
Após uma época de contatos diretos, os povos do céu afastaram-se para que o homem desse seus próprios passos; mas mantinham-se vigilantes, e por vezes suas naves foram reportadas pelo povo do planeta. A Idade Média está repleta de referências a misteriosos seres, aparentemente humanos, que apareciam envoltos em "armaduras luminosas".

Já em nosso século, iniciou-se a preparação para retomada de contato. Milhares de anos depois de ter mergulhado no primitivismo, o homem está prestes a reerguer-se, dando margem ao reatamento de relações com seus irmãos cósmicos. Os OVNIs ampliam as demonstrações sobre as cidades e grandes centros.

A existência de bases submarinas e subterrâneas parece também ser uma realidade. No momento, a Associação Fluminense de Estudos Ufológicos (Afeu) está realizando pesquisas numa região do interior do Estado do Rio que



A partir da esquerda: esquema visto numa estela maia; nave Apollo; desenho tirado de antigo bronze coreano.



A sonda norte-americana Viking: inquietantes descobertas em Marte.

mostra grande incidência ufológica. Nessa área já tivemos 12 contatos visuais.

Em abril de 1980, proferimos uma palestra na sede esportiva do Clube Naval, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Após o término da mesma, um dos assistentes nos pediu a palavra, e pela primeira vez tivemos informações dos fenômenos que vinham ocorrendo na chamada Serra da Beleza. Posteriormente, a profª. Irene Granchi nos revelou que anos atrás, passando uma noite na área, tivera a oportunidade de observar alguns fenômenos interessantes, que deveriam ser mais estudados.

No dia 8 de maio de 1982, partimos pela primeira vez para Conservatórios, na região mencionada; lá deveríamos encontrar influente político de Valença, que nos levaria até uma fazenda onde deveríamos passar a noite. Chegamos ao local com o pôr-do-sol e prontamente armamos nosso acampamento, a cerca de 1.000 metros de altitude (ponto mais alto da região), de onde tínhamos uma visão panorâmica de toda a área, avistando mesmo montanhas situadas já no Estado de Minas Gerais.

Às 20h já estávamos atentos,

cada um de nós (4 pessoas) cobrindo uma área específica do céu. Às 22h10 tivemos a oportunidade de observar um objeto voador, emitindo uma luz vermelha intensa, 4km a oeste de nosso acampamento. No momento do primeiro contato visual, o aparelho estava a cerca de 200 metros de altura em relação às ondulações montanhosas que podíamos perceber na direção do pôr-do-sol (oeste). O objeto se movimentava em uma rota definida, mas com movimento pendular, a baixa velocidade. Variava também de intensidade luminosa. Em determinados momentos chegava quase a desaparecer, atingindo nos momentos de maior brilho (momentos de maior velocidade) a magnitude estelar aparente da estrela Alfa do Centauro (0.1), a terceira estrela mais brilhante do céu. Visto de nossa posição, o objeto tinha a forma de uma elipse, sendo observado inclusive mediante binóculo de grande potência. A noite estava limpa e tínhamos uma boa visibilidade, fato que nos possibilitou acompanhar durante aproximadamente 5 minutos a trajetória do aparelho em direção sul – trajetória esta que o levou às proximidades de uma pedreira, onde, de maneira inesperada, desapareceu.

A partir desse avistamento iniciamos nossas pesquisas na região da Serra da Beleza, um local incrível onde convivem harmoniosamente, de maneira inesperada, a simplicidade do homem fluminense do campo, por vezes com grande carência, e vetores de uma avançada civilização cósmica irmã.

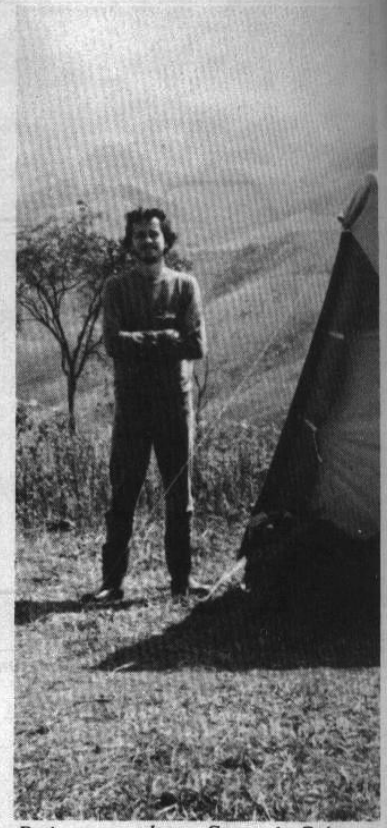
Contatos amistosos

Recentemente (15 de fevereiro) chegamos a trocar sinais luminosos com um dos aparelhos. A partir do mapeamento das trajetórias dos mesmos, localizamos ainda o ponto de partida de parte dos fenômenos, um portal (ponto de materialização). Nesse local tivemos no dia 14 de fevereiro, às 20h30, um contato visual com uma sonda de 30 centímetros de diâmetro e cor vermelha, durante 1 minuto aproximadamente; ela fazia evoluções a menos de 200 metros de distância de nossa posição.

Um outro tipo de ocorrência digno de ser citado é o aparente controle de nossas mentes pelas inteligências responsáveis pelos fenômenos. No dia 11 de junho de 1982 detectamos, às 19h30, uma nave a 7km a sudoeste de nosso acampamento. Esta evoluiu com movimentação ligeiramente errática durante 30 minutos até se posicionar aproximadamente a 8km a oeste de nossa posição. Nesse momento iniciamos um processo de sinalização luminosa. Depois de muito insistirmos, o aparelho lentamente começou a ganhar mais altura e a vir em nossa direção. Logo depois, um dos membros do grupo manifestou temor pela aproximação do aparelho. Imediatamente, no exato momento em que era reportado tal temor, o objeto retrocedeu e rumou para Minas Gerais.

Voltemos às nossas conclusões.

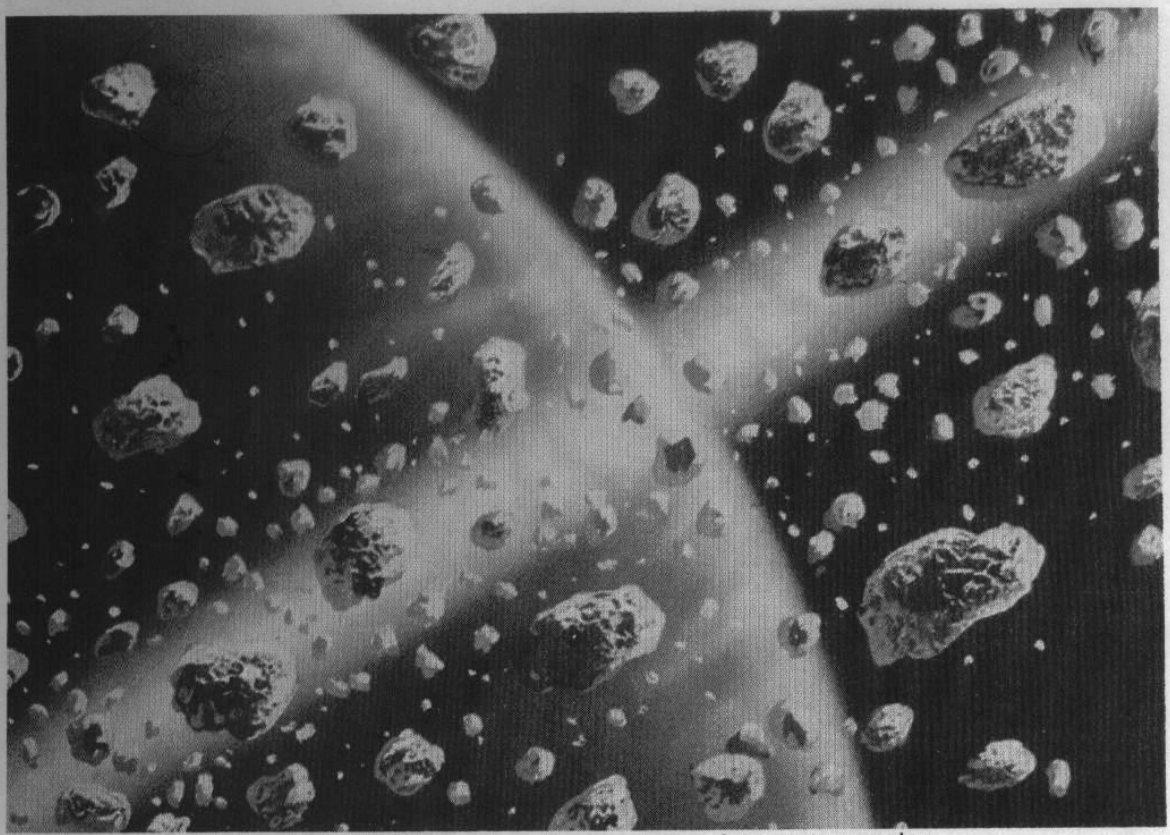
Estamos começando a viver um tempo em que os contatos começam a proliferar em todos os níveis, e o povo do céu transmite informações que nos ajudam a compreender os laços que nos uniam e nos unirão. Tudo indica que estamos beirando o momento do esperado contato final e definitivo. Mas antes que cheguem estes dias, temos um preço a pagar, passaremos por momentos difíceis. Muitos sensitivos estão lançando alertas a respeito de uma série de acontecimentos catastróficos que estariam prestes a começar. Vários desses paranormais já foram testados por suas próprias previsões confirmadas. Alguns estão sendo usados em pesquisas arqueológicas para indicarem as áreas a serem pesquisadas, com resultados surpreendentes. Pessoas estão sonhando e tendo visões ligadas a inundações, grandes movimentações geológicas, guerras, etc. E já tivemos mesmo alertas de nossos irmãos do espaço sobre estes acontecimentos.



Petit acampado na Serra da Beleza.

Os sensitivos associam os grandes cataclismos de final de ciclo, que ocorreram no final do milênio, à passagem de um corpo errante nas proximidades da Terra. A astronomia já começou a detectar algo de objetivo. O astrônomo inglês David Hugues, no número de junho de 1981 da revista *Nature*, constata e alerta para a existência de uma força gravitacional desconhecida, que já está afetando as órbitas dos planetas mais externos de nosso sistema. Esta força evidencia a existência de uma massa, ainda não detectada visualmente.

Em nosso próprio grupo há um membro que teve uma série de visões ligadas a esses acontecimentos. Os sinais já são detectáveis. As ondas sísmicas são cada vez mais constantes. O mar lentamente começa a se elevar a partir do degelo dos pólos. Segundo estudos do Laboratório de Dinâmica Geofísica da Universidade de Princeton, a cidade do Rio de Janeiro é uma



Uma força gravitacional desconhecida já está afetando os planetas exteriores de nosso sistema solar.

das que poderão ser totalmente inundadas pelo aumento do nível dos mares nos próximos anos. Cientistas da Administração Oceânica e Atmosférica dos EUA e do Serviço de Satélites Para o Meio Ambiente alertaram o mundo recentemente para o problema.

As anomalias climáticas vão-se fazendo sentir. E, por falar nisto, existe um relatório da CIA intitulado "Implicações Potenciais nas Tendências da População do Mundo, Produção e Clima" que garante que, dentro dos próximos anos, 500 milhões de pessoas morrerão de inanição, devido ao comportamento anômalo do clima terrestre.

Por mais que a Terra trema e a desolação se faça presente, não há o que temer. Somos todos imortais. Ninguém deve pensar em fugir do Apocalipse, pois ele é, antes de tudo, algo interior, vivenciado dentro de cada indivíduo. Muitos já receberam chamados e estão trabalhando dentro de determinadas programações. Outros receberão ainda. Saberão perfeitamente seus reais objetivos dentro do processo que ora começamos a vivenciar.

É certo que teremos ajuda dos "céus". Nossos irmãos cósmicos aqui estão e estarão tentando minimizar nossa provação. Somos parte deles que aqui ficou. Temos a mesma origem.

Das cinzas de uma civilização que primou pelo materialismo, atingindo os extremos da degeneração social e moral, nascerá um novo homem, e, a partir deste, um mundo novo, rico em espiritualidade, sob inspiração direta dos "deuses", que já estarão em definitivo entre nós.

O homem "terrestre" acabará por se tornar um "deus", e iniciará em algum ponto da galáxia seu *divino trabalho*, lançando em princípio as "sementes" da vida em um mundo morto como foi a Terra no passado, mas que pouco a pouco haverá de ser transformado até a formação de um novo paraíso. Tudo estará pronto então. De um pequeno planeta azul chamado Terra partirão várias astronaves, na tentativa de perpetuação de uma linha evolutiva universal, iniciada há 15 bilhões de anos, quando nosso universo pulsou com a grande detonação, responsável pelo lançamento de torrentes de matéria em todas as direções, torrentes estas depois "solidificadas" em um número "infinito" de galáxias.

Mas temos que ter em mente que nosso universo, com bilhões de galáxias, pode não ser mais que uma única célula em uma estrutura ainda maior. Por mais que busquemos mensurar os limites do *eterno*, tal tarefa estará sempre por ser finalizada. Não temos a capacidade de compreender o *Todo*, mas é certamente a partir de nossas tentativas, experiências, que o *Eterno, Deus, o próprio universo*, conhece e conhecerá a si mesmo. Somos seu único e invariável caminho. Portanto, não temos o direito de nos autodestruirmos, pois se fizermos isto estaremos limitando as próprias percepções da *Divindade Maior*.

Peter Elson

Buscando entender o fenômeno ufológico, os estudiosos terrestres prosseguem fazendo intensas pesquisas.

A PROCURA DE EXPLICAÇÕES

Mistério que se renova constantemente, os OVNIs continuam desafiando as inteligências de cientistas e estudiosos do mundo inteiro. Como habitualmente acontece em todos os eventos ufológicos, inúmeros pesquisadores levaram a Brasília suas contribuições para tentar-se compreender a totalidade do fenômeno. Essas contribuições — novas hipóteses ou versões aperfeiçoadas e aprofundadas de teorias já conhecidas — estão expostas no texto a seguir.

As pesquisas em busca do entendimento global do enigma ufológico prosseguem em ritmo bastante satisfatório – ao menos, esta é a conclusão visível após os trabalhos apresentados no II Ciufo, dispostos num espectro que incluía desde a visão científica ortodoxa de Hynek, ou o ponto de vista místico, até a ampla e abrangente perspectiva do norte-americano James Hurtak, talvez o maior sucesso de público deste congresso.

Um dos destaques internacionais do II Ciufo, Fabio Zerpa (uruguaio de nascimento), presidente da Onife e diretor do Centro de Estudos Psíquicos, ambos da Argentina, tem uma respeitável bagagem de estudos: depois de 24 anos e mais de 1.200 casos pesquisados, de 14 países, é o que se pode chamar de amigo dos UFOs.

Para ele os UFOs são naves extraterrestres pilotadas por seres inteligentes, de conformação antropomórfica e sempre nos trazem mais surpresas, pois têm 104 formas distintas de se apresentar. Zerpa, que é editor da mundialmente conhecida revista *Cuarta Dimensión*, diz que "um extraterrestre não é somente oriundo de outro planeta, mas pode ser enquadrado de uma forma mais abrangente, podendo ser tanto viajantes do espaço quanto do tempo ou provirem mesmo de mundos paralelos. Na hipótese 1, temos mais de um milhão de estrelas capazes de abrigar planetas com vida (segundo Carl Sagan); na hipótese 2, Einstein pensava que eles existem e são viajantes do tempo, deslocando-se por uma 4ª dimensão; e na hipótese 3, segundo Jacques Vallée, poderiam provir de mundos invisíveis, do fundo do mar ou de sob a terra.

Após lembrar que nem James McDonald nem Hynek acreditavam nos tripulantes, Fabio Zerpa alinhou 965 casos de avistamentos do tipo "homem", para classificá-los em três grandes padrões:

a) os do tipo pequeno (anões);
b) medianos (como os humanos);
c) grandalhões (com mais de 2 metros de altura).

Desenvolvendo nossa genética

Para o pesquisador naturalizado argentino, os ufonautas não são agressivos. Ele concorda com Virgilio Ocejo quanto à declaração feita a Cardenas de que "trabalham com genética, para a melhoria da espécie humana". Nessa altura dos acontecimentos, apresentou ao público o jovem Marco Antônio Villas Boas, filho do mundialmente famoso Antônio Villas Boas, que teria sido abduzido por um OVNI e feito amor com uma de suas tripulantes (um caso bastante antigo e muito conhecido dos brasileiros). Não que o jovem Marco Antônio fosse o resultado daquele episódio, mas na tentativa de demonstrar as intenções pacíficas dos alienígenas.

Quanto à hipótese de provirem de mundos subterrâneos, Zerpa não advoga a teoria da Terra Oca mas pensa tratar-se de grandes e profundos túneis e cavernas naturais ou artificiais ocupados pelos ufonautas (a propósito, há um interessante trabalho de S. Mavilosz sobre o tema, publicado em *Realidade Fantástica* nº 20, novembro/82 – aqui citado por se tratar de um jornal basicamente dedicado à ufologia). "São pacíficos, mas nada os deterá na intervenção que farão caso o mundo se atire novamente a uma guerra mundial", pondera o pesquisador – que não contraria Hynek quanto às duas realidades do fenômeno UFO.

Do lado místico da coisa, Fabio Zerpa acredita que "eles" estejam intimamente ligados com o Reino de Agharta, que é subterrâneo e tem a sua capital em Shamballah, onde vive o Rei do Mundo em meio a fortes temores de que o mundo se arrase em conseqüência

O esforço para entender

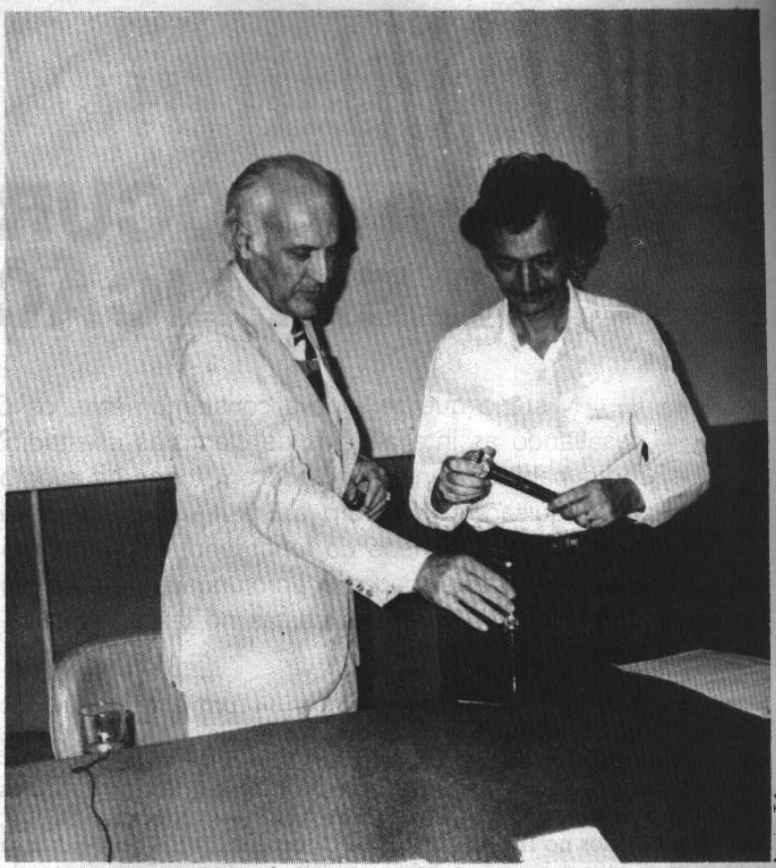
de uma guerra nuclear.

Citando Ossendowsky, Zerpa disse que "o reino de Agharta se estende por todos os continentes, dividindo-se em duas faixas, uma mais próxima da superfície e outra mais profunda, sem, no entanto, chegar ao centro da Terra, que não é oca. O Brasil", diz ele, "ainda é bastante desconhecido dos próprios brasileiros e tem alguns túneis, como na serra do Roncador." É de opinião que o coronel inglês Fawcett teria localizado uma dessas entradas – que são guardadas pelos xavantes e onde se penetra somente por meio de convite. E, ademais, entrou . . . fica. "Trata-se de uma realidade física e psíquica", diz.

O presidente da Onife faz uma breve incursão sobre a misteriosa terra de Akakor (mencionada por Erich von Daniken), capital de um fabuloso reino conhecido do chefe Tutanca Nara, e parte para os relatos que envolvem a figura do cavalo-marinho (hippocampus guttulatus) como emblema dos ufonautas que residem no fundo do mar. Vemos uma analogia com o mítico reino de Netuno (ou Posseidon dos gregos), irmão de Zeus e de Plutão – talvez essa trilogia esteja na origem da crença em UFOs submarinos, aéreos e subterrâneos.

Terrestres: as "bactérias virulentas"

Ernesto Bono também deu sua contribuição para a compreensão do fenômeno UFO. Para o psiquiatra e ufólogo gaúcho, "o universo pode ser uma coisa superada; parece que os tripulantes vigiam as nossas atitudes bem de perto, pois temos uma maldade intrínseca – somos como bactérias virulentas. Vigiam para que não se repitam no espaço as atrocidades verificadas durante a conquista espanhola da América. Agora, isso é muito difícil de entender, pois precisamos de uma metodologia diferente para entender os extraterrestres."



Arquivo Três

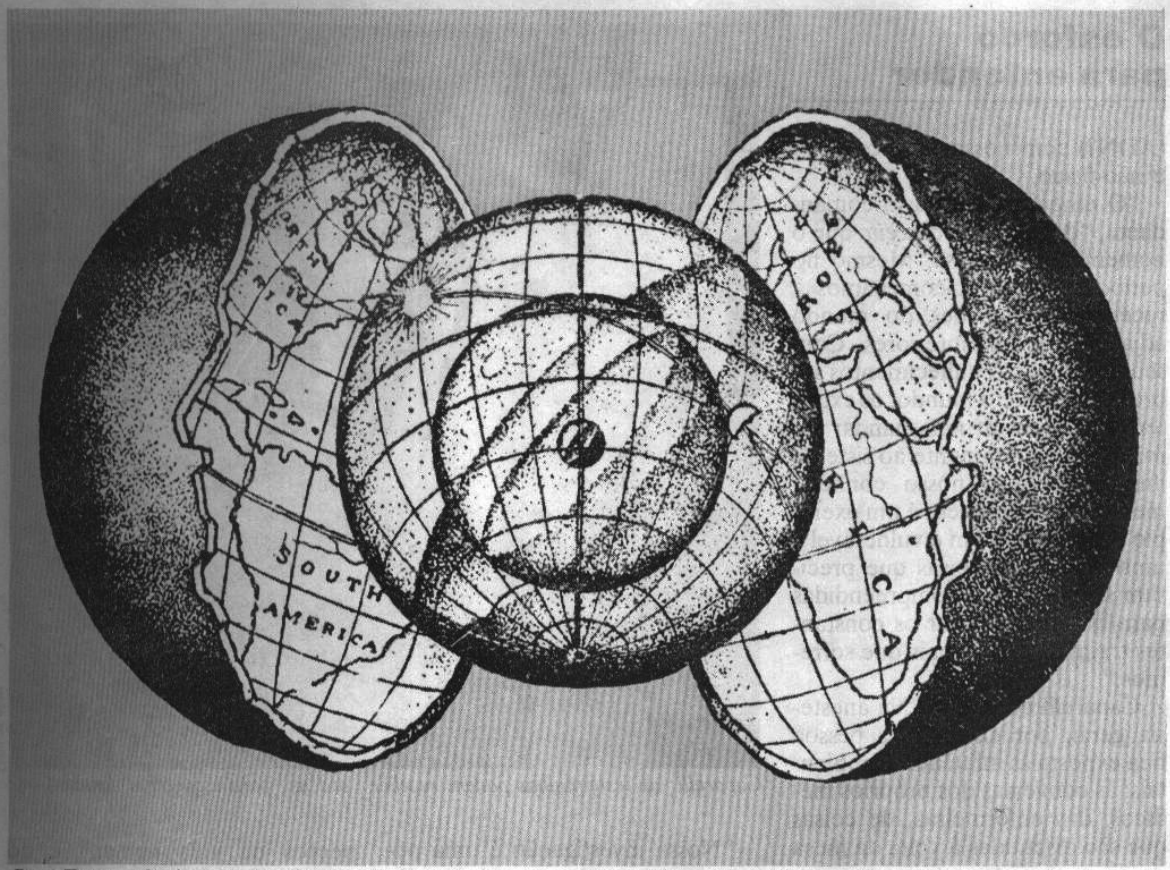
Zerpa (com Kronemberger à direita): os ufonautas sempre nos surpreendem.

"Os virtuosos deste mundo", prossegue Bono, "são poucos e são 'calados' no jogo de interesses de uma espécie de multinacional da 'verdade' que explora este planeta. Discordo de Carl Sagan, pois a ciência matemática não nos levará à compreensão do mundo, mas sim o espírito. Ciência, propriamente dita, é mais do que isso que aí está . . . política. A verdade final tem que prevalecer, mas sem doutrinação, sem dogmatismos religiosos e, principalmente, sem violência." Uma bela mensagem, sem dúvida, não ditada pelos extraterrestres, mas partida do âmago do peito desse buscador incansável, que foi tão compreendido e aplaudido por um auditório superlotado e silente.

Para o argentino Carlos Villegas, existe um propósito deliberado por parte dos extraterrestres. Ele não questiona a presença dos seres e tem como certo que eles existem e pertencem a um universo material. Diz:

"Os seres que por aqui transitam, não o fazem à toa. Desde 1976 que estou coletando as marcas deixadas por eles para tentar estabelecer algum padrão de comportamento. Já registrei 180 marcas de solo até agora. Também estou registrando os relatos sobre os sons emitidos pelos OVNIs – na maioria, tais sons se assemelham àqueles do código Morse e ocorrem geralmente à noite. Também a ocorrência de 'neblina' vem merecendo atenção especial de nossa parte" (notar que, na *Ilíada,* Homero faz constantes referências ao fato de os deuses utilizarem nuvens como camuflagem para os seus carros celestes).

Muito ainda há para ser feito mas, com paciência e denodo os pesquisadores poderão chegar perto da verdade – se é que haverá tempo, posto que a maioria dos congressistas é de opinião que o tempo urge e que uma decisão



Arquivo Três

Para Zerpa, a hipótese da Terra Oca não se aplica à origem dos UFOs – eles viriam de túneis e cavernas sob a terra.

deverá ser tomada em breve. Catástrofes estão sendo anunciadas desde os tempos bíblicos, quer por profetas, quer por videntes mais perto de nós no tempo – passando por Nostradamus e chegando aos nossos contatados em todos os países do mundo. Enquanto tais fatos não ocorrem, há que se dedicar à pesquisa, séria e denotada.

Jaime Lauda, o jovem presidente do Ceex (Centro de Estudos Extraterrestres) de São Paulo, pertence à linha dos ufólogos ditos científicos, mas deixa uma porta aberta ao insólito: "No Rio Grande do Sul, um menino costuma desaparecer seguidamente. Ao retornar, fala de um lugar paradisíaco, com seres louros e de olhos azuis. Onde ele vai? Talvez a um mundo paralelo. Salvador Freixedo crê em mundos paralelos. Mas há tanta coisa sendo dita por aí que o povo fica confuso. Depois de 20 anos de pesquisas, não posso crer em mundos subterrâneos, como querem os teosofistas e outros místicos. Eu os desafio a prová-lo para mim, lá no Instituto de Geofísica da USP. Só se for um mundo não físico, e aí os místicos terão razão."

Uma conexão entre espírito e matéria

Lauda prossegue: "Pelo Toríbio Pereira (ver caso Lins), os seres se diziam andróginos, pequenos e reproduzindo-se pelo método da proveta, tirando um líquido da coxa. Isso é muito complicado para a ciência, mas nós carecemos de elementos contestatórios."

"Talvez os UFOs se originem de uma conexão entre espírito e matéria", sugere o presidente do Ceex, "pois há um nível de inteligência que atua no nosso meio intelectual. John Keel pensa em falhas geológicas como prováveis caminhos dos UFOs. Mas para um entendimento pleno, deve haver uma evolução de cada um de nós. Afinal, o caminho é para dentro." Seja como for, a fala de Lauda foi muito aplaudida, principalmente quando disse que a ciência é incompetente para julgar a ufologia.

O comandante Cláudio Caparelli – pesquisador bastante conhecido dos ufólogos de todo o Brasil – abordou a temática do homem como objeto da pesquisa ufológica, pisando os mesmos caminhos traçados pelo professor Mário Sanchez: "Em tudo há que se considerar que, pela estatística Hynek, há 99% de terrestre e 1% de extraterrestre". Caparelli frisa que num contato de 4º grau a pessoa pode receber uma ordem para "esquecer" o incidente todo, como nos casos Barney Hill e da senhora Hilda Thorper (narrado por Fabio Zerpa). Agora, o que acontece com essa pessoa? Nós somos um sistema fechado (com o que não concorda uma parcela considerável dos ufólogos) e temos o registro de nossa vida passada

O esforço para entender

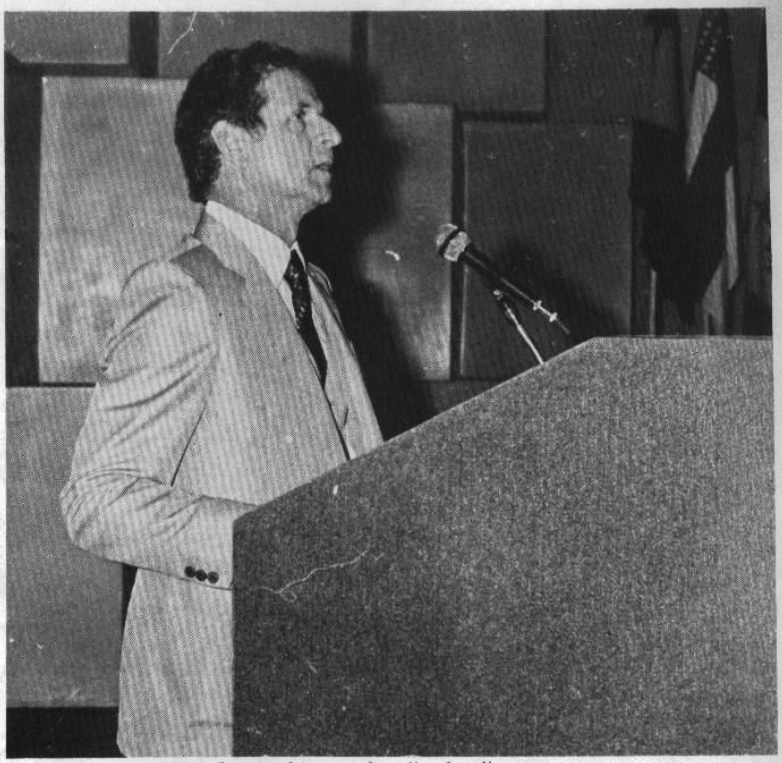
(ADN?) com nossos corpos físico e não-físico.

"O emocional", frisa o comandante, "depende do *conceito* que o homem faz da coisa. Mesmo no período uterino já começamos a receber informações do mundo adjacente e dos anteriores. Com seus avançados conhecimentos sobre o homem e o mundo, os extraterrestres podem nos mandar informações diretamente ao sistema límbico, sem o nosso conhecimento – o agente teta é um exemplo disso. O homem é vulnerável a uma porção de coisas que precisam ser mais bem compreendidas para que possa evitar os constantes traumas emocionais que sofremos."

Caparelli continua: "Na anestesia geral, por exemplo, a pessoa fica exposta às influências ambientais: às conversas dos próprios médicos, das enfermeiras, de coisas que são discutidas à volta da mesa de operações. Ao retomar a consciência, muita coisa pode estar alojada em seu subconsciente e passar a integrar a sua personalidade. Há pessoas que ficaram 'diferentes' depois de uma operação cirúrgica. Pode haver uma mudança de comportamento (indução bioanímica). É muito complexo, pois até em sonhos a pessoa pode sofrer um trauma, pensando que realmente 'viveu' aquilo que sonhou – e vai ser difícil para o analista descobrir a verdade da coisa."

Mudanças na vida dos contatados

O professor Leo Sprinkle, da Universidade de Wyoming (EUA), é de opinião que se torna muito difícil explicar a experiência UFO apenas pela inteligência superior. A matéria, a vida, o pensamento e o espírito estão no âmbito das cogitações dos alucinados pelo desenvolvimento. A dúvida, o medo e o desespero são algumas características básicas.



Ormuzd Alves

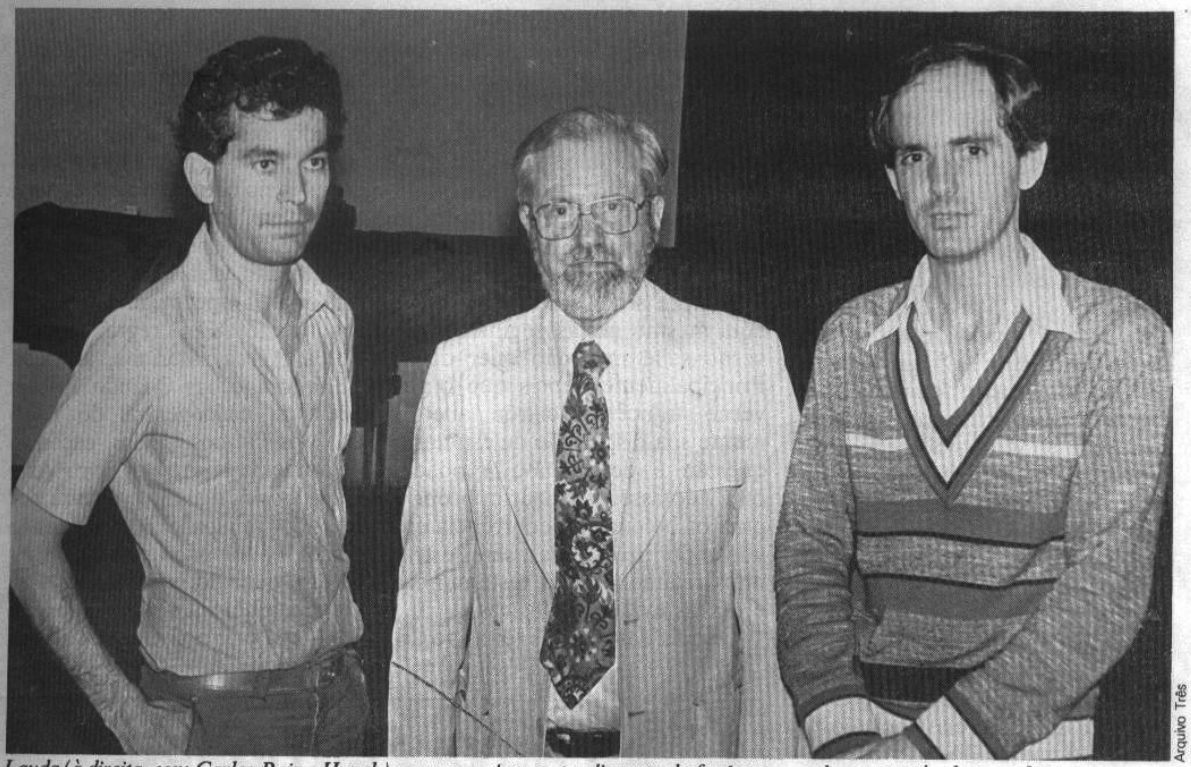
Caparelli: as testemunhas podem receber "ordens" para esquecer o contato.

"Nossa investigação é uma pequenina parte da verdade total", diz ele, "pois os fenômenos psi estão quase sempre associados à revelação – e, via de regra, um contatado começa a pensar que está tendo *revelações* sobre vários aspectos da vida humana e do mundo. Será preciso estabelecer padrões de análise para tais comportamentos."

Sprinkle, que é psicólogo, já efetuou centenas de regressões hipnóticas em pessoas que sofre-

CESAR LATTES NA BERLINDA

O emérito professor de Física da Unicamp, César Lattes, não estava inscrito como orador e nem mesmo compareceu como ouvinte ao II Congresso Internacional de Ufologia. Mas foi lembrado – não elogiosamente – pelo jovem presidente do Ceex-SP, Jaime Lauda. Ocupando a tribuna, Lauda lançou um desafio ao professor para que conceda um tempo ao debate franco e aberto da ufologia, publicamente, através de uma emissora de rádio ou TV. "Há poucos meses o professor César Lattes concedeu uma entrevista à revista *Manchete* para dizer que nós, ufólogos, somos uns psicóides, neuróticos e mal-intencionados. E também afirmou que não há vida fora da Terra. Isso é um absurdo! É do próprio espírito da ciência não fazer afirmações categóricas sobre coisas que não estejam definitivamente provadas. Por tudo isso, faço-lhe, desta tribuna, um repto para um debate público." (Posteriormente, o general Uchôa o apoiava, nos bastidores, ponderando que "mesmo para se combater alguma coisa, alguma idéia, é preciso ter-se uma idéia a respeito, saber do que se trata. Atacar uma coisa que se desconhece é, no mínimo, antiético e anticientífico"). Na aludida reportagem da *Manchete* não fica muito claro se César Lattes *sabe* o que é ufologia ou se dela tem noções ao menos vagas. A abordagem era contra os ufólogos (no que Lattes não está sozinho, aliás).



Arquivo Três

Lauda (à direita, com Carlos Reis e Hynek): para um pleno entendimento do fenômeno, cada um de nós deve evoluir.

ram influência UFO de contato direto em mais de 20 anos de pesquisas. Através do grande conhecimento adquirido nesse trabalho, fundamentou a tese em bases muito seguras. Para ele, a pessoa que vivencia um contato de 4º grau fica desorientada, perplexa, e quase sempre sofre. Depois vem a aceitação do fato e a assimilação do aprendizado. A pessoa declara publicamente a ocorrência e assume um novo comportamento, reavaliando sua própria vida e seu sentido.

Arquivo Três

Leo Sprinkle (observando o jornal mostrado por nosso enviado Adilson Machado): os extraterrenos se empenham no rejuvenescimento do planeta.

"Embora a maioria dos governos procure esconder os fatos", lembra Sprinkle, "eles continuarão crescendo, aumentando, e 'empurrando' os contatados à divulgação do fato ufológico – e pregando basicamente duas coisas: 1) que os extraterrestres estão empenhados num trabalho de rejuvenescimento do planeta; e 2) ajudando no desenvolvimento do próprio homem." Aí suas pesquisas vão complementar aquelas do comandante Caparelli sobre as influências a nível psi. "Quem tem um contato direto, passa a agir como se tivesse encontrado um objetivo na vida", conclui o norte-americano.

Leo Sprinkle enfatiza, em sua longa vivência na pesquisa sobre os discos voadores, as transformações que ocorrem na consciência humana, com seus devidos reflexos e conseqüências na sociedade. Esta pesquisa também inclui pesquisadores contatados:

"Muitos cientistas ortodoxos me perguntam: *onde estão as evidências?* Ora, eu lhes respondo: *nós somos a evidência.* Os aspectos

O esforço para entender

bizarros do fenômeno podem ser dados como ABC da transformação de pessoas planetárias em cidadãos cósmicos."

"Me vejo de duas maneiras", prossegue ele. "Primeiro, como contatado que já viveu uma experiência de 5º grau. Depois, como investigador de UFOs que já falou com centenas de testemunhas, leu milhares de relatórios e experiências com mais de 150 seqüestrados. Essa experiência me influencia mais ou menos na minha investigação ufológica. Durante quase 20 anos conduzi pesquisas neste campo. A maioria das testemunhas responde de forma normal às perguntas, mas se comporta como diante de um enigma, e isso influencia sua vida posterior. Concluí pela seguinte classificação:

"1) Os contatados são escolhidos não-acidentais.

"2) Os contatados são pessoas comuns, que demonstram amor pela humanidade em geral.

"3) Experiências ufológicas incluem manifestações parafísicas, parapsíquicas, paranormais, etc.

"4) Os contatados recebem informações posteriores sobre ciências, conhecimentos metafísicos, espirituais, etc.

"5) Os contatados são suavemente levados para estudos – não são forçados a ser obedientes perante os UFOs.

"6) Os contatados são mantidos dentro de um modelo geral – contatos físicos face a face, experiências fora do corpo, experiências a nível mental, manifestações inconscientes, manifestações conscientes sem estímulo.

"7) São programados para atividades futuras.

"8) As vidas dos contatados se movem na direção de um senso maior de conscientização, cidadania cósmica, etc.

"9) A metamorfose pessoal dos contatados é um preâmbulo para uma conscientização humana. É a nova era da ciência e da espiritualidade."

Sempre se falou, nos meios ufológicos, que as autoridades governamentais dispõem, sim, de informações fidedignas, mas que não as fornecem ao pesquisador – quer isolado, quer representante de grupos de pesquisa. Era difícil verificar a verdade, pois quando se aludia ao fato o oficial a quem se perguntava simplesmente negava qualquer posse de material.

Sempre se levantou essa lebre, aqui mesmo nestas páginas: o governo sabe mas não quer dizer. Principalmente depois que o governo francês declarou abertamente sua disposição de estudar a questão e determinou à polícia que adotasse formulário próprio para os boletins de ocorrência envolvendo luzes aéreas, seres estranhos relatados pelas testemunhas e outras evidências físicas.

Depois das alusões feitas ao assunto por Leo Sprinkle, o jornalista Almiro Baraúna – especializado em fotografia submarina e que ficou famoso a partir de 1958, quando fotografou o tão comentado disco voador da Ilha da Trindade – veio colocar mais luz sobre a problemática. Quando se diz "autoridades", fala-se de uma coisa muito vaga. É preciso indicar mais especificamente *qual* autoridade. Em regra, todas. Força Aérea, Marinha, serviços de segurança... Quando Robert Seamans, major-general do Exército dos Estados Unidos, encerrou oficialmente o Projeto Livro Azul (*Blue Book*), disse que o fazia por ter sido verificado que a questão disco voador não apresentava interesse quer do ponto de vista da ciência, quer da segurança nacional – em cujo nome muita arbitra-

AS NOVAS ENTIDADES UFOLÓGICAS

Jesus Roberto Rovere, da Associação Argentina de Estudos Extraterrestres e da Faece (Federación Argentina de Estudios de Ciencia Extraterrestre), veio com a missão específica de dar prosseguimento aos trabalhos de criação de um organismo internacional que englobasse os ufólogos de todos os países em torno de diretivas comuns e aceitáveis a todos. Seu trabalho teve tramitação rápida, visto que desde o congresso argentino realizado em Rosário, no ano passado, as linhas mestras já estavam traçadas. Lá, Irene Granchi, Hynek, Fabio Zerpa, Neythe Abreu, Rovere e tantos outros lançaram as bases da futura Associação Mundial de Ufologia (AMU), que ora se concretiza. Serviço rápido e eficiente, sem delongas ou discussões estéreis, atendendo a uma antiga aspiração.

A data da reunião foi lavrada no próprio recinto do Congresso Internacional, da qual participamos também. Um pensamento norteava as ações de Rovere:

"Neste momento somos seres desgarrados, ao redor do mundo. Muitas entidades ufológicas de ação regional vêm encerrando suas atividades. Publicações nascem e morrem breve, não frutificando. Precisamos nos unir se queremos ter força para motivar as autoridades a liberarem as informações que possuem. É nosso pensamento que elas, as autoridades, poderão fornecer subsídios à pesquisa séria, sempre que esta esteja respaldada em uma organização oficializada, com estatutos, registros e entidade jurídica própria. O governo e a AMU poderão tratar a nível de entidades, interessadas num mesmo objetivo: desenvolver os estudos sobre os OVNIs.

Por certo Jesus Rovere voltou para a Argentina com um sorriso nos lábios e uma canção no coração. Seu intento foi alcançado e agora já existe essa entidade congregacional. Só esperamos que os desejos dele – e de muitos que o apoiaram na luta – se realizem: que o governo argentino, bem como o nosso e dos demais países ocidentais, aceite trabalhar em conjunto com uma entidade particular – embora de âmbito mundial. Há quem oponha alguma reserva quanto a isso, mas, afinal, quem colherá os frutos se nada for plantado?

No mesmo caso de Rovere estava Carlos Vieira Gonçalves, de São Gabriel (RS). De há muito vinha ele

Arquivo Três

De acordo com Sprinkle, os contatados são escolhidos não-acidentais.

riedade se pratica, posto que o conceito de "segurança nacional" é muito elástico e vai mais ou menos de acordo com o *conceito* que o cidadão faz de "segurança". Não seria do interesse da "segurança" se pudéssemos obter informações sobre os meios utilizados para propulsionar os OVNIs?

Naquele dia 16 de janeiro de 1958, o navio-escola "Almirante Saldanha da Gama" levava 10 civis e 38 militares. O repórter Almiro Baraúna era um dos civis. O comandante era o capitão Carlos Alberto Bacellar, que autorizou as fotos. Mas o *início* do avistamento do famoso UFO não pode ser considerado a hora em que as fotos foram batidas. Ele já fora detectado antes, pelo radar, e os oficiais a bordo estavam de sobreaviso. Em dado momento, muita coisa

trabalhando no sentido de criar um organismo de abrangência nacional que reunisse os ufólogos patrícios. Desde a realização do seminário aberto a todas as correntes do pensamento – promovido e brilhantemente conduzido pelo jovem e dinâmico pesquisador Juarez Jorge Duarte – que Gonçalves nos convocava para a luta em prol da efetivação da Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil (e quando alguém – A. J. Gevaerd – argumentou que Nacional do Brasil era um pleonasmo, respondemos em uníssono que era um nome tão pleonástico quanto CNBB. E assim ficou).

Carlos Vieira encontrou dificuldades logo à sua chegada a Brasília. Seu horário havia sido mudado, outro falaria em seu lugar. Sua palestra foi remarcada para o dia seguinte (terça-feira) mas novamente mudada. Finalmente na quarta, já desanimado de ver seu projeto posto em votação, nos procurava em busca de apoio. Comunicações foram expedidas pelos alto-falantes, ufólogos foram arrebanhados na medida do possível e a reunião saiu – extramuros do congresso. Havia pressa em se votar um projeto antigo e que corria o risco de não ser sequer apreciado pelos congressistas.

Durante as marchas e contramarchas, os fala-não-fala, Gonçalves ia pelos corredores, pasta debaixo do braço, indagando de cada um dos presentes da sua disposição em apoiar a iniciativa. Todos eram unânimes. O primeiro foi o general Uchôa – o qual já havia hipotecado sua adesão e solidariedade desde o recebimento da correspondência pessoal (que, aliás, fora endereçada à maioria dos ufólogos que atenderam à convocação feita pela imprensa – *Realidade Fantástica*). A cada um que respondia afirmativamente Gonçalves entregava o livro de registro, e iam assinando mesmo sobre os joelhos.

Ao final daqueles poucos dias, ele já tinha quórum suficiente para a aprovação do projeto da criação da Anub. Pouco restava: só fazer a convocação para a eleição de uma diretoria provisória que gerisse os destinos do novo órgão até a primeira assembléia geral. Isso foi resolvido a toque-de-caixa, pelos que conseguiram chegar à sala de reuniões. Ali mesmo se decidiu sobre os nomes da diretoria que foi incontinenti apresentada aos congressistas – no intervalo entre um conferencista e outro. Quem fez a comunicação foi Ademar Gevaerd – o primeiro a ouvir os protestos dos que não foram "convocados" ou não ouviram as chamadas (um deles, a própria professora Irene Granchi). Mas tudo foi contornado.

Explicações dadas a cada um de *per si*, os ânimos foram serenados e as adesões se multiplicaram – notadamente entre o pessoal do Nordeste. Foi difícil, é verdade, mas o Brasil ganhou a sua entidade de classe para os ufólogos. Jaime Lauda, do Ceex, foi indicado presidente, e a Anub já começou a trabalhar, tendo inclusive marcado data para a sua primeira reunião – embora não plenária – em São Paulo

Carlos Vieira Gonçalves voltou – a exemplo de Rovere – com um sorriso alegre e a certeza de mais uma etapa vencida: "Eu não quero nada para mim; nem a presidência. Tudo o que sempre quis foi ver o Brasil alinhado com os demais países, como a França, que têm sua entidade de classe. Quem quiser que fique com a presidência, mesmo porque para mim seria muito difícil exercer o cargo em vista da distância em que estou: São Gabriel é muito longe, fora de mão para contatos e decisões rápidas."

Se assim pensava, assim o fez. Sua proposta sobre a indicação da revista *Planeta* como porta-voz (juntamente com o jornal *Realidade Fantástica*) das deliberações da diretoria foi aprovada. O trabalho maior vai começar agora, mas o primeiro passo foi dado e a imprensa nacional deu seu aval à idéia. Não haverá monopólio sobre as informações – como alguém chegou a pensar. É uma entidade aberta a todos, com livre direito de manifestação. *Consumatum est.*

O esforço para entender

começou a funcionar mal: as máquinas, o radar, as bússolas e até os eco-batimentos se alteraram. Através da luneta, um tripulante estava observando as evoluções do OVNI (mas pensava que estava a olhar o balão meteorológico lançado pouco antes).

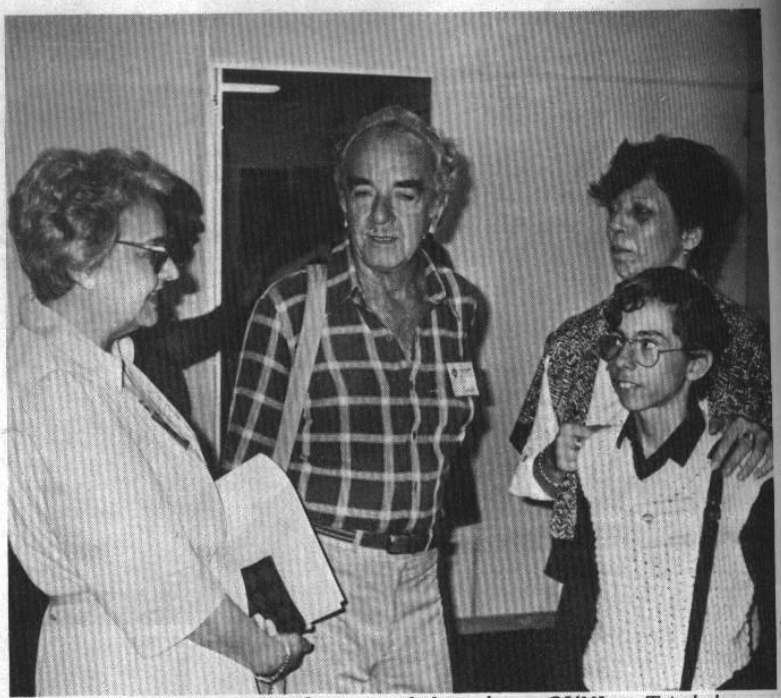
O caso já foi bastante debatido para que estejamos aqui fazendo sua defesa. Até foi analisado (bem como os negativos) pela Ground Saucer Watch, dos Estados Unidos, e devolvido com a indicação de *autêntico*, depois de ampliações de até 300 vezes. Era uma nave grande, com cerca de 40m de diâmetro por 8m de altura, e desenvolvia velocidade oscilando em torno de 1.100km/h, permanecendo visível por cerca de 14 segundos – durante os quais foram tomadas as fotos. O capitão José Viegas, da Aeronáutica, que também estava a bordo, viu o objeto e confirmou os depoimentos afirmando que já na véspera (dia 15) o radar pegara "algo no ar".

Mas o que realmente nos interessa é que essa foi a 4ª vez que a nave fora avistada, e fotografada; e que o comandante guardou cópias para os arquivos e que "a Marinha tem um bom arquivo fotográfico sobre UFOs – seus próprios e de outros países, posto que mantém intercâmbio com vários países; mas não divulga isso", conforme palavras textuais de Almiro Baraúna.

E então todos se perguntaram: se a Marinha tem, como a Força Aérea não tem? E respondiam: claro que os tem e mantém sigilo para nós, enquanto envia cópias para "vários países".

Trucagens e enganos

Falando no dia 19 aos congressistas, o pesquisador Carlos Alberto Reis (Ceex-SP) causou um certo mal-entendido entre os ouvintes com sua apresentação de fotos e *slides* sobre "Falsos discos voadores" e enganos de observação.


Arquivo Três

Baraúna (centro): nossa Marinha oculta dados sobre o OVNI de Trindade.

Menos radical que seu companheiro de agremiação, Carlos Alberto, embora endossando as críticas feitas ao cientista Cesar Lattes (veja o box "Cesar Lattes na Berlinda", no início desta matéria), manifestou o pensamento de que a ciência ainda poderá ajudar muito a pesquisa ufológica. Falou nas velocidades incomensuráveis dos UFOs e nas dificuldades encontradas para estabelecer parâmetros de análise do fenômeno UFO, que é passível de enganos e interpretações errôneas.

Abordou o caso da Barra da Tijuca (cujas fotos foram consideradas inautênticas pelos peritos que as estudaram) e mostrou outras fotos em que os pseudo-UFOs não eram mais que reflexões de feixes luminosos projetados contra a atmosfera densa ou com muita nebulosidade.

Mostrou várias fotos analisadas pelo pesquisador Claudeir Covo sobre o caso da Gurgel, em que se patenteia um "engano" – a menos que fosse proposital a tal divulgação para chamar a atenção sobre o lançamento de um novo modelo de automóvel elétrico.

Na assistência, Luiz Fernando de Viana Mendes, do Centro de Estudos Ufológicos Syrius, de Votuporanga (SP), questionou o orador, protestando contra a análise das fotos da Gurgel sob a alegação de que "eu tive laboratório fotográfico e essas reflexões na lente são casos muito raros. Aqui mostram como se fosse uma coisa corriqueira." As opiniões se dividiram, com uns aceitando a proposta de Carlos Alberto sobre a validade de se estudar minuciosamente cada caso de *per si* e outros pensando que ele estava prestando um desserviço à ufologia. A intenção foi boa e os mais atentos a compreenderam – mesmo porque o responsável, Claudeir Covo, é pessoa de ilibada idoneidade moral e profissional, formado em óptica, cujo parecer deve ser levado em consideração. "Há muita fraude no setor e é preciso limpá-lo desses abusos, se queremos que nos levem a sério", finalizou Carlos Alberto.

Ufologia nas escolas

O tema escolhido pela pioneira da ufologia (no Brasil e no mundo)

Irene Granchi, "Inter-relação Crescente Homem/UFO", tem, como ela mesma esclarece, "várias interpretações, dependendo da formação de cada um; mas, substancialmente, esta inter-relação se refere à mutação já operante em nosso meio social desde 1947, ano do avistamento de uma esquadrilha de UFOs por Kenneth Arnold, persistindo até hoje, quando vemos larga faixa de cidadãos aceitando tranqüilamente a presença do E.T. comunicativo, em fraternidade e amor nas telas dos cinemas. Também reduziu-se o número de pessoas que criticavam o "inacreditável" do filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau.*

Irene argumenta sobre o bom desempenho obtido pela comunicação ufológica nos anos mais recentes:

"Esta evolução decorreu de fatos e eventos inseridos em nosso cotidiano pela imprensa escrita e falada, pelas conversas familiares, pelos numerosos grupos de estudos que proliferam pelo país, pela troca de informações a nível mundial. Assim, largas faixas da população estão sendo conscientizadas. Ninguém melhor do que Jacques Vallée expressou esta idéia, dizendo: *"As conseqüências sociais, políticas e religiosas de tais experiências são hoje muito consideradas, não apenas em termos de dias ou semanas posteriores a um avistamento, mas sim em termos de toda uma geração."*

Diante de tais constatações, confirmadas pela comunidade ufológica dentro das mais diversas linhas de pesquisa, a professora Irene Granchi faz um apelo significativo para tantos quantos se interessam pelo assunto, para os que estão atualizados quanto às informações colecionadas nas últimas três décadas:

"Vejam as crianças! Começam a perguntar aos professores malinformados sobre tais eventos e ouvem quase sempre a mesma resposta – 'Ufologia não é ciência'. Pleiteio que o Conselho de Educação se sensibilize e comece a trabalhar na possibilidade, desde já, de propor-se como matéria facultativa nos colégios e faculdades o estudo da ufologia, ministrado por ufólogos competentes – que não faltam hoje no Brasil. Isto, antes que a desinformação e o sensacionalismo voltem novamente a jogar no ridículo o que uma geração inteira desenvolveu em profícuo trabalho, com despretensão e sacrifício, resultando em pesquisa, informação e estatística de irrefutável idoneidade. Também sabemos que o interesse dos jovens sobre este assunto aumenta, através dos inúmeros pedidos de palestras a respeito presentes em pesquisas, quando o tema é solicitado com destaque entre outros."

Marcadamente, o II Congresso Internacional de Ufologia foi pautado por três tendências distintas: a) ufologia mística (ou avançada), para a qual as inteligências alienígenas agem no nosso mundo à revelia dos próprios homens e em seu benefício (embora advirtam sobre alguns perigos representados pelos seres da Fraternidade Negra – pouco lembrados, diga-se); b) ufologia cientificista, para a qual a resposta ao enigma UFO deve ser buscada na ciência acadêmica, pela cata de evidências físicas que levem à compreensão final; c) ufologia científica (ou tradicional). Esta, certamente, foi a que causou maior impacto nos congressistas, em virtude de sua opinião favorável a uma revisão do enfoque científico sobre os vários setores do saber humano.

O mundo se faz cada dia mais perguntas – e mais angustiantes. A ciência não ajuda em nada, di-

O Caso Betty e Barney Hill: exemplo do "esquecimento" induzido.

Arquivo Três

O esforço para entender

zem os contatados, voltada como está para objetivos próprios, alienados das verdadeiras aspirações do povo. Não são só os ufólogos, mas também os cientistas ortodoxos que clamam por mais liberdade para a pesquisa, por mais verbas para a pesquisa em ciência pura. Nossa ciência está engajada aos interesses da tecnologia, que por sua vez se engaja no esforço industrial, que serve à grande empresa. Não usamos a tecnologia que queremos e precisamos, mas aquela que nos é imposta pelo processo industrial. Não sabemos nada de nada, nem sobre a fisiologia humana, nem sobre o universo ou as forças que o movem. Não sabemos o que é a eletricidade (e nem mesmo o que é a água, lembra o professor Salvatore de Salvo). Não sabemos o que é o fogo ou qual o conceito de "onda". Mas sabemos que temos armas cada vez mais potentes e mais rápidas. Para onde nos levará tudo isso? Quando a medicina deixará de matar impunemente (talvez em alusão a recentes acidentes com choque anafilático nos quais morreram algumas pessoas muito conhecidas)? Urge mudar tudo isso e buscar os verdadeiros caminhos. Se houver tempo, pois há fortes indícios que este ciclo está no fim.

A ciência está sendo cada vez mais desacreditada porque não está voltada para o homem, mas para interesses materiais, esquecida de que o homem é o princípio de tudo – foi uma tônica.

Nesse ambiente de verdadeira confrontação levanta-se uma figura carismática e de grande erudição, na pessoa do professor James Hurtak, portador de três diplomas de PhD., incansável paladino da elevação moral do homem – que deve se transformar no homem cósmico do Terceiro Milênio.

Incansável durante todo o tempo de duração do congresso, James Hurtak corria de um lado para outro, atendendo a todos os que lhe pediam explicações; falava no auditório e fora dele; dava entrevistas aos jornalistas e ouvia atentamente os outros oradores. Era um dínamo humano, que dizia: "Há uma inteligência superior, física e extraterrestre. Urge juntar a parapsicologia e a metafísica para entendê-la. Precisamos estabelecer uma linguagem comum, para entender a ciência do futuro; para o desenvolvimento da humanidade numa aproximação global, na linguagem olística – para lá da gramática, no campo da cibernética, para a qual precisamos juntar nossos corações e mentes."

Um impacto e um sucesso. Principalmente quando ele enfatiza: "Eu vim aqui falar para aqueles que estão acordados, que não estão jogando bola nem desfilando no carnaval!" Muita força, sem dúvida – e coragem.

No cinema, Hurtak foi encarregado por Spielberg de elaborar a música para a parte final do filme *Caçadores da Arca Perdida*. Não se limitou a compor qualquer tema: utilizou sons mântricos autênticos, da liturgia (na parte em que o ator Harrison Ford diz à heroína que não abra os olhos em hipótese alguma sem que ele o mande; na parte em que os alemães abrem a arca e dela saem espíritos que destroem a todos).

Mantras para a elevação espiritual

Jim Hurtak é assim: autêntico, rápido, direto e com muita força. Quem o viu e ouviu pensaria que fora ele e não Hynek a orientar o filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, pelo estilo vivo e ousado (não muito do feitio daquele).

UM FESTIVAL PARA TODOS OS GOSTOS

Sob o enfoque de "II Festival Para o Homem do Terceiro Milênio", foi apresentada uma grande variedade de temas aos presentes em Brasília por ocasião deste congresso ufológico: havia palestras sobre astrologia, alimentação natural, ginástica, pirâmides e muitos outros assuntos que, levados a cabo simultaneamente ao II Ciufo, deixaram o norte-americano Kynek indignado com tal "mistura".

Mas a verdade é que os cursos ministrados foram bem-aceitos pelo público, sequioso de novas e coerentes visões para o que nos cerca. No setor de alimentação natural, um dos que obtiveram maior destaque na mostra, Toninho Buda, falou sobre "Alimentação Natural – Um Mito Moderno"; Edson Hiroschi, "Alimentação" e trabalhos sobre "O Princípio Único na Alimentação Equilibrada" e "Autodiagnose, Autocura, Dependência Dependente", além do professor Mário Sanchez com o seu "Alimentação dos Ufonautas". A ioga também marcou presença, na palavra do professor Mário Cantarino e Margarida Vaz, e houve práticas de biodança, pela professora Lenora Lobo.

Um destaque especial para a presença de João Pio de Almeida Prado, que proferiu palestra explicativa sobre suas pinturas mediúnicas, exibindo *slides* – João Pio trabalha numa linha à semelhança do que faz Luiz Antonio Gasparetto (também presente em Brasília, pintando meia dúzia de telas no encerramento do II Ciufo), com a diferença de que não assina suas pinturas com nomes de consagrados mestres, mas com sua própria identidade. Retrata principalmente seus guias espirituais, com seus nomes próprios.

João Gilberto Miklos comentou um livro sobre viagem: *Eu Visitei Ganimedes*, de Yosip Ibrahim, enquanto Jefferson de Souza fez uma narração sobre seu próprio contato imediato de 3º grau, em Brasília (1979).

A astrologia também foi representada por Toninho Buda: "O Sistema Solar e o Zodíaco Celeste". E, por estarmos em Brasília, Afonso Henrique Soares Galvão (do Grupo Solaris) falou sobre "Os Aspectos Esotéricos de Brasília".

Numa área que poderíamos classificar como de transição entre o concreto e o abstrato, o doutor Waldir Rodrigues abordou o tema "A Física Moderna e o Espírito", e Newton Milhomens descreveu os "Três Modelos da Realidade Ufoló-

Columbia Pictures

Cena de Contatos Imediatos do Terceiro Grau: *para a maioria das pessoas, um filme já não tão inacreditável assim.*

gica".

O professor Salvatore de Salvo – emérito educador italiano radicado em São Paulo, lecionando engenharia química na FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), de São Bernardo do Campo, e na Faculdade Mauá – apresentou um extenso relatório sobre o "Raio Verde Negativo" no interior da pirâmide e os UFOs. Para o professor De Salvo, existe um sério risco na utilização indiscriminada da chamada "terapia da pirâmide", que pode levar a conseqüências graves, podendo provocar até o câncer pela exposição ao raio verde negativo (já abordado em *Planeta* 77, "As Casas Que Matam", citando as pesquisas de Roger Lafforest).

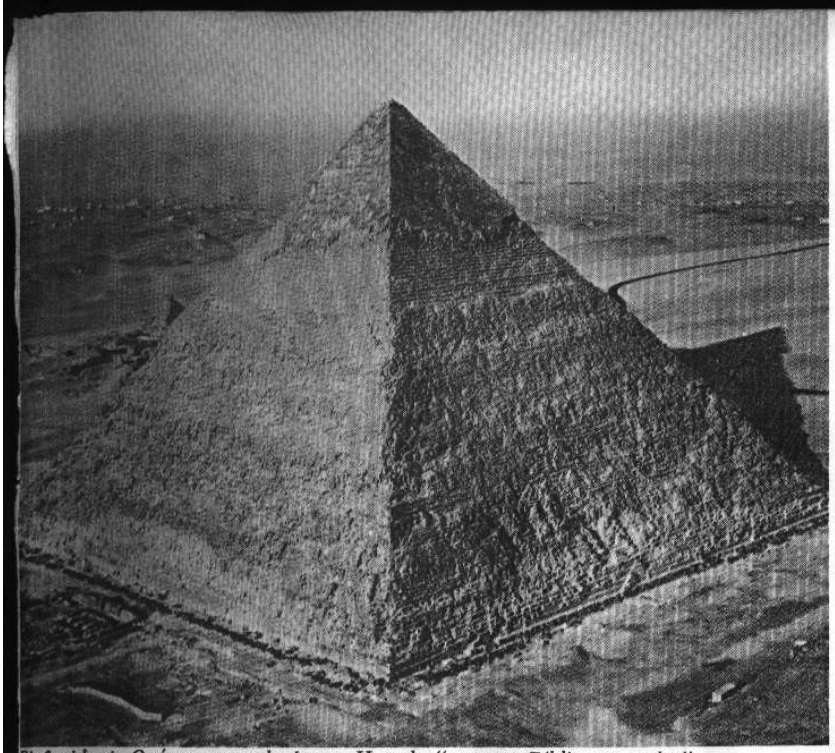
"É preciso tomar muito cuidado", diz Salvatore. "O povo, muito crédulo, freqüenta certos cursinhos sobre as maravilhas do poder da energia piramidal e, adquirindo uma réplica, passa a usá-la indiscriminadamente. Nisso há risco sério que precisamos denunciar. Nunca fique exposto aos raios verdes colocando-se na área correspondente à câmara do rei (2/3 da altura, ligeiramente para o lado), principalmente se a pirâmide estiver bem orientada. Se não estiver rigorosamente no sentido norte-sul não haverá perigo, mas também não serão manifestados os efeitos desejados – que, via de regra, são procurados para curas corporais e até desenvolvimento da mente."

Salvatore de Salvo ministra cursos sobre química orgânica e é um dos maiores defensores da verdade sobre os umitas (seres do sistema de Umus, que viveriam entre nós, dissimulando-se entre as populações da Terra). Sua palestra é sempre carregada de erudição e prende a atenção pelo enfoque corajoso e objetivo.

Luiz Gonzaga Scortecci de Paula merece comentários à parte, em vista do vulto de seu trabalho à frente do Projeto Alvorada (apresentado em detalhes em nossa edição nº 103). Com seu jeito mineiro de falar pausadamente, destacando cada frase e esperando a reação nos olhos das pessoas, é um orador que prende e fascina. Quando falava, durante o II Ciufo, seu auditório ficava lotado, enquanto os outros esvaziavam – e muitos oradores apresentaram seus trabalhos assim, para apenas um punhado de ouvintes, enquanto Gonzaga falava ao lado. Carisma ele tem, e está usando na consecução do ousado projeto que, se não se destina diretamente a "salvar vidas durante as catástrofes próximas", certamente servirá como ponto de convergência para o reerguimento moral e material do homem após os fortes sofrimentos por que passará em breve. É prático e ecológico, agradando a todos que tomam conhecimento do Projeto Alvorada, com suas estações celestes e terrestres, já espalhadas por vários Estados brasileiros, e uma grande quantidade de núcleos. Sua idéia deu certo – e continuará dando, por muito tempo. Representa uma esperança em meio a tanta apreensão, medo e desânimo que se abatem sobre o nosso pequeno mundo.

"Conseguimos transformar Brasília na capital mundial da ufologia nestes dias", diz ele alegremente. "E nosso público não é só o que está aqui, mas sim o público do Brasil inteiro, que está conosco, no mesmo pique de trabalho no campo da ufologia, suando a camisa e lutando para que o fenômeno não só seja reconhecido como um fato, senão também pela sua importância transcendental para toda a humanidade."

"Se a humanidade, de repente, reconhecer a existência do fenômeno UFO e a presença extraterrestre, nós *talvez possamos até evitar uma guerra nuclear* com os transtornos imensos que esta mesma humanidade está à beira de viver – por causa de suas loucuras e atividades inconseqüentes contra a natureza. O mundo está sofrendo e quem sabe, diante de uma perspectiva nova, a gente se renove e, com nova esperança, consiga reconstruir um planeta inteiro, passando a fazer parte dessas humanidades que velejam pelo universo afora.



Pirâmide de Quéops: segundo James Hurtak, "a nossa Bíblia em pedra".

corpo vivo, que vivem um congestionamento de energia muito fortes, as quais, o estão sufocando, impermeabilizando, fazendo com que não se equilibre através da *troca* natural que precisa manter com a energia cósmica.

Também o aparelho de Victorina se alia a outros trabalhos apresentados no II Ciufo, como o de James Hurtak e Leo Sprinkle (ambos dos EUA). Parece um quebra-cabeças que se compõe lentamente sobre a descoberta da verdadeira natureza humana e sobre a verdadeira situação do nosso lindo planeta azul. A oradora demonstra o aspecto ufológico da questão: "Os extraterrestres suscitam comportamentos entre os mais sensíveis (isto é, aqueles que têm maior capacidade de *sentir*). Desta forma obtêm determinada qualidade de energia para cumprirem seus objetivos, como corrigir rachaduras no corpo etérico do planeta."

Outro aspecto estonteante na tese da artista: "Os estragos no corpo etérico da Terra são provocados pela emanação de energia (atraindo energia destruidora). Isso ocorre quando há muita violência, ódios, etc. Então, "eles" apanham manancial de energia restauradora (amor) e trabalham na correção dos efeitos negativos que, se permanecem alimentados, poderão ativar inclusive grandes catástrofes."

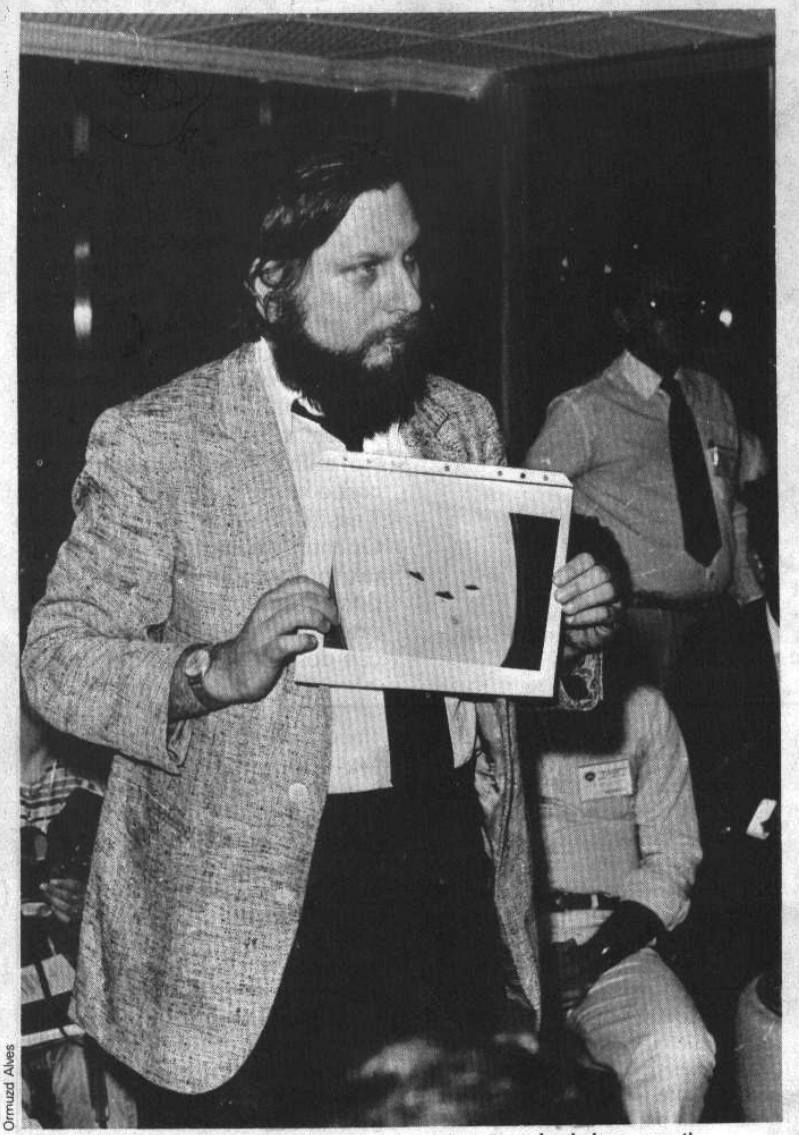
Ora vejamos: inúmeras mensagens psicografadas ao longo dos últimos anos nos previnem de uma catástrofe iminente, que poderá ocorrer nas próximas décadas, nos próximos anos, nas próximas semanas. Parece que estamos diante de um verdadeiro fim de mundo, como se não bastassem as ameaças nucleares, o caos da miséria que assola a maior parte da humanidade terrestre e outros afins, num processo histórico que não dá muitas chances para otimismo a curto prazo. Também a maioria das mensagens deixa uma fresta para a esperança – se o homem mudar, através da conquista da consciência e de aprimoramento na faculdade do *sentir*, poderá mudar o futuro e conquistar, sem tanta dor, a era dourada do Terceiro Milênio. "Isso é científico", diz Victorina.

Victorina Sagboni mostrou sensibilidade artística desde menina, quando escreveu seus primeiros poemas, aos oito anos. Depois veio a pintura, onde desenvolve arte maior, angariando elogios da crítica em diversos países do mundo. Sua trajetória na comunicação do sentir, a partir de sua infância em Curitiba (PR), tem sido profícua. Seu jeito é suave, claro, objetivo. Ela conta, nos bastidores, que muitas vezes assiste às próprias palestras "fora do corpo". Os que a assistiam não tinham conhecimento deste aspecto, dra, visto que a última tentativa de espiritualizar a humanidade ocorreu no Fértil Crescente. Estamos em face de uma nova integração, sem mitologização, compreendendo o nosso lugar no conjunto cósmico. Somos o *homo universalis*, composto de sangue (gás), linfa e magnetismo. Nossa mensagem pode chegar bem longe. Nossos cabelos são antenas de ouro com capacidade de captação de mensagens de até seis mil quilômetros. É para lá que devemos enviar nossas mensagens."

Com várias voltas ao mundo – em milhares de quilômetros percorridos da Índia aos Andes, de Tassili N'Ajer ao Cairo, do Oriente Médio ao Brasil –, Hurtak procura as "entradas" e os pontos de confluência das linhas ortotênicas do sistema de navegação dos OVNIs. Sendo diretor da embora ela revele francamente sua experiência inspiratória, contando sobre o aprendizado do sentir. Outros seres, mais evoluídos, transmitem informações? Camadas superiores da nossa própria natureza se manifestam, livres do jugo do nosso vigilante e restrito estado consciente? Parece que ambos. São meios de comunicação sutis, não-convencionais, mas que estão acontecendo.

"O movimento hippie, de paz e amor, foi uma intensa doação de energia sutil despertada por seres extraterrestres", conta. "Milhões de jovens, em todo o mundo, praticaram a atitude de *amor e paz*, vibrando energias restauradoras para objetivos que se desenvolveram também no plano das energias sutis. Podemos esperar por computadores que se auto-alimentarão através de energias hoje desconhecidas."

E energia é campo desafiador da ciência atual. Conhecemos algumas formas, utilizamos outras, como a eletricidade (sem sabermos ainda o que é) e supomos outras mais. Nossa ciência engatinha no mundo das energias. O conhecimento da potencialidade não-material (não-densa) do ser humano também ensaia seus primeiros passos. Pesquisadores buscam respostas para comportamentos como o corajosamente apresentado ao público do II Ciufo por Victorina Sagboni, por Hurtak, por Sprinkle. É o desafio que se afirma.



Ormuzd Alves

Hurtak: "Estamos quase prontos para penetrar no umbral do cosmo."

Academia de Ciências do Futuro, na Califórnia (EUA), mostrou farta documentação científica, inclusive fotos e gráficos procedentes da Nasa, da qual foi consultor. Seu material é muito atualizado – parte dele, obtido até a partir de fontes extraterrestres e ultraterrestres, juntamente com dados fornecidos por uma rede mundial de investigadores sobre os discos voadores "físicos" e psíquicos, inclusive com apresentação de uma gravação contendo os sons de uma nave alienígena. Mas trouxe, ainda, gravações contendo sons captados pela Voyager ao passar por Saturno – sons partidos dos anéis do planeta gigante, denotando uma seqüência inteligente, como se "alguém" estivesse tentando enviar uma mensagem à Terra, utilizando-se de nossos próprios meios de comunicação.

O Congresso atingiu seus objetivos, mesmo em se considerando as ausências do comandante Gerson Maciel de Brito, do parapsicólogo Mário Amaral Machado e Ademar Eugênio de Melo – impossibilitados de comparecer por motivos alheios às suas próprias vontades.

As conclusões são apresentadas pelo próprio presidente de honra, general Uchôa, que considerou este evento como "um aperfeiçoamento do 1º Congresso", organizado por ele próprio, em 1979.

"O mundo é belo porque é multíplice, como as nossas próprias posições aqui neste congraçamento. Este congresso representou um passo além, sobre o anterior. O pensamento incursionou pelas várias áreas do conhecimento humano – do folclore à astronáutica.

"O modelo da física atual não nos dá um modelo do universo real (só do fenomênico). Nem mesmo Einstein previu a que níveis a pesquisa chegará, pois há uma outra lei contrária à lei da inércia: a da transformação. Estamos saindo do enquistamento em direção ao Colégio Invisível, de Vallée, onde aquele ambiente físico, mas invisível, tem muito mais do que podemos compreender – pela grande distância que se encontra de nós, em termos de evolução."

"Gasparetto demonstrou aqui que deve haver um outro nível de consciência que tem poder de decidir – e que o faz! Há inteligências nos espaços astrais – e não são estrelas. São muito mais: compõem um ambiente de matéria não-física em correlação com o nosso espaço físico, desenvolvendo energias psíquicas como num quadro que surge em minutos – numa realidade maravilhosa."

Nesse ponto, as luzes se apagam e o general pergunta: "Mas o que é isso? Será que são os UFOs?" Não eram. Era Kronemberger que lhe preparara uma surpresa, entrando com um enorme bolo, cheio de velinhas acesas e com uma inscrição: 77. Foi a maneira mais sensível de homenagear aquele grande lutador que comemorava a passagem de seu 77º aniversário – marcando indelevelmente o encerramento do II Congresso Internacional de Ufologia de Brasília. Todos, em uníssono, cantaram o "parabéns a você". As luzes se acenderam. Abraços e formulações de votos foram distribuídos... e mais uma página se escreveu na história da ufologia brasileira.